



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E
REGIONALIDADE**

Michele Marques Baptista

**LÍNGUA E CULTURA REGIONAL: UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DA OBRA
A CASA DAS SETE MULHERES, DE LETICIA WIERZCHOWSKI**

Caxias do Sul
2015



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E
REGIONALIDADE**

Michele Marques Baptista

**LÍNGUA E CULTURA REGIONAL: UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DA OBRA
A CASA DAS SETE MULHERES, DE LETICIA WIERZCHOWSKI**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselle Olivia Mantovani Dal Corno

Co-orientador: Prof. Dr. Márcio Miranda Alves

Caxias do Sul
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

B222L Baptista, Michele Marques
Língua e cultura regional : um estudo léxico-semântico da obra *A casa das sete mulheres*, de Leticia Wierzchowski / Michele Marques Baptista. - 2015.
156 f. : il ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno,
Coorientador: Prof. Dr. Márcio Miranda Alves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, 2015.

1. Lexicologia. 2. Semântica. 3. *A casa das sete mulheres (obra literária)*. 4. Wierzchowski, Leticia - Crítica e interpretação. 5. Regionalidade na literatura. I. Título.

CDU 2.ed.: 81'373

Índice para o catálogo sistemático:

1. Lexicologia	81'373
2. Semântica	81'37
3. <i>A casa das sete mulheres (obra literária)</i>	821.134.3(816.5)-31
4. Wierzchowski, Leticia – Crítica e interpretação	821.134.3(816.5)-31.09
5. Regionalismo na literatura	82-027.541

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

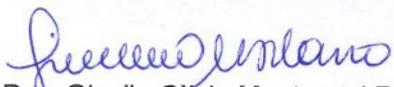
**Língua e cultura regional: um estudo léxico-semântico da obra
A casa das Sete Mulheres, de Leticia Wierzchowski**

Michele Marques Baptista

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 12 de agosto de 2015.

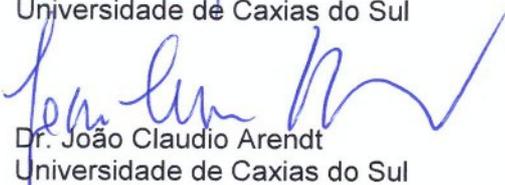
Banca Examinadora:



Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Universidade de Caxias do Sul



Dr. João Claudio Arendt
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Maria José Bocorny Finatto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente ao meu marido e ao meu filho por estarem sempre ao meu lado em momentos de angústia ou alegria e por serem meu porto seguro;

Aos meus verdadeiros amigos;

À Prof.^a Dr.^a Giselle Olivia Mantovani Dal Corno, minha orientadora, que aceitou o desafio desde o início; agradeço pela oportunidade e confiança;

Ao Prof. Dr. Márcio Miranda Alves, meu coorientador, por ter aceitado fazer parte deste estudo, não permitindo que eu desistisse no meio do caminho; pela ajuda e disponibilidade sempre que solicitei;

Ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade - Mestrado da UCS, Prof. Dr. João Claudio Arendt, por disponibilizar seus conhecimentos sobre “região” e “regionalidade” nas aulas; por participar da minha caminhada desde a qualificação;

À secretária Larissa Rizzon da Silva, sempre disposta a passar informações sobre o curso;

Aos professores do Programa que, de alguma maneira, contribuíram com seus ensinamentos, proporcionando discussões e sugestões;

Aos alunos do Mestrado, especialmente da Turma 12, pela troca de conhecimento;

À Izabete Libra Polidoro Lima, por ler e corrigir meu trabalho;

Aos colegas da Biblioteca Central, por estarem presentes, incentivando-me com carinho e dedicação;

A todos vocês e àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista, meu muito obrigada!

RESUMO

Alguns elementos da realidade histórica e cultural, identificados em obras de ficção que tratam do Rio Grande do Sul, contribuíram e ainda contribuem para a construção de um imaginário social e de uma identidade regional, seja nas representações do ambiente em que se passa a narrativa ou na própria linguagem utilizada pelo escritor. Partindo do pressuposto de que as escolhas lexicais do escritor, em seu texto, são fatores relevantes para a configuração do contexto histórico de uma determinada época, este trabalho analisa as relações entre o léxico do romance *A casa das sete mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski, e a cultura regional gaúcha. Para atingir os objetivos, a presente dissertação desenvolve uma análise léxico-semântica da representação das características histórico-culturais e sociais do Rio Grande do Sul a partir da seleção de lexias, organizadas em campos lexicais conforme a teoria de Coseriu (1979). Utiliza-se como aporte teórico os Estudos lexicais, Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, enfatizando o léxico relacionado a aspectos de cultura e regionalidade.

Palavras-chave: Campos lexicais. Estudos lexicais. Cultura regional. Regionalidade. Leticia Wierzchowski.

ABSTRACT

Some elements of historical and cultural reality, identified in fiction about the State of Rio Grande do Sul, have contributed and still contribute to the construction of a social imaginary and of a regional identity, whether in representations of the environment in which the narrative takes place or in the language used by the writer. On the assumption that the writer's lexical choices are relevant factors to setting the historical context of a given season, this paper aims to examine the relation between the lexicon of the novel called "The House of Seven Women", by Leticia Wierzchowski (2002) and regional culture. To achieve these goals, this dissertation develops a lexical-semantic analysis of the representation of the historical-cultural and social characteristics of Rio Grande do Sul from the selection of lexias, organized into lexical fields according to Coseriu's theory (1979). As theoretical contribution it was used the lexical studies, Lexicology, Lexicography and Terminology, emphasizing the lexicon related to culture and regional aspects.

Keywords: Lexical Fields. Lexical studies. Regional Culture. Regionality. Leticia Wierzchowski.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revolução Farroupilha ano a ano.....	32
Quadro 2 – Aspectos da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.....	54
Quadro 3 – Árvore lexical da obra <i>C7m</i>	63
Quadro 4 – Distribuição dos campos lexicais.....	64
Quadro 5 – Lexias separadas de acordo com os campos lexicais.....	66
Quadro 6 – Estrutura dos campos lexicais.....	68
Quadro 7 – Modelo de ficha lexicográfica.....	72
Quadro 8 – Relação de frequência das lexias que compõem os campos lexicais.....	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de lexias dos campos lexicais em <i>C7m</i>	70
Gráfico 2 – Lexias que possuem o maior número de frequência de citações.....	110
Gráfico 3 – Etimologia das lexias selecionadas em <i>C7m</i>	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>C7m</i>	<i>A casa das sete mulheres</i>
s.p.	sem paginação
s.m.	substantivo masculino
s.f.	substantivo feminino
v.	verbo
adj.	adjetivo
n/e	não encontrado
DELP	<i>Dicionário etimológico da língua portuguesa</i>
DG	<i>Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades (OLIVEIRA, 2010)</i>
DGB	<i>Dicionário gaúcho brasileiro (BOSSLE, 2003)</i>
DH	<i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2003)</i>
VSR	<i>Vocabulário sul-rio-grandense (CALLAGE et al, 1964)</i>
FREQ.	frequência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A OBRA, A HISTÓRIA, A REGIÃO	17
2.1 <i>A CASA DAS SETE MULHERES</i> : ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE.....	17
2.2 A REVOLUÇÃO FARROUPILHA E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	26
2.3 FUNDAMENTOS DE REGIÃO E REGIONALIDADE.....	36
2.4 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.....	42
3 SUBSÍDIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO	48
3.1 ESTUDOS LEXICAIS: O LÉXICO.....	48
3.2 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA.....	51
3.3 OS CAMPOS LEXICAIS.....	55
3.4 PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DE <i>C7M</i>	59
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS LEXIAS	73
4.1 FICHAS LEXICOGRÁFICAS.....	73
4.1.1 Espaço público.....	73
4.1.2 Espaço privado.....	99
4.2 NARRATIVA E ESCOLHAS LEXICAIS: INTERPRETAÇÕES.....	109
4.3 <i>C7M</i> E A CULTURA REGIONAL: INTERFACES LINGUÍSTICAS.....	118
5 CONCLUSÕES	125
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	137
ANEXO A – PROGRAMA <i>ANTCONC 3.2.4</i>	137
ANEXO B – AMOSTRA DA <i>WORDLIST</i> DE <i>C7M</i> GERADA PELO <i>SOFTWARE ANTCONC</i>	140
ANEXO C – GLOSSÁRIO	141
ANEXO D – ÍNDICE REMISSIVO DAS LEXIAS	156

*A casa das sete mulheres
Guarda ânsias e tristezas,
Ausências e incertezas,
Da alma de todas elas,
De cada alma uma dor...
E as portas e as janelas,
Em azul tonalidade,
Dão impressão que a saudade
Foi que escolheu a cor.*

*Mas, nas noites de plenilúnio,
Quando o pampa se ilumina
E o aroma da bonina
Vai os campos perfumar;
A gente ficando a mirar,
Parece, assim na distância
A paz habita e flutua,
Ao ver-se a casa tão branca
Ficar ainda mais branca
Na branca prata da lua.*

(GLOBO, 2003)

1 INTRODUÇÃO

Todo sistema lingüístico¹ manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Isso significa que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas. (BIDERMAN, 1998a, p. 93).

Pesquisar uma língua é analisar também aspectos históricos e culturais da sociedade que a emprega. Por ser um instrumento de interação social, a língua está exposta a constantes mudanças e alterações por influência de diversos fatores, tais como: históricos, geográficos, sociais e culturais. É no léxico – acervo de palavras partilhadas pelos membros de uma comunidade – que boa parte dessas mudanças se evidencia.

Conforme Biderman (2001a, p. 139), “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Esse é um processo dinâmico, em que o próprio uso da língua contribui para sua manutenção e renovação, já que os “membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua.” (BIDERMAN, 2001a, p. 139). Assim, por meio da análise do léxico pode-se definir e identificar não apenas uma língua, mas também a que grupo social ou região o indivíduo que a fala pertence, relacionando seus traços culturais ao *modus vivendi* de uma comunidade. Dessa forma, os aspectos histórico-sociais e culturais podem motivar características regionais, refletindo no léxico utilizado por essa comunidade.

Enquanto produto social e cultural, o léxico se caracteriza como um sistema que veicula as manifestações comportamentais dos indivíduos ou de uma determinada região, no qual pode-se também identificar características culturais de diferentes espaços e períodos históricos. Petri diz que o léxico pode ser definido como um

campo de difícil análise, pelas implicações culturais que possui e porque nele, mais do que nenhum outro, se observa melhor a condição dinâmica da língua, sua contínua renovação para atender às necessidades de comunicação, fato que reflete a mobilidade das estruturas sociais, que também se renovam incessantemente. (2003, p. 58).

¹ Nas citações preserva-se a ortografia do original.

O estudo do léxico relacionado a uma obra literária, assim, parte do princípio da caracterização da língua estabelecida no enredo, a qual determina as regionalidades destacadas pelo autor e identifica os processos culturais e sociais da história na obra. Como o léxico é considerado o elemento dinâmico da língua, ele configura a realidade alterando-a ou não. Observa-se, também, que, em algumas obras literárias, a cultura e a história de uma determinada região constituem elementos essenciais da representação. Por isso, essas obras não deixam de ser relevantes do ponto de vista da reprodução de hábitos e costumes regionais. Sendo assim, uma obra literária de ficção pode ser considerada uma manifestação cultural, abarcando um determinado período histórico. As escolhas lexicais do escritor dependem do contexto em que transcorre a narrativa e podem estabelecer relações entre os aspectos sociais e culturais e o vocabulário utilizado, revelando, assim, características particulares dos personagens e do meio.

Nesse sentido, o presente estudo consiste em uma análise da representação das características histórico-culturais do Rio Grande do Sul, por meio do léxico da obra *A casa das sete mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski.

Leticia Wierzchowski é uma escritora gaúcha, nascida em Porto Alegre, autora de diversas obras em prosa. A maioria de seus romances destaca o Rio Grande do Sul como cenário para a narrativa ficcional. *A casa das sete mulheres* é seu romance mais conhecido, principalmente depois de ter sido adaptado como minissérie para a televisão. A obra mescla realidade e fantasia para narrar a história da Revolução Farroupilha (1835-1845), apresentando aspectos regionais, culturais e sociais da época abordada. Desse modo, a realização de um levantamento de lexias na narrativa viabiliza tanto uma análise da linguagem quanto do universo sociocultural dos habitantes sul-rio-grandenses².

Procura-se observar, neste estudo, as escolhas lexicais feitas pela escritora para representar as características histórico-culturais do Rio Grande do Sul, no período em que se passa o romance, a primeira parte do século XIX. Para isso, verifica-se, a partir da aplicação de princípios teóricos dos Estudos lexicais (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia)³, a configuração desse universo ficcional.

Os Estudos lexicais são de grande relevância para a área de Biblioteconomia, área de minha formação⁴, pois eles além de abordarem o vocabulário, enfatizam a Terminologia que

² As palavras *gaúcho* e *sul-rio-grandense* serão utilizadas nesta pesquisa com o mesmo significado.

³ As três principais áreas compreendidas nos Estudos lexicais serão grafadas com iniciais maiúsculas para enfatizar o conceito.

⁴ Formação Bacharel em Biblioteconomia no ano de 2004 pela Universidade Federal do Rio Grande.

caracteriza a informação especializada de uma determinada área de conhecimento, no sentido de que alguns documentos ou textos sejam identificados e registrados por meio do processo de indexação, representando, dessa forma, os termos veiculados na documentação ou textos analisados.

A Biblioteconomia trabalha com o vocabulário controlado, seja de determinada área de conhecimento ou de materiais bibliográficos. Também está ligada a aspectos linguísticos, apresentando como base tesouros que enfatizam a relação entre os termos. Com isso, o trabalho com termos ou palavras pré-selecionadas retiradas de algum material bibliográfico ou, até mesmo, de uma obra literária, é muito importante para a indexação e recuperação da informação, dessa forma, na Biblioteconomia, é fundamental conhecer o significado das lexias, das palavras e dos termos para melhor recuperar determinada informação.

Opta-se pela análise léxico-semântica para poder tanto verificar as lexias e expressões do ponto de vista semântico (isto é, buscando explicitar seu significado e sentidos), quanto dar conta da sua organização em campos lexicais, identificando aqueles que contribuem para a representação da cultura no recorte regional e temporal proposto na obra.

A justificativa, por desenvolver uma análise léxico-semântica representativa de um determinado momento histórico, em *A casa das sete mulheres*, também se deve ao fato de haver poucos estudos que abordem o léxico gaúcho em obras literárias. Entre as pesquisas existentes no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, nenhuma delas investiga as lexias de *A casa das sete mulheres*. No entanto, existem trabalhos importantes relacionados às questões lexicais, como: *A música dos pampas em uma perspectiva lexical: milongando entre o espanhol e o português* (SANTOS, 2014); *O léxico como representação cultural em traduções de “As vinhas da ira”* (BELTRAM, 2012); *Conceptualização de “Serra Gaúcha” no discurso turístico publicitário* (KELLER, 2011); *Língua e cultura: um estudo de nomes de pratos oferecidos em um restaurante de Gramado (RS)* (BRAULIO, 2006); *Neologia lexical: um estudo da fala e vida de bilingües português-fala dialetal italiana (RCI-RS)* (ALBERTI, 2005). Analisando-se os trabalhos citados, constata-se que nenhum deles focaliza especificamente o léxico gaúcho, o que indica uma lacuna nos Estudos lexicais, especialmente com respeito ao léxico regional do Rio Grande do Sul, presente em obras literárias de ficção. Diante disso, a pesquisa pretende contribuir não apenas para os Estudos lexicais, mas também para analisar as relações entre o vocabulário de uma narrativa ficcional, a expressão da cultura regional e a literarização dessa região.

A análise léxico-semântica deste trabalho apresenta uma amostra do universo lexical considerado regional, identificando as lexias dentro de contextos e situações histórico-culturais e sociais que as caracterizam. Desse modo, pode-se apontar aspectos regionais na obra e conhecer os costumes e a cultura dos personagens, a partir do contexto histórico em que estão inseridos. Em outras palavras, por meio de um estudo das lexias organizadas em campos lexicais pretende-se verificar a identidade regional representada.

Além disso, ressaltam-se a abordagem do significado/sentido das lexias identificadas na obra, dentro do contexto regional; a organização das lexias selecionadas em campos e respectivos microcampos representativos; a análise mediante os resultados dos campos léxicos e, por fim, o desenvolvimento de um pequeno glossário com as lexias selecionadas e analisadas.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No capítulo, intitulado “A obra, a história, a região”, que se divide em quatro seções, apontam-se algumas questões referentes ao enredo da obra *A casa das sete mulheres*. Procura-se fazer uma contextualização histórica da Revolução Farroupilha, identificando os principais acontecimentos que marcaram a época, destacando as diferentes representações da guerra na literatura gaúcha. Em seguida, apresentam-se conceitos referentes à língua, à cultura e à sociedade, bem como a questões dessa ordem enfatizadas na obra, levando em consideração as concepções já existentes e as relações do homem com sua língua e identidade cultural. Essa reflexão surge da necessidade de relacionarmos a linguagem com o léxico e com os aspectos socioculturais. Embora o estudo aqui proposto não tenha um cunho puramente cultural ou antropológico, apontamentos dessas áreas são fundamentais para um melhor aprofundamento da análise linguística, em que a língua aparece como um reflexo da cultura.

No capítulo seguinte, intitulado “Subsídios teóricos e metodológicos para um estudo léxico-semântico”, aponta-se a fundamentação teórica para os Estudos lexicais⁵, que constituirão a base principal para o levantamento e a classificação das lexias. Nesse capítulo, apresenta-se primeiramente o léxico, que estabelece relações entre a semântica e a cultura regional. São, também, incluídas nesse capítulo questões de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia e realiza-se uma abordagem de algumas teorias linguísticas, que servem de base para a teoria dos campos lexicais, tendo como principal apoio a teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1979). Descreve-se, ainda, a metodologia utilizada para a pesquisa.

⁵ Adotar-se-ão iniciais maiúsculas nas palavras Lexicologia, Lexicografia e Terminologia para melhor destacá-las.

Primeiramente, apontam-se as abordagens e técnicas utilizadas. Na sequência, apresentam-se os campos léxicos, a partir de análise e estruturação das lexias selecionadas, bem como a coleta e construção das mesmas. São, também, explicados os critérios de composição do *corpus*, assim como os procedimentos para o seu processamento computacional por meio do *software Antconc 3.2.4*.⁶ Por último, apresentam-se os campos lexicais escolhidos para análise, o modelo de ficha lexicográfica construído para registro das lexias selecionadas e os dicionários que serviram para a análise lexicográfica.

No capítulo intitulado “Apresentação e análise das lexias”, dividido em duas seções, apresentam-se as lexias coletadas na forma de fichas lexicográficas, a partir das quais foi realizada a análise léxico-semântica, bem como interpretam-se os resultados obtidos, a partir das análises desenvolvidas. No total, foram catalogadas 142 lexias em fichas lexicográficas, dispostas em ordem alfabética, de acordo com o campo lexical a que pertencem. A metodologia consiste na seleção das lexias, seguidas das abonações, com o intuito de explicitar o sentido da palavra em análise. Além disso, realiza-se uma análise semântica das lexias selecionadas, mostrando as características regionais de cada uma ou associando-as a características regionais. Por último, procura-se interpretar de que maneira a narrativa, por meio do léxico empregado, se aproxima do imaginário coletivo em relação ao contexto da guerra e à cultura regional com um todo, bem como a forma com que a representação literária contribui para o fortalecimento de modelos de identidade e para o processo de literarização da região.

No final, são tecidas as “Conclusões”, retomando alguns aspectos conceituais que serviram de base para a pesquisa e relacionando os resultados obtidos às questões de cultura e regionalidade.

Pretende-se, assim, com este trabalho, contribuir com os estudos linguísticos da região, resgatar uma pequena parte do vocabulário regional do Rio Grande do Sul e refletir sobre a formação de uma identidade regional, a partir do estudo léxico-semântico de uma obra ficcional.

⁶ *Antconc. 3.2.4* é um programa desenvolvido pelo professor inglês Antony Lawrence, especialista em desenvolver *softwares* de extração de termos. Está disponível gratuitamente em sua página pessoal, no endereço: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html>>. Para mais informações, veja-se o Anexo A.

2 A OBRA, A HISTÓRIA, A REGIÃO

Neste capítulo procura-se apontar algumas questões referentes ao enredo da obra *A casa das sete mulheres* numa contextualização histórica com relação à Revolução Farroupilha e em comparação com eventos da literatura gaúcha. Também, apresentam-se conceitos referentes a língua, cultura e sociedade.

2.1 A CASA DAS SETE MULHERES: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

A Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835-1845) — a mais longa guerra civil do continente —, foi uma luta dos latifundiários rio-grandenses contra o Império brasileiro. As complexas razões do levante estão nos livros de História. O que não está nos livros de História sobre essa guerra brasileira está neste livro de Leticia Wierzchowski. Porque A casa das sete mulheres é um exercício totalizador sobre a violência da guerra — de qualquer guerra — e sua influência maléfica sobre o destino de homens e de mulheres. (Tabajara Ruas)⁷

Em *A casa das sete mulheres* (doravante *C7m*),⁸ a escritora Leticia Wierzchowski apresenta uma representação de eventos relacionados ao período da Revolução Farroupilha (1835-1845), também conhecida como Guerra dos Farrapos, ocorrida no Rio Grande do Sul, como reflexo de descontentamentos com a política do poder imperial. As justificativas para um levante contra o domínio do Império eram, entre outras, os altos impostos e as tarifas alfandegárias cobradas do estado. A partir da história sobre o conflito armado, que custou vidas para ambos os lados, a narrativa ficcional fornece ao leitor um conjunto de aspectos sociais e culturais da região.

Em relação ao diálogo entre história e literatura, Hohlfeldt (1996, p. 34) afirma que “história é a narrativa dos fatos que ocorreram, nos ensinou Aristóteles em sua *Poética*, acrescentando: literatura é a narrativa do que poderia ter ocorrido”. A respeito desse tema, Chaves (1999) comenta, na contracapa de sua obra *História e literatura*, que a “fronteira entre história e literatura não separa os dois territórios. Antes determina o ponto de convergência onde podemos observar a unidade do texto literário”.

Nesse sentido, concorda-se com Candido (2000, p. 7), quando este comenta que as referências históricas, no contexto de um romance, permitem identificar a expressão de uma

⁷ Prefácio da obra *A casa das sete mulheres* (2002).

⁸ Todas as citações de trechos da obra serão referenciadas pela sigla *C7m* e a página da edição de 2002 de que foram extraídas.

determinada época ou sociedade e situam historicamente os acontecimentos. É preciso observar, também, que o caráter ficcional de uma obra literária, envolvendo eventos históricos, compõe-se por meio da capacidade de reinscrever o passado no presente. Com relação aos eventos do passado, Chaves (1976, p. 99) faz uma reflexão partindo do princípio de que a inclusão de uma crítica social, em um texto literário, é caracterizada pela oposição dialética entre os falsos valores da coletividade e os valores que o autor toma como autênticos, configurando a vida dos personagens no mundo imaginário da ficção. *C7m*, embora possua um discurso ideológico implícito, não chega a conter uma *crítica social*, tampouco procura reproduzir os eventos *reais*, conforme aparecem na historiografia, principalmente em relação ao período da revolução. Isso significa que a obra está de acordo com a afirmação de Pesavento (1998, p. 19), quando ressalta que uma representação do mundo social não pode ser considerada como o “reflexo do real”.

O romance *C7m* mescla acontecimentos ocorridos no século XIX, em especial a Revolução Farroupilha, e personagens históricos resgatando valores sociais e culturais presentes no imaginário coletivo. Esses acontecimentos levam, de forma geral, a uma postura ideológica já manifestada anteriormente em outras obras de ficção da literatura gaúcha, as quais procuram enaltecer a postura épica dos homens que lutavam na guerra, centrada no arquétipo de Bento Gonçalves como o herói gaúcho. A obra de Wierzchowski não se caracteriza por uma postura laudatória em relação à história do Rio Grande do Sul. No entanto, se a literatura é um dos principais meios de que “dispõe o indivíduo a estabelecer laços imaginários com seus semelhantes”, como afirma Leenhardt (1998, p. 49), *C7m* permite a identificação do leitor com um imaginário social já construído pela literatura e pela historiografia.

Segundo Pesavento (1998, p. 22), “não é intenção do texto literário prover que os fatos narrados tenham acontecido concretamente”. Uma narrativa de ficção precisa apresentar uma explicação do real, traduzindo uma visão de mundo pelo autor. Se, por um lado, o historiador tem a preocupação de atribuir situações específicas de espaço e tempo, eventos observáveis ou perceptíveis em sua obra, os autores da literatura ocupam-se tanto desses eventos quanto dos imaginados e ficcionais. Ambos, historiador e autor literário, tentam oferecer uma imagem da realidade em um determinado texto. Pesavento (1998, p. 21) diz que o campo preferencial do imaginário é o discurso literário, na medida em que este se preocupa com a verossimilhança, e que a ficção “não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma

de captá-lo, em que os limites de criação e fantasia são mais amplos que aqueles permitidos ao historiador”.

O autor de uma obra literária recorre a elementos fantasiosos para representar a realidade de fatos históricos. Esses elementos, embora imaginados, têm uma forte relação com o ambiente social e cultural do período retratado. No caso de *C7m*, a autora busca apresentar a vida dos homens e das mulheres no tempo da revolução, embora não tenha a intenção de reescrever a história propriamente dita. Para Moysés (1998, p. 94), o autor não pretende inventariar esses fatos, mas recuperá-los enquanto “imagens de uma época, fundamentais para sua compreensão histórica”. Ainda segundo ele, “recuperá-los, na língua e na literatura, enquanto representações que, de acordo com o modelo escolhido, são perspectivas sociais e históricas”.

Torna-se indispensável a associação entre a produção literária e o tempo preestabelecido, permitindo mesclar, no momento da criação literária, elementos de ficção com a realidade, transformando-os em relato histórico-social. Para isso, Pesavento (2004, p. 82) diz que “tanto a história quanto a literatura, são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro [...] ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história”. A história busca contar a verdade, mas textos literários não têm essa preocupação.

Essa aproximação entre a ficção e a história revela uma fronteira entre o imaginário e o verdadeiro. Advém que o trabalho de um autor de ficção, de acordo com as ideias de Chartier (1991, p. 175), é escrever a partir de fontes documentais que informam o que as pessoas faziam em determinada época, mas nem por isso essas fontes são consideradas um retrato fiel de como realmente viviam. Podem ser vistas como representações do passado, construídas a partir de um olhar. Ao construir ou inventar o passado, o autor pode ser capaz de representar o já representado, atribuindo outros significados e sentidos.

Na acepção de Candido (2000, p. 7), o elemento social “se torna um dos muitos que interferem em uma obra, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros”. Esse fator social, que passa pela representação de grupos distintos, consiste em uma questão central para a formalização estrutural da obra. Sobre a relação autor e obra, Candido (2000, p. 25) afirma que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”. O crítico diz ainda que “o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, decorrem do impulso criador como unidade inseparável”.

(CANDIDO, 2000, p. 25).

Wierzchowski, embora seja uma autora contemporânea, ambienta o romance no século XIX e recria, ficcionalmente, o contexto social da época, o qual passa necessariamente por posturas de cunho cultural, político, familiar e afetivo.

A intenção da autora de *C7m* não é ser fiel, conforme dito anteriormente, à história real do que aconteceu no período da guerra, mas, sim, ficcionalizar os fatos, para ajudar na compreensão de um “outro olhar” relacionado à revolução. A natureza dos personagens na história descreve um padrão psicológico de cada um, e a linguagem apoia-se em detalhes com base na valorização do espaço físico e da temporalidade. É assim que a autora constrói o romance, apresentando o destino de cada um dos personagens e demonstrando sua relevância também por meio da coletividade. Para Barros (2006, p. 461), certos estudos se referem à vida humana, por meio de um decurso e de uma passagem pelo tempo, trazendo à tona a ideia de temporalidade.

A autora também retorna ao passado, mas com os olhos do presente, a partir de uma visão sobre a revolução e seus vários acontecimentos. Conforme Candido (2000, p. 26), a primeira tarefa de um autor “é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais, sendo que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação”. Percebe-se, assim, que a posição social do autor, o conteúdo da obra e sua transmissão são relevantes, identificando quatro momentos da produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-se segundo os padrões da sua época; b) escolhe certos temas; c) usa certas formas; e d) a síntese resultante age sobre o meio”. (CANDIDO, 2000, p. 26).

Como personagem principal e, também, narradora em primeira pessoa do romance, destaca-se uma das moças que faz parte do grupo das sete mulheres confinadas na casa: Manuela, sobrinha do general Bento Gonçalves. Em seus cadernos, ao estilo de um diário, Manuela descreve com detalhes esse período conturbado da história do Rio Grande do Sul, incluindo a participação das lideranças, as paisagens do pampa, os sentimentos dos demais personagens, além de acontecimentos sociais e políticos da época.

Por meio do diálogo entre os personagens e suas caracterizações coletivas, verifica-se uma posição sociocultural em um determinado momento histórico. Candido (2000, p. 27) diz que os elementos individuais adquirem significado social, na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas, fazendo com que os indivíduos possam exprimir-se,

encontrando repercussão dentro de um grupo social. Verificam-se aspectos dessa ordem logo no início do romance, quando Manuela começa a narrar os acontecimentos dentro da casa:

Quando o relógio cessou de soar o seu grito, a voz de meu pai se fez ouvir: "Que Deus abençoe este novo ano que a vida nos traz, e que nesta casa não falte saúde, alimento ou fé." Todos nós respondemos: "Amém", erguendo bem alto nossos copos, e nisso não houve ainda nada que pudesse alterar o curso dos acontecimentos que nos regiam tão dolentemente os dias naquele tempo. Minha mãe, em seu vestido de rendas, os cabelos presos na nuca, bonita e correta como era sempre, começou a servir a família com os quitutes da ceia, sendo seguida de perto pelas criadas, e poucos segundos depois, quando do relógio não mais se ouvia um suspiro ou lamento, tudo em nossa casa recobrou a antiga e inabalável ordem. Risos e ponches. A mesa iluminada por ricos candelabros estava farta e repleta da família: minhas duas irmãs, Antônio, meu irmão mais velho, o pai, a mãe, D. Ana, minha tia, acompanhada de seu marido e dos dois filhos barulhentos e alegres, meu tio, Bento Gonçalves, sua mulher de lindos olhos verdes, Caetana, a prima Perpétua e meus três primos mais velhos, Bento Filho, Caetano e, à minha frente, olhando-me de soslaio de quando em quando, com os mesmos pequenos olhos ardentes do pai, Joaquim, a quem eu fora prometida ainda menina, e cuja proximidade me causava um leve tremor nas mãos, tremor este que eu conseguia disfarçar com galhardia, ao segurar os pesados talheres de prata que minha mãe usava nos dias de festa. (p. 11-12).

Além do aspecto sociocultural, percebe-se também, na obra, uma construção da identidade gaúcha, a partir do processo de caracterização da guerra e do diálogo com a história do Rio Grande do Sul, no século XIX. *C7m* evoca o período conturbado do conflito e, ao mesmo tempo, apresenta um desenho moral dos personagens, por meio de seus pressupostos ideológicos e das relações familiares, denotando o comportamento das mesmas, em estrita função do caráter representativo na história.

Tabajara Ruas, no prefácio da obra *C7m*, assim resume a situação da família durante a guerra:

O líder do movimento, general Bento Gonçalves da Silva, isolou as mulheres de sua família em uma estância afastada das áreas em conflito, com o propósito de protegê-las. A guerra que se esperava curta começou a se prolongar. E a vida daquelas sete mulheres confinadas na solidão do pampa começou a se transformar. (s. p.).

Na narrativa ficcional, mesclam-se as memórias da narradora-personagem Manuela, a recuperação do espaço rio-grandense e a mediação cultural. Manuela não deixa de comentar, à sua maneira, e caracterizar física e psicologicamente os personagens na narrativa, como no caso de Caetana:

Caetana é minha tia, pois casou-se com meu tio Bento, e no entanto, mesmo a tendo conhecido assim, ao lado do tio, desde que nasci, não posso chamá-la de tia. Há uma dignidade estranha nela, em cada gesto seu, cada olhar. E mulher, apenas, e é tanto. Seus suspiros exalam suave fragrância, e imagino que Bento Gonçalves tenha por ela se apaixonado ao primeiro olhar, quando por acaso conheceu-a em alguma tertúlia uruguaia, na casa de seu pai ou de um outro estancieiro chegado seu. Meu tio Bento também é um homem marcante, de força. Quando pisa no chão, é como se a madeira tremesse um tanto a mais, mas não por seu peso, nem que pise forte, é que tem nos olhos, nas carnes, no corpo todo um poder e uma calma dos quais não se pode escapar. (p. 35).

A narrativa *C7m* desenvolve-se através da intercalação de dois tempos históricos: o passado da guerra e o presente de Manuela. Verifica-se um período de transição, na obra, em que a narradora Manuela descreve acontecimentos do passado que ainda podem ser alcançados através de suas lembranças.

Os cadernos da personagem são divididos em anos, mas a obra não segue um tempo cronológico. Manuela narra desde o primeiro ano da revolução, 1835, a partir da segunda parte do romance, estabelecendo uma alternância entre os períodos. Além de Manuela, a obra traz um narrador em terceira pessoa, o qual descreve a Revolução Farroupilha.

O trecho a seguir refere-se ao primeiro ano da Revolução Farroupilha e também ao primeiro ano descrito na obra:

O ano de 1835 não prometia trazer em seu rastro luminoso de cometa todos os sortilégios, amores e desgraças que nos trouxe. Quando a décima segunda badalada do relógio da sala de nossa casa soou, cortando a noite fresca e estrelada como uma faca que penetra na carne tenra e macia de um animalzinho indefeso, nada no mundo pareceu se travestir de outra cor ou essência, nem os móveis da casa perderam seus contornos rígidos e pesados, nem meu pai soube dizer mais palavras do que as que sempre dizia, do seu lugar à cabeceira da mesa, olhando-nos a todos nós com seus negros olhos profundos que hoje já perderam há muito o seu viço, a sua luz e a sua existência de olhos de homem do pampa gaúcho que sabiam medir a sede da terra e a chuva escondida nas nuvens. (p. 11).

Logo após o ano de 1837, Manuela passa para 1867, lembrando os acontecimentos da época remota, conforme a passagem abaixo:

Pelotas, 30 de junho de 1867. Quando março ia se esgotando, trazendo lentamente o outono para nossa terra, as coisas começaram a acontecer. Não é preciso dizer que cada notícia, cada suspiro cifrado levavam muitos e muitos dias para chegar até a estância, tendo traçado para isso caminhos tão tortuosos que, muitas vezes, desconfiávamos daqueles segredos, e não sabíamos se era cause de estar triste ou de estar feliz [...] (p. 153).

Nessa estrutura temporal desenvolvida em *C7m*, o passado se constrói esclarecendo o presente. A realidade apresentada leva, pois, à configuração de uma dimensão sociológica identificada pelos valores sociais, calcados na tradição épica de personagens mitificados, cuja manifestação verifica-se tanto na figura das mulheres da casa quanto dos homens envolvidos na guerra.

Bento Gonçalves, por exemplo, é uma figura de grande destaque na obra. O general, líder da revolução, recebeu um tratamento diferenciado da historiografia relacionada à revolução, que o considerou “como o herói do movimento, corporificando todas as virtudes típicas do homem rio-grandense”. (PESAVENTO, 2004, p. 46). Reforçando essa visão idealizada, a narrativa apresenta Bento Gonçalves como

um homem alto, de barba cerrada e negra, e poses de fidalgo. Não aparentava os quarenta e seis anos que tinha, porque em tudo emanava energia, até nos menores gestos, mas era comedido, compenetrado, confiável. Por isso era o homem forte da revolução, um gaúcho, no más. Corajoso e sereno. Usava naquela manhã o dólma azul, bombachas escuras, o chapéu de barbicacho e, presas nas botas de couro negro, suas esporas de prata, muito bem areadas, brilhantes. O lenço vermelho de seda estava preso ao pescoço. (p. 28).

Sobre o ambiente no qual se desenvolve a narrativa, a maior parte dos acontecimentos transcorre em uma casa localizada na Estância da Barra, às margens do Rio Camaquã,

de propriedade de D. Ana Joaquina da Silva Santos e do seu esposo, o senhor Paulo [...] A Estância da Barra ficava na ribeira do Arroio Grande, às margens do Camaquã, a doze léguas da Estância do Brejo, esta de propriedade de D. Antônia, irmã mais velha de Bento e D. Ana. A Estância do Brejo também situava-se às margens do Rio Camaquã e possuía um imenso laranjal, famoso entre todas as crianças da família Silva. (p. 18).

Essa “casa” é caracterizada simbolicamente mais como um refúgio para as mulheres e descanso da guerra para os homens. Embora seja representada ficcionalmente no romance, a casa realmente fez parte da história, no período da revolução, e abrigou a família de Bento Gonçalves. No romance, elas são conhecidas como D. Antônia, Caetana, Rosário, D. Ana, Perpétua, Manuela e Mariana.⁹ Manuela, juntamente com as outras mulheres e seus filhos pequenos, fora enviada à residência para que ficasse protegida da revolução. Essas sete mulheres permaneceram ali confinadas durante dez anos, até o término da batalha. Refugiadas

⁹ Alguns nomes dos familiares de Bento Gonçalves coincidem com os personagens do romance, mas não foi realizado um estudo para verificar se todas as mulheres realmente existiram ou se fazem parte somente da ficção.

na Estância da Barra,

compartilham seus dias com Dona Rosa, governanta e mãe solteira, os escravos e peões da estância, além de soldados farroupilhas de passagem – entre eles, oficiais de alta patente, como Antônio de Souza Neto e Afonso Corte-Real [...] participavam da trama, ainda, Onofre Pires, Davi Canabarro, o jornalista italiano Luigi Rossetti, o temido caramuru Moringue, o futuro duque de Caxias, além de outros personagens históricos. (GLOBO, 2003, p. 14).

O aspecto central da narrativa é caracterizar, na visão dessas mulheres, os feitos e efeitos da revolução. Distantes fisicamente da guerra, mas não de suas missões, essas mulheres, no século XIX, garantiam a manutenção da estrutura do lar e da família. Muitas delas foram mais longe ao assumirem o lugar do marido ou dos irmãos, na administração das estâncias. Enquanto os homens estavam lutando na guerra, a administração da propriedade ficava assegurada pela ação dessas mulheres.

Em *C7m*, esse papel importante cabe à D. Antônia e à D. Ana, irmãs de Bento Gonçalves. Antônia era quem administrava a Estância da Barra, após a morte de seu marido Joaquim Ferreira. Uma descrição física e, em parte, ética da personagem aparece na seguinte passagem:

D. Antônia contava, naquele ano de 1835, a sua quadragésima nona primavera, era apenas três anos mais velha do que seu irmão Bento e, como ele, tinha também aquela consistência firme de carnes, os mesmos olhos negros, espertos e doces, a mesma voz calculada, e idêntica capacidade de rejuvenescimento. Era uma mulher alta e magra, ainda de rosto liso, cabelos negros sempre presos no mesmo coque de três grampos, vestia-se sempre em tons discretos, mas seus vestidos eram campeiros: nunca fora afeita das cidades, vivendo sempre em sua estância, com seus cavalos, seus pomares e seus pássaros, isso desde que ficara viúva do casamento com Joaquim Ferreira, moço a quem amara com todo o seu espírito, advogado, e que morrera numa carreira de cavalos, tendo caído da montaria e, com a espinha partida, vindo a falecer assim, na mesma hora. D. Antônia tinha então vinte e sete anos e nenhum filho, e assim continuara a sua vida inteirinha. (p. 18).

Além das sete personagens principais, do líder Bento Gonçalves e de diversos personagens secundários, a narrativa apresenta outro ícone em destaque: o italiano Giuseppe Garibaldi, que foi um dos responsáveis pela unificação da Itália e lutou ao lado de Bento Gonçalves na revolução. Garibaldi também foi o grande amor de Manuela.

Outra figura feminina de destaque é a personagem Anita, que mais tarde veio a se tornar esposa de Garibaldi, passando a ser conhecida como Anita Garibaldi, representada na obra como a única mulher que se destacou ao lado dos homens, em busca de um ideal republicano. A partir do amor de Manuela por Garibaldi, e da relação deste com Anita, a

narrativa também valoriza os relacionamentos afetivos entre os personagens e não apenas os movimentos da guerra. É importante destacar que “o amor incondicional entre homem e mulher” era um fato raro numa época em que as uniões ocorriam mais pela conveniência e pela imposição do que pelo amor.

A ficção também não deixa de, em certa medida, exaltar a figura dos que ficaram conhecidos como heróis da revolução. Manuela os descreve em seus cadernos a partir das lembranças de seus atos, como se observa no trecho a seguir, extraído do capítulo “1840”:

Passou-se muito tempo, depois daquilo tudo, e tanta gente morreu, quase todos morreram. Restei eu, como um fantasma, para narrar uma história de heróis, de morte e de amor, numa terra que sempre vivera de heróis, morte e amor. Numa terra de silêncios, onde o brilho das adagas cintilava nas noites de fogueiras. Onde as mulheres teciam seus panos como quem tecia a própria vida. (p. 330).

A narrativa avança apresentando as lutas, os homens na guerra e a espera das sete mulheres, mas o verdadeiro objetivo da autora se expressa na saga das sete mulheres, em seus destinos e acontecimentos marcantes, como o amor de Manuela, a loucura de Rosário, a tristeza de Caetana, a felicidade de Perpétua, a fuga de Mariana, entre outros.

O destino das mulheres da casa foi a espera passiva pelo término da revolução. Algumas perderam o marido, outras, como Caetana, que recebeu Bento Gonçalves de volta, no final da guerra, doente e empobrecido. Encerra-se a revolução com a paz negociada em 1845, acordo que colocou fim à República Rio-Grandense, reintegrando-a ao império brasileiro.

Por fim, cada ano narrado na obra é uma lembrança de fatos históricos daquele período conturbado do Rio Grande do Sul, em que a figura feminina ganha papel de destaque na narrativa ficcional, sob o ponto de vista das ricas estancieiras da época.

2.2 A REVOLUÇÃO FARROUPILHA E SUAS REPRESENTAÇÕES

No dia 19 de setembro de 1835 eclode a Revolução Farroupilha no Continente de São Pedro do Rio Grande. Os revolucionários exigem a deposição imediata do presidente da província, Fernandes Braga, e uma nova política para o charque nacional, que vinha sendo taxado pelo governo, ao mesmo tempo em que era reduzida a tarifa de importação do produto. O exército farroupilha, liderado por Bento Gonçalves da Silva, expulsa as tropas legalistas e entra na cidade de Porto Alegre no dia 21 de setembro. A longa guerra começa no pampa. Antes de partir à frente de seus exércitos, Bento Gonçalves manda reunir as mulheres da família numa estância à beira do Rio Camaquã, a Estância da Barra. Um lugar protegido, de difícil acesso. É lá que as sete parentas e os quatro filhos pequenos de Bento Gonçalves devem esperar o desfecho da Grande Revolução. (p. 3).

A Revolução Farroupilha foi uma luta por espaço de poder regional e nacional, num período de dez anos, ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845 e representada por um movimento conservador de uma elite disposta a obter sua autonomia perante o Império. Pode-se dizer que a Revolução Farroupilha não foi só uma sucessão de lutas e combates com vitórias de ambos os lados, mas, também, deu origem a textos históricos que mostram o seu significado regional. Como diz Pesavento,

A Revolução Farroupilha tornou-se o símbolo do espírito de bravura do povo gaúcho e de suas “tendências libertárias”. Quanto a seus principais vultos, converteram-se nos exemplos mais representativos da “raça” gaúcha, tais como altivez, coragem, desprendimento. Todas estas idealizações se articulam dentro de uma visão mais global que vê na formação histórica sulina a “democracia dos pampas”, na sociedade da campanha a “ausência de classes” e no gaúcho o “monarca das coxilhas”, o “centauro dos pampas”. (2008, p. 4, grifos da autora).

Embora seja considerada por parte da historiografia como um “símbolo do espírito de bravura”, de acordo com Pesavento (2008, p. 34), foi uma revolta armada que reuniu a sociedade civil e chefes militares, criando, nos mais variados segmentos sociais, um descontentamento contra o que consideravam injustiça e prejuízo material. Seu principal motivo foi o econômico e, para entendê-la melhor, é preciso estabelecer conexões com o contexto histórico da época.

No século XIX, grandes estâncias ocupavam a região da Campanha¹⁰ e eram administradas por ricos proprietários graduados pela Guarda Nacional, criada em 1831, para

¹⁰“A Campanha é de antiga colonização ibérica; é onde, no Império, apareceu o trabalho escravo, principalmente nas charqueadas. Durante o século XIX foi a mais importante região gaúcha, onde se desenvolveu a criação de gado. É a zona das estâncias, de economia predominantemente pecuária, onde aparecem o peão, o agregado e outras formas de parceria, todos vinculados ao latifúndio.” (FONSECA, 1983, p. 27).

fazer frente às revoltas que ocorriam na época, em diferentes regiões do País.

A principal atividade econômica, desse período, estava baseada na criação de gado e na venda de couro e charque. Essa atividade consistia na carne do gado cortada em mantas e depois salgada, em seguida colocada em varais para secar ao sol. Para produzir o charque, as charqueadas usavam trabalho escravo e ficavam localizadas próximas aos centros urbanos. O charque era exportado para as regiões Sudeste e Nordeste e servia basicamente para a alimentação dos escravos.

Os fazendeiros precisavam pagar altos impostos pela venda de sua produção, o que gerou um grande descontentamento com o governo central, já que, com o valor agregado dos impostos, o charque precisava ser vendido a preços mais altos que os uruguaios. Além disso, eles mesmos queriam escolher os próprios governantes para a província. Conforme Pesavento,

no tocante aos impostos, enquanto que o charque sulino era onerado pelas altas taxas de importação sobre o sal, os pecuaristas eram obrigados a pagar pesadas taxas sobre a légua de terra. Por outro lado, o charque platino, concorrente do gaúcho, pagava baixo imposto nas alfândegas brasileiras. Por trás desse tratamento preferencial ao produto estrangeiro, que forçava a baixa do preço do artigo rio-grandense, manifestavam-se os interesses do centro e norte do país, que queriam comprar o alimento para seus escravos a baixo custo. (2002, p. 38).

Ainda de acordo com Pesavento (2002, p. 39), os revolucionários almejavam “a independência política com relação ao domínio do centro, mantendo contudo os laços econômicos com o resto do país, através da continuidade do fornecimento do charque ao mercado interno”. Por ocasião do produto no mercado, “o estancieiro encontrava-se na dependência daqueles que transformavam a matéria-prima: os charqueadores e os frigoríficos”. (PESAVENTO, 2002, p. 74).

Existiam algumas forças principais entre os farroupilhas: os separatistas, para separar o Rio Grande do Sul do Brasil, e os republicanos, que queriam derrubar D. Pedro I e criar a República.

Também há outros fatores considerados desencadeadores da revolução, como constatados por Kich (2011, p. 152):

- a) a presença da Maçonaria no Sul da América, contrária aos privilégios nobiliários;
- b) os farroupilhas lutavam a favor de uma República que coincidissem com a filosofia maçônica;
- c) o espírito de independência, pois os países da América haviam instalado a República, enquanto no Brasil permanecia a Monarquia;

- d) a ausência de lógica administrativa do Império após a renúncia de D. Pedro I, durante a Regência Trina;
- e) a distância entre o pampa e a sede do governo imperial;
- f) o imposto sobre o charque, que passou de 200 réis a cada arroba para 600 réis. O “quinto” (20 por cento dos impostos) tornava impossível o lucro para os produtores.

Em 20 de setembro de 1835, o general Bento Gonçalves tomou Porto Alegre, sede da Província, e o federalismo emergiu como o único ideal das elites locais. O Império indicou José de Araújo Ribeiro (visconde de Rio Grande) como o novo presidente da Província, mas os rebeldes, de posse de Porto Alegre, não concordavam com a indicação. Esse acontecimento histórico está narrado em *C7m* da seguinte forma: “[...] o novo presidente da província, indicado pelo regente do imperador, chegara no dia anterior ao Rio Grande, vindo do Rio de Janeiro: [...] José de Araújo Ribeiro. Filho de uma família daqui, um rio-grandense contra outros”. (p. 56).

Do lado farroupilha, o movimento contava com o comando dos estancieiros e, como soldados, os peões que trabalhavam nas estâncias. Leais aos patrões, eles de pronto se transformaram em revolucionários. Muitos escravos também aderiram à revolução ao lado dos farroupilhas, por submissão ou promessa de alforria. Em *C7m*, João Congo, um personagem escravo e fiel, era braço direito de Bento Gonçalves. Verifica-se esse aspecto no seguinte trecho: “João Congo, o escravo de confiança do coronel, veio e pegou o alazão. Bento sorriu para o negro.” (p. 61).

Para Pesavento (2002, p. 63), no decorrer da revolução, a liberdade para os escravos deve ser vista não como uma tendência emancipadora, mas como uma necessidade à guerra, na medida em que, para poder torná-los combatentes, era necessário garantir a eles a condição de homens livres.

Em relação aos avanços e recuos do movimento revolucionário, este “teve um ritmo ascensional até mais ou menos 1839, com a conquista de Pelotas e Rio Pardo e a invasão de Santa Catarina”. (PESAVENTO, 2002, p. 39).

No ano de 1836, Porto Alegre foi retomada pelos imperiais. Esse momento aparece representado no romance da seguinte forma:

Os portões de Porto Alegre receberam patrulha redobrada na noite do dia quinze de fevereiro, e os sitiados começaram a construir trincheiras para a defesa da cidade ocupada. Durante o dia inteiro, não se vê ninguém nas ruas, e em tudo grassava apenas o calor hediondo e a poeira vermelha que subia do chão. Um medo pegajoso grudava-se nas casas fechadas, nas gentes quietas que esperavam o primeiro ribombar dos trovões. A madrugada foi ventosa e assustada. Começou a vigorar severo toque de recolher, muitos habitantes da Capital resolveram fugir e abrigar-se com parentes no interior, onde se sentiriam mais seguros. (p. 85).

Naquele ano ocorreu, também, a vitória de Antônio de Sousa Netto (considerado o segundo maior líder da Revolução Farroupilha), em Seival, onde ele reclamou a independência da Província. Essa batalha foi considerada a mais importante de todas da revolução. Embora em desvantagem, Netto e seu exército derrotaram os caramurus. Na ficção, há uma passagem em que Bento Gonçalves comenta esse fato:

Ontem, fui acordado com a novidade de que Netto proclamou a República no Campo do Seival. Agora é general, patente que também a mim foi atribuída. Le digo, minha irmã, que isto muito me assusta. Pela voz de Netto, demos um grito sem volta, que nos há de separar ainda mais do Império. (p. 118).

Já Bento Gonçalves foi derrotado na Ilha de Fanfa, no Jacuí, e levado prisioneiro para a Bahia, de onde conseguiu fugir um tempo depois. Foi eleito, posteriormente, presidente da República de Piratini (República Riograndense, que teve como capital a cidade de Piratini). Sua prisão é assim narrada em *C7m* (p. 127): “O general Bento Gonçalves da Silva foi capturado e preso no dia quatro de outubro, na Ilha de Fanfa. Ele tentava atravessar o Jacuí com suas tropas para se unir ao coronel Crescêncio.”

O ano de 1837 foi considerado um ano de vitórias para os farrapos. Houve a fuga para o Sul de Onofre Pires e Corte Real, que estavam presos no Rio de Janeiro. O tenente Bento Manuel Ribeiro tomou Caçapava para a República, após abater as tropas legalistas no Arroio Santa Bárbara e na Coxilha do Espinilho. Antônio Neto obteve vitória em Triunfo. Bento Gonçalves foge da prisão no Forte do Mar, volta para o Sul e reassume o poder.

No ano de 1838, o maestro Joaquim José de Mendanha foi preso junto com a banda imperial pelos farrapos. Foi obrigado, então, a compor o Hino Farroupilha, que se tornaria o Hino do Rio Grande do Sul. Naquele mesmo ano, chegaram Garibaldi, vindo do Uruguai, guerrilheiro do liberalismo e organizador da marinha gaúcha, bem como o editor do jornal *O Povo* (1838-1840), Luigi Rossetti. A entrada de ambos na revolução aparece da seguinte forma na obra *C7m*:

Garibaldi então partiu juntamente com Luigi Rossetti para engendrar aquela louca e linda república da qual tanto já tinha ouvido falar. Sim, aquele era um sonho pelo qual se merecia lutar até a última gota de sangue: a liberdade de uma terra e de um povo, a criação de uma nação igualitária, onde não houvesse imperador ou escravo. (p. 204).

Já em 1839 houve a perda de Piratini e a capital farroupilha deixa de ter uma cidade fixa, passando por Caçapava, Alegrete, São Gabriel, Bagé, Cacequi e, por último, novamente Piratini. Nesse mesmo ano, Bento Manuel abandona a causa farroupilha.

O Uruguai mantinha o porto de Montevideu fechado aos rio-grandenses e como o porto de Rio Grande estava bloqueado pelas forças legalistas, os farroupilhas não tinham uma opção para o transporte de mantimentos. Por isso, os farroupilhas decidiram dominar a guarnição de Laguna, cidade catarinense, onde estava localizado o porto livre mais próximo. Nessa operação, David Canabarro seguiu por terra e Garibaldi por mar, com as embarcações chamadas “Seival” e “Farroupilha” (esta última foi afundada), construídas pelos revolucionários num estaleiro próprio. Essas embarcações ficaram escondidas na estância de D. Ana, a irmã de Bento Gonçalves. Esses acontecimentos estão representados na obra:

O estaleiro republicano ficava nas margens do Rio Camaquã. Rio que desembocava suas águas, através de várias barras, na Lagoa dos Patos. As barras eram rasas, quase impossíveis de serem vencidas por barcos de grande calão, que ficariam encalhados naquelas areias. Mas não para os barcos que Griggs e Garibaldi estavam construindo. Os lanchões *Seival* e *Farroupilha* poderiam atravessar facilmente as barras, navegar pelas águas da Lagoa e voltar ao estaleiro sem que nada atrapalhasse tal empreitada. Eram barcos pequenos e leves, que facilmente se meteriam entre os juncais que cobriam as margens da Lagoa dos Patos, e ali desapareceriam dos olhos do mundo, rumo à segurança da Estância do Brejo. (p. 237).

Após a ocupação de Laguna, os farroupilhas proclamam a “República Juliana”. Garibaldi apossou-se de duas embarcações: “Imperial Catarinense” e “Itaparica” – esta última renomeada como “Rio Pardo”. Porém, no mesmo ano, Laguna foi retomada pelos imperiais. A esquadra rebelde foi completamente destruída e seus comandantes todos mortos. Garibaldi foi o único a escapar, mas teve que deixar para trás sua mulher, Anita, que somente mais tarde pôde se juntar a ele novamente.

A estabilização da guerra aconteceu no período entre 1840-42 e, em 1843, começou o declínio farroupilha. Um ano antes, o Barão de Caxias foi designado pelo Governo Imperial para intermediar a pacificação do Rio Grande. Na ficção isso aparece assim:

[...] o Barão de Caxias com seu exército e imensa cavalaria vinha rumo a Camaquã. Ninguém sabia dos seus planos, nem imaginávamos que tramava um meio de iludir os revoltosos, atravessando o rio e rumando pela margem direita da Lagoa dos Patos, onde não poderia mais ser alcançado pelas tropas farroupilhas. (p. 449).

O ano de 1843 foi de muitos acontecimentos na revolução, como a redação do “Manifesto da Minoria”, por Vicente da Fontoura. Nele, havia a acusação contra Bento Gonçalves pelo assassinato de Antônio Paulo da Fontoura, o vice-presidente da República. Como resultado ocorreu o duelo entre Onofre Pires e Bento Gonçalves, uma vez que Onofre fora a favor da acusação. Na ficção esse duelo também está narrado: “Onofre morrerá. A cutilada no braço infeccionará, depois gangrenará. Esse fora o fim do gigante de bigodes. [...] Quando pequenos, ele e Bento Gonçalves brincavam na beira da sanga.” (p. 488). Ainda nesse ano, Bento Manuel, em Ponche Verde (Dom Pedrito), novamente ao lado dos imperiais, travou uma batalha contra David Canabarro, Antônio Neto e Bento Gonçalves. Os farrapos perderam a cidade de Alegrete. Chico Pedro combateu os rebeldes em Canguçu, e o Império reforçou as tropas sob o comando de Caxias, Bento Manuel e Chico Pedra. Verifica-se, no romance, a entrada de Bento Manuel novamente na guerra: “Agora Bento Manuel voltou para a guerra outra vez. Mais uma vez. Está comandando a 2ª divisão imperial. A primeira está sob as ordens do Caxias.” (p. 462).

Em 1844, José Gomes de Vasconcelos Jardim, David Canabarro, João Antônio da Silveira e Antônio Neto, no “Acampamento dos Porongos”, nomearam Vicente da Fontoura como emissário farroupilha para o Governo Imperial. Vicente da Fontoura exigiu uma série de condições para a paz. A importância desse episódio para a paz está registrada no romance: “Porongos foi o derradeiro suspiro. Depois, só restava um acordo com o Império, um tratado que trouxesse ao Rio Grande a mínima honra.” (p. 498).

No último ano da revolução, em 1845, as condições de paz foram aceitas por ambos os lados e o “Tratado de Ponche Verde” pôs fim aos dez anos de guerra. Na ficção de *C7m* esse momento também está representado:

Eram mais de setenta oficiais. Os termos da proposta de paz – doze no total – foram lidos. Procedeu-se à votação. Silenciosamente, os oficiais que eram favoráveis à paz foram erguendo suas mãos para o céu. Mãos calosas, limpas, acabrunhadas. O tratado de paz foi aprovado por unanimidade. (p. 509).

O período de 1835 a 1845 pode ser resumido a partir dos principais acontecimentos da seguinte maneira, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Revolução Farroupilha ano a ano

Principais acontecimentos	
1835	Eclosão da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul no dia 20/9: rebeldes conquistam Porto Alegre.
1836	Batalha do Seival; a 11/9 Antônio Souza Neto proclama a República Rio-Grandense; prisão de Bento Gonçalves no combate da ilha do Fanfa, sendo levado preso para a Bahia; os farrapos perdem Porto Alegre para as tropas legalistas.
1837	Fuga de Bento Gonçalves da prisão na Bahia e seu retorno ao RS.
1838	Tomada de Rio Pardo pelos farrapos; os rebeldes mantêm ligações com o Uruguai, por onde exportam o charque e de onde recebem reforços em armas, cavalos e soldados.
1839	Farrapos levam a revolução até Santa Catarina; em Laguna fundam a República Juliana, confederada à rio-grandense.
1840	Colônias alemãs desenvolvem uma agricultura comercial de subsistência, exportando o excedente para Porto Alegre.
1843	Declínio farroupilha; Duque de Caxias, nomeado presidente e comandante das armas do RS, obtém vitórias sobre os rebeldes.
1845	18/2: Paz de Ponche Verde estabelece o final da Revolução Farroupilha.

Fonte: Pesavento (2002, p. 56-57).

Da paz negociada constaram 12 cláusulas que prometiam, mas nem todas foram cumpridas: direitos civis, anistia geral, alforria aos escravos, postos militares a serem mantidos no Exército imperial, respeito a bens e propriedades. A independência da República Rio-Grandense não foi aceita e, na condição de província, o Rio Grande do Sul voltaria a ser parte do Império brasileiro. Com o fim da revolução, o charque importado (principal motivo da discórdia) foi taxado em 25%, favorecendo os produtores nacionais.

Quanto à revolução, ela representou enormes transtornos e prejuízos materiais e humanos ao estado. Grande parte da população fugiu para outros lugares, principalmente para o Uruguai. As estâncias perderam seus rebanhos, as charqueadas ficaram em ruínas e Pelotas, uma das cidades mais prósperas à época, foi abandonada. Restaram somente os ideais da República dos Farrapos: federação, liberdade e igualdade, que passariam a ser temas caros aos intelectuais e escritores gaúchos, a partir da segunda metade do século XIX.

Além de *C7m*, a literatura gaúcha registra outras narrativas sobre a Província e a Revolução Farroupilha, em obras que enfocam a vida rural do “interior” e a figura do gaúcho. Como exemplos, citam-se as obras de Caldre e Fião, como *O Corsário*, publicada em 1849, *O Vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, publicada em 1869, *Os Farrapos*, de Oliveira Belo,

publicada em 1877, *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, publicada em 1912, e *Xarqueada*, de Pedro Wayne, publicada em 1937; além da trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, publicada nos anos 1949-1962 e, mais recentemente, *Os varões assinalados*, de Tabajara Ruas, publicada em 2003.

De acordo com Zilberman (1982, p. 12), a ótica local fez surgir o movimento literário gaúcho, encetando-se uma temática de estilo regional e produzindo o nascimento de instituições literárias no Sul. Zilberman apresenta, ainda, as criações literárias, que podem ser reunidas em duas grandes vertentes temáticas:

sendo que ambas foram decisivas para os estágios posteriores de nossa cultura: de um lado apresenta-se a linhagem romântica, explorando os assuntos relativos à infância, morte e amor desenganado; e, de outro, avulta a apropriação dos motivos regionais, que se faz seja enquanto utilização épica do modelo humano rio-grandense oriundo dos pampas, seja enquanto memória do passado glorioso da Província, exaltando-se o índio como matriz do campeiro e a Revolução Farroupilha, marco da história local. (1982, p. 14).

Nesse sentido, abordagens à Revolução Farroupilha apresentam uma espécie de painel em que se encontram aspectos coletivos, caracterizando personagens fortes, como heróis históricos, o tempo de lutas de fronteiras, a simbologia do pampa, os costumes rio-grandenses, etc. Como temática de algumas obras, a revolução é rica em descrição de atos de bravura, em que a heroicidade dos rio-grandenses se encontra muitas vezes na figura de Bento Gonçalves. Por outro lado, destacando as ideias de Masina (2004, p. 95), verifica-se que, desde as primeiras manifestações literárias do Rio Grande do Sul, os traços particulares do caráter da fronteira são apresentados em grande parte da ficção gaúcha. A região da fronteira também se destaca em *C7m*, conforme se observa no seguinte trecho: “Além disso, os imperiais não tinham qualquer perspectiva de socorro imediato, porque estavam cortadas as comunicações com o Rio Grande, e Bento Manuel e suas tropas encontravam-se mui longe, para os lados da fronteira.” (p. 78).

Como história do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha insere-se na literatura gaúcha a partir de seus personagens heroicos, expressando, assim, suas vivências e o apego ao pampa como marcas regionais. Pode-se dizer, dessa forma, que a literatura rio-grandense manifesta não somente as paisagens e os costumes dos gaúchos, mas, também, características específicas marcadas por determinadas peculiaridades regionais, introduzidas a partir das condições sociais e culturais, em que se destacam o meio-pastoreio, o trabalho da terra, o comércio e as guerras.

O gaúcho, num primeiro momento nos registros historiográficos, aparece como um tipo social marginalizado, denominado *o guasca* ou *o gaudério*, que vaga pelo pampa sem laços familiares. Com o tempo, principalmente a partir da produção literária ficcional, o gaúcho passa a ser incorporado como figura de destaque da Campanha, do tipo *monarca das coxilhas*.

O gaúcho também surgia e se consolidava na paisagem, nos campos sem fronteira que permitiam a longa cavalgada em linha reta – como, por exemplo, o que ocorre com o Capitão Rodrigo, na ficção de Erico Verissimo (HOHLFELDT, 1996, p. 23). Ainda conforme Hohlfeldt, o gaúcho era visto como

leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, os aperos, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava gana, negava-se ao comando de qualquer um em quem não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes às suas. Gostava do jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía a vingança. (1996, p. 24).

No ano de 1852, Pereira Coruja publica um vocabulário de termos utilizados na Província. “Gaúcho para ele, é simplesmente *o índio errante do campo*, designando apenas um certo tipo rural, na origem e feição campeira.” (MORAES, 1959, p. 184-85, grifo do autor). O gaúcho descrito na obra de Caldre e Fião, *O corsário*, identifica-se com a figura de Bento Gonçalves e está um pouco distanciado do tipo de gaúcho comum. Esse mesmo gaúcho seria mitificado na obra *O Vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, em que o descreve como o *campeiro rio-grandense*, evitando utilizar a expressão “homem do campo”. Em *Os Farrapos*, o autor Oliveira Belo ressalta a figura do *campeiro* e do *monarca das coxilhas*. Nessas mesmas obras predomina a idealização da figura do gaúcho, reconhecido como o *centauro* ou *monarca* dos pampas ou das coxilhas, a partir dos costumes, do linguajar campeiro e da vida na Campanha. Nesse sentido, é a partir da Revolução Farroupilha que a literatura gaúcha passa a priorizar a representação de um passado glorioso e libertário, no que tange ao gaúcho e à sua região. É nesse espaço de tempo mítico que, segundo Hohlfeldt (1998, p. 122), “inexistiam diferenças entre homens e animais; entre a paisagem e os homens”.

Diversas obras que têm o Rio Grande do Sul como palco de ação, produzidas no final do século XIX e início do século XX, podem ser consideradas regionalistas,¹¹ pela forma como enaltecem e mitificam personagens, acontecimentos históricos e lugares. Na obra *C7m*

¹¹ Conceitos de regionalismo e regionalidade serão tratados no próximo subcapítulo.

não se verifica uma narrativa de exaltação ou louvação, como ocorre nas obras notadamente regionalistas.

Embora não seja uma obra de ficção regionalista, que não prioriza o pitoresco, *C7m* apresenta a figura de Bento Gonçalves como um tipo humano valente, destemido, lendário e mítico, segundo a mitologia do gauchismo, contendo “virtude, honra e bravura manipulados em nível do simbólico imaginário e tais valores especialmente exaltados nos líderes da classe dominante que esteve à frente da rebelião de 1835”. (LOPEZ, 1992, p. 12). Ao mesmo tempo em que a ficção contempla sua posição política, o líder farroupilha está representado como uma figura gaúcha idealizada, cujas características marcantes são sua honra, fidelidade e liberdade.

Algumas obras literárias gaúchas, que abordam o tema da revolução, apresentam um enredo diferenciado da obra *C7m*, caracterizando seus personagens com enfoques para outros valores. Um exemplo é o caso da obra *O Cancioneiro da Revolução de 1835*, de Apolinário Porto Alegre, que destaca mais os personagens masculinos do que os femininos (figuras protagonistas na *C7m*). A quase ausência da figura feminina, na obra de Porto Alegre, é observada por Bertussi, que diz:

os homens são os únicos grandes heróis poetizados, quando sabemos da importante participação da mulher, que cuidava da estância, na ausência do marido, doava bens à Revolução, confeccionava uniformes, quando não tinha um papel ainda mais relevante acompanhando os homens na guerra, lutando, como Anita Garibaldi. (1997, p. 30).

As mulheres têm papel de pouco destaque nas obras do século XIX e XX, pelo menos até a fase do regionalismo gaúcho, na medida em que, segundo Zilberman (1985, p. 77), a mulher “não era personagem interessante” para a literatura. Em geral, a mulher vivia confinada, cuidando dos afazeres do lar. Ao homem cabia o papel de ganhar o mundo e, nesse sentido, a mulher não poderia ser protagonista da narrativa histórica. Se uma obra a colocasse como protagonista (salvo Anita Garibaldi), pecaria pela falta de verossimilhança.

Para Hohlfeldt (1996, p. 24), em algumas obras da literatura gaúcha a mulher serve aos homens apenas como fêmea, podendo ser algumas vezes substituída pelo cavalo. Entre a mulher e o cavalo, os homens preferiam ficar com o último. Além disso, o homem era visto como o guerreiro, e a mulher era considerada apenas a esposa ou a namorada.

Cita-se, como exemplo disso, a obra de Caldre e Fião, *O Corsário*, em que Bento Gonçalves surge como o herói gaúcho, ocupando quase todo o espaço das atenções. Maria, a

personagem feminina, caracteriza-se como uma donzela ingênua e desprotegida. Já a personagem Anita, na obra de Oliveira Belo, *Os Farrapos*, surge apenas como presa fácil de um irresponsável andarilho. Para Zilberman (1985, p. 85), apenas Simões Lopes Neto destacou, de maneira diversa, a presença da mulher em alguns textos de *Contos gauchescos* e *Lendas do sul*.

Se uma visão feminina não era considerada importante nas narrativas de ficção, isso tem uma abordagem diferente na obra *C7m*, em que as personagens femininas estão em evidência, contribuindo de forma decisiva para a compreensão do conflito. A figura feminina, em *C7m*, transforma a própria vida em projeto familiar e social. Dessa forma, a constituição dos personagens em *C7m* é elaborada a partir de uma estrutura patriarcal, que tem a representação da figura masculina relacionada à guerra, à ocupação e à dominação e, por outro lado, da estrutura matriarcal, direcionada à valorização de um ponto de vista feminino da História. Na narrativa de Wierzchowski, a mulher é a personagem mais forte da história, representada como “guerreira” e muitas vezes comparada aos homens nos atos de bravura.

2.3 FUNDAMENTOS DE REGIÃO E REGIONALIDADE

Na casa branca da Estância da Barra havia um número tão alto de mulheres, que a voz delas é que ditava os modos. E as mulheres não pitavam, não tomavam o mate à noite. Lá fora, à beira do fogo, dois ou três peões, enquanto a carne assava respingando gordura, lambiam seus palheiros. Terêncio pernoitara na estância aquela noite, era mais um na volta do fogo, um vulto alto, calado, de olhos firmes e dedicação canina a Bento Gonçalves. Mas, ao alvorecer, ainda quando o mundo estava frio e nebuloso, tomara o caminho da Estância do Cristal, onde deveria esperar quaisquer ordens do patrão, enquanto zelava pelo seu gado e pelas suas terras. (p. 39).

Em uma obra literária de ficção, o autor cria cenários nos quais representam as especificidades de uma comunidade, cujas características permitem ao leitor observar o contexto em sua totalidade. As características poderão incluir elementos sociais e culturais, que são incorporados ao modo de vida dos indivíduos desse espaço ou da região. Em suma, essas peculiaridades constituem as regionalidades da obra. De acordo com Stüben (2013, p. 39), as regionalidades se manifestam em uma obra a partir da visão de mundo do autor, incluindo tudo que for considerado importante, principalmente seu rico acervo de

experiências, suas emoções e sua percepção do ambiente. Na acepção de Arendt (2012, p. 90), “regionalidades são, assim, especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural”.

A narrativa de *C7m* apresenta descrições do espaço físico do Rio Grande do Sul, como o pampa, a Campanha, as estâncias e nomes de lugares. Embora o romance contenha muitos elementos regionais, não pode ser considerado como “literatura regionalista”. Conforme Arendt (2011, p. 227), obras regionalistas são “obras que promovem a cultura da região como programa e paradigma, que se distinguem de outros espaços ou se defendem em relação a um centro”. A obra *C7m*, ao contrário, não faz uma apologia aos valores da tradição gaúcha, mas, sim, busca identificar certos aspectos históricos do Rio Grande do Sul e contribuir, por meio da ficção, para a fixação de um imaginário acerca da formação cultural dessa região.

Mesmo que não seja regionalista no sentido da exaltação e da louvação, o romance apresenta, porém, suas *regionalidades*. Segundo Pozenato (2009, p. 26), “o critério de regionalidade deve, pois, abarcar tudo aquilo que traz a marca do *regional*, mesmo sem regionalismo”. O autor diz ainda que “a regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional”. Dessa forma, o autor da obra deve pensar em uma “representação que tenha um efeito de sentido. Se quiser que tenha um efeito de sentido da realidade, não é preciso que os elementos tenham aspecto do real, e sim que suas relações o tenham.” (POZENATO, 2009, p. 27).

As representações históricas podem ser encontradas em *C7m* por meio da região caracterizada, dos habitantes gaúchos ou da própria Revolução Farroupilha enquanto evento histórico. Como exemplo, algumas palavras destacadas que podem ser consideradas regionalidades são identificadas no trecho a seguir:

Assim seguia a noite, estrelada e calma. A prima Perpétua e minhas irmãs não se cansavam de falar em bailes, em passeios de **charrete**, em moços de **Pelotas** e de **Porto Alegre**. Vieram os doces dar vez às carnes, a **ambrosia** brilhava feito ouro em seu recipiente de cristal, a comilança seguia seu ritmo e seu passo, o **ponche** era **bebido aos sorvos** para espantar o calor das conversas e dos anseios. (p. 15, grifo nosso).

Pode-se verificar nesse trecho aspectos regionais de lugar, comida, bebida, vestimenta e meios de transporte. Regionalidades como essas, em uma obra literária, podem ser observadas de acordo com a maneira como as regiões são apresentadas e tratadas ao longo da História, em uma determinada época, visto que “as regiões não são homogêneas do ponto de

vista cultural, podendo abrigar manifestações aparentemente díspares entre si”. (ARENDETT, 2012, p. 88). Para isso, primeiro é preciso identificar qual a região que a narrativa abrange. No caso de *C7m* destaca-se a região da Campanha do Rio Grande do Sul, com seus símbolos, tipos característicos e identitários.

Por outro lado, a definição de região, segundo Pozenato (2003, p. 153), nasce da extensão e do número de relações adotadas para tal. Isso significa que a região somente existe em um plano simbólico, construída pelo conhecimento ou pela práxis. A região constitui-se, portanto, em “uma rede de relações, em última instância, estabelecida por um *autor*, seja ele um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista”. (POZENATO, 2003, p. 153, grifo do autor). Nesse sentido, a existência de uma região está diretamente ligada às práticas culturais e são as ações do homem que a modificam com o passar do tempo. Pode-se falar, então, de uma região sociocultural, que se reconhece, na acepção de Berumen

a partir de um conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território; pelas formas de vida cotidiana que a identificam a uma comunidade e a distinguem das demais; pela existência de um passado histórico comum; e, por fim, a tudo aquilo que dá conta da existência de uma identidade cultural e que se traduz em atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças comuns a um grupo (2005, p. 56, tradução nossa).¹²

Em *C7m*, a Campanha constitui-se numa região que tem suas regionalidades enfatizadas e que são atributos básicos e proporção de grandeza para os personagens-heróis. Na narrativa, a Campanha tem uma força simbólica que denota a ideia de segurança, como se fosse a “casa” dos personagens ou, em última instância, a própria Pátria. Chiappini (2013, p. 26), ao tratar do espaço regional criado literariamente, afirma que, embora seja fictício, ele remete a um mundo histórico-social, com seus símbolos, bem como a uma dada região geográfica existente. Assim se percebe neste trecho: “Muitas coisas mudaram nestes últimos tempos para a República, e decidido ficou que deveríamos nos deslocar de Viamão rumo a Cruz Alta, pois é na **Campanha** que estamos fortes e temos mais efetivos.” (p. 374-75, grifo nosso). Foi no universo da Campanha que o gaúcho surgiu e adquiriu significado histórico, associado a outros elementos, como o cavalo, a bombacha, o chimarrão, etc., correspondentes

¹² **Do original:** [...] a partir del conjunto de valores compartidos por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás; por la existencia de un pasado histórico común; y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano (BERUMEN, 2005, p. 56).

ao universo da região.

Segundo Beneduzi, um romance pode apresentar os

elementos concretos e sedimentados do passado regional. Seja pela leitura historiográfica seja pela fixação do imaginário popular, inserindo em um mesmo espaço realidade e ficção, criando um efeito de real, crível, e produzindo novas memórias acerca da experiência coletiva. (2011, p. 275).

Assim, a partir das regionalidades, pode-se identificar um *tempo* e uma época em uma obra literária. O romance *C7m* apresenta traços da época representada, o século XIX, expressos na interação dos personagens com o meio. Caracteriza aspectos sociais e políticos tanto da vida do homem no pampa quanto das lideranças da revolução, episódio este com destacada importância para a cultura e o imaginário regional. Também traz uma visão romaneada do conflito, já que na narrativa não sobressai somente a luta, mas, também, as relações pessoais entre os personagens, assim como a posição das mulheres em relação à guerra.

Pode-se dizer que há um tempo específico e cronológico enfatizado em *C7m*. As representações das regionalidades, nesse contexto ficcional, identificam um determinado espaço de tempo histórico. A obra também abarca uma gama de possibilidades imaginárias, modelos ideais e aspectos psicológicos dos personagens, assim como as particularidades geográficas da região. Desse modo, o romance constitui-se imagem de tempo e espaço de uma região, na medida em que “o acervo cultural de uma região se constitui historicamente, condensando, sobrepondo e reorganizando elementos novos e antigos”. (ARENDR, 2012, p. 87).

A narrativa destaca figuras consagradas que realmente existiram, como Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi e Bento Manuel. No discurso regionalista da literatura e da historiografia, essas personalidades passaram a ser tratadas como mitos. Para Avila (2011, p. 181), é “sob a forma de um mito moderno, portanto, que os sul-rio-grandenses consomem a história da Revolução Farroupilha”. Essa maneira de interpretar os heróis do passado vai ao encontro do que aponta Joachimsthaler (2009, p. 31), quando diz que “mitos regionais (muitas vezes presos a tipos de identificação, carregados simbolicamente), particularidades linguísticas e modos de comportamento formadores de hábitos [...] no sujeito, empresta estabilidade ao seu estar presente no local concreto”.

Em *C7m*, a construção simbólica da figura do gaúcho-herói está centrada na

configuração do líder Bento Gonçalves, o que se mostra um dos traços mais fortes de regionalidade. Sobre esse tema, Brum (2006, p. 41) afirma que o gaúcho foi escolhido como herói fundador, simbolizando a domesticação do território, destacando-se sua bravura e sua atuação como homem do campo e guerreiro. Já Haesbaert (2010, p. 8), quanto às configurações simbólicas, afirma:

A regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas.

A *casa*, onde ocorre a maior parte dos eventos da ficção, constitui um lugar de identidades múltiplas entre os personagens, configuradas em *relatos de regionalidade e práticas de espaço*, para usar expressões de Santos (2009, p. 18). Essas práticas de espaço são estabelecidas em *C7m* dentro e fora da *casa*. “Dentro”, apresentando o modo de viver das mulheres que cuidavam do ambiente e dos homens que retornavam para obter refúgio ou descanso da guerra. “Fora”, contendo os aspectos naturais da paisagem campeira, com suas árvores frutíferas, sangas, animais, etc. Percebe-se esses acontecimentos em trechos como o seguinte:

Quiseram rever os dias de sol, quando ainda havia a graça dos banhos na sanga, dos passeios de barco com D. Antônia pelas margens do Rio Camaquã, do suco fresco e espumoso que sorviam em grandes goles quando chegavam das cavalgadas, a pele úmida de suor. (p. 87).

Também em *C7m* são confrontadas ideias sociais e psicológicas, com suas relações familiares, como a presença da mulher na sociedade e a formação de uma identidade coletiva. Como identidade coletiva, entende-se os elementos que caracterizam o linguajar, os costumes, as tradições, o modo de ser, folclore, os hábitos alimentares, símbolos, mitos, etc. A partir de um modelo articulado de representação coletiva, o estabelecimento da identidade social se afirma por meio do imaginário e de práticas sociais. De acordo com Pesavento (1998, p. 18, grifo da autora), “a identidade é um processo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, onde cada indivíduo se define com uma relação a um *nós*, que, por sua vez, se diferencia dos 'outros'.”

O *mate*, o *churrasco*, o *assado*, além de outras peculiaridades gastronômicas da região, constituem outros exemplos de regionalidades na narrativa. Essas regionalidades estão diretamente relacionadas ao universo das estâncias, que, conforme Diégues Júnior (1960, p. 314), estão na origem da formação da cultura gaúcha. Dentro delas surgiam valores culturais

que caracterizavam a região, tanto em suas condições econômicas quanto em sua paisagem social. Também eram consideradas como um complexo familiar e comunal aplicado à criação, como aquela em que se encontra a *casa* em *C7m*, ou outras que serviam como abrigo. Assim, são modos de expressar diferentes regionalidades, como diz Arendt (2012, p. 89): “múltiplas propriedades ou qualidades de ser regionais em uma única região”.

Ainda em relação às estâncias, pode-se afirmar que elas se constituíram em um núcleo onde a unidade militar se forjou, e os homens se uniam em necessidade de defesa. Sabe-se que, no Rio Grande do Sul, ocorreu um número considerado de lutas e revoluções, principalmente nos séculos XVIII e XIX. As extensas propriedades rurais formadas em algumas regiões eram dedicadas à criação de gado, que, conforme colocado anteriormente, serviu de base para a economia do estado. Os proprietários das fazendas, devido ao seu isolamento e ao controle sobre extensas áreas de latifúndio, passaram a ser chamados de *estancieiros*. As estâncias, por sua vez, eram consideradas as mansões dos grandes proprietários. O estancieiro vivia com a sua família, seus escravos e peões, integrado ao sistema econômico da época. As relações sociais, na obra de ficção, são estabelecidas no ambiente dessas estâncias, principalmente na Estância da Barra, descrita como uma vasta moradia que conseguia abrigar várias pessoas, conforme demonstra o trecho a seguir:

Amanhã, Bento Gonçalves chega à estância. As mulheres estão todas em polvorosa. D. Ana foi pessoalmente fazer a pessegada de que o irmão tanto gosta. E as negras não param, andam de um lado a outro, areando a prataria, arrumando a casa como um brinco, trocando as toalhas das mesas, arejando as cortinas de veludo, lavando de escovas o chão das salas. Até os cavalos foram escovados, e a peonada ganhou de D. Ana mate e carne para um assado. (p. 58).

As regionalidades em *C7m* se manifestam também por meio de aspectos identitários relacionados às culturas das fronteiras com os países vizinhos, Uruguai e Argentina. Há uma espécie de simbolismo nessas fronteiras, na medida em que são consideradas como um produto da capacidade imaginária “de refigurar a realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo”. (PESAVENTO, 2004, p. 109). De acordo com Santos, as

regionalidades de fronteiras são particularmente significativas no Rio Grande do Sul sob, pelo menos, dois aspectos: o primeiro, de natureza histórica, diz respeito aos estabelecimentos de limites em relação aos vizinhos platinos e os desdobramentos desse processo na própria história do Estado, e na construção de uma determinada representação de identidade; o segundo, relacionado ao primeiro, refere-se propriamente às práticas cotidianas dos atores sociais que vivem nestes espaços. (2009, p. 20).

Essas relações simbólicas de fronteiras são representadas na obra *C7m*. Verifica-se isso nas constantes alusões ao Uruguai, como se constata no trecho a seguir:

Tivera notícias do Sul, as primeiras notícias depois de um longo silêncio na solitária. Notícias desconcertantes. Bento Manuel, outra vez ao lado dos farrapos, mandara prender e levar para o **Uruguai** o governador Antero de Britto. O italiano Giuseppe Garibaldi, juntamente com os tais Rosseti e Luigi Carniglia, recebera sua carta de corso, agora estava a serviço da causa, rumo ao sul do país. No caminho, atacaram a sumaca *Luíza*, perto do Rio de Janeiro, e agora deviam estar - o general não sabia bem - nas alturas do porto de Maldonado, no **Uruguai**. (p. 112, grifo nosso).

Desse modo, essa delimitação geográfica marcada pela fronteira acentua determinados aspectos culturais e identitários, considerados aqui como regionalidades, visto que, como aponta Arendt (2012, p. 96), as “regionalidades também podem ser tomadas como índices das fronteiras culturais que se movem no tempo e no espaço. Enquanto especificidades, elas levam os indivíduos a aceitar ou a rejeitar os valores vigentes em uma escala regional”.

Por fim, destaca-se que a trama ficcional de *C7m* baseia-se no relato de experiências individuais e coletivas, nas quais o papel de grupos sociais distintos tem importância significativa na representação. Dessa forma, os personagens são construídos a partir de uma imagem da sociedade da época e de suas regionalidades, de maneira um tanto idealizada, principalmente no que se refere às personagens femininas. Nesse caso, a narrativa de ficção não deixa, em certos momentos, de refletir as experiências culturais da autora, “pois mesmo os espaços ficcionais fantásticos podem apenas ser construídos de variações de elementos conhecidos do mundo do autor”. (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 35).

2.4 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

A língua não existe como entidade própria. Ela reflete, através do seu vocabulário, não apenas o indivíduo, mas especialmente a sociedade que a utiliza. Como toda a sociedade traz inerente traços culturais próprios, há uma relação estreita entre linguagem e cultura, uma como reflexo da outra. (BUENO, 1968, p. 135).

A linguagem é uma das formas de apreensão do real, e os indivíduos vivem em permanente e complexa interação com essa realidade. Aspectos culturais, políticos e sociais de uma sociedade determinam um caminho linguístico, já que a língua¹³ é considerada um

¹³Exceto quando especificadas pelos autores citados, as palavras *língua* e *linguagem* serão adotadas para referir o mesmo significado neste trabalho.

retrato social e cultural. Pode-se saber a origem de uma pessoa, por exemplo, quando sua maneira de falar e de se expressar a distingue das outras.

Existe uma complexidade no que se refere ao estudo da linguagem, na medida em que ela pode ser analisada de acordo com vários pontos de vista, pertencendo também a diferentes domínios, como o individual, o social, o físico e o psíquico. Para isso, pode-se afirmar que a linguagem sofre determinações sociais. Segundo Hjelmslev, a linguagem

é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. Ela é o instrumento ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. (1975, p. 1).

Conforme o autor, a linguagem se transforma em uma troca de ideias e expressões entre as pessoas. Essas expressões são veiculadas por meio de traços culturais e de palavras, assim como a língua se constitui em um espaço referencial no qual o indivíduo está imerso, compartilhando com o outro a cultura que ela traz em si. A partir dos conceitos de Saussure (2011, p. 17), a língua é uma parte determinante da linguagem e é, “ao mesmo tempo, um produto social e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

A língua traz consigo conceitos históricos e culturais e isso explica fatos que ocorrem linguisticamente e que sem eles seria difícil de interpretar, uma vez que o indivíduo traz em sua linguagem a identificação da cultura por meio de diversas formas, como a maneira de falar e de se comportar. O indivíduo adquire o sistema linguístico e expressa pelo código linguístico o universo onde vive e se relaciona com o ambiente e com os demais sujeitos. Para Proença Filho, a língua é um sistema de signos, ou seja,

é um conjunto organizado de elementos representativos. Como tal, é regida por princípios organizatórios específicos e marcados por alto índice de complexidade: envolve dimensões fônicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que, além das relações intrínsecas peculiares a cada uma, são também caracterizadas por um significativo inter-relacionamento. (2007, p. 21).

Conforme Proença Filho (2007, p. 22), a língua faz parte de uma constituição social e é construída por elementos que têm um valor em si e um valor em relação aos demais, vivendo em constantes mudanças. Para o autor (2007, p. 24), a utilização individual da língua “se revela no conjunto de traços situados na escolha do vocabulário e o estilo desse

vocabulário admite também uma dimensão coletiva”.

Já de acordo com o intermédio da individualidade da língua, todo homem tem um ponto de vista próprio e uma visão de mundo, pois qualquer palavra abrange uma particularidade que advém de comportamentos linguísticos. A língua coloca à disposição dos indivíduos um rico repertório de possibilidades, o que, para Lyons (1987, p. 7), significa que tanto a linguagem quanto as línguas específicas podem ser vistas como comportamento linguístico ou atividades linguísticas. O autor ainda diz que “a competência linguística de um indivíduo é seu conhecimento de uma determinada língua”. (LYONS, 1987, p. 7).

Cada língua está ajustada à cultura e à região de sua utilização, e novas formas de falar podem se adaptar a mudanças culturais. Conforme as ideias de Pozenato (2003, p. 28), “a língua pode expressar um determinado significado que existe por trás das manifestações”. Segundo ele, um determinado significado idêntico pode ser expresso pela língua por meio de diferentes formulações de linguagem, mas também pode-se encontrar manifestações variadas na cultura.

A linguagem tem o poder de criar uma visão de mundo, fazendo com que o homem transcenda os dados da sua experiência individual para uma compreensão comum. Essa compreensão comum, por sua vez, constitui a cultura. Sendo assim, Santos (2009, p. 13) diz que vários elementos, como “produtos, paisagens e repertórios culturais podem ser constitutivos da teia da cultura, mas não a definem como totalidade”. Segundo o autor, “a cultura inclui esses elementos, mas abrange também os sentidos de suas produções e as relações sociais das quais essas produções emergem, e suas inter-relações”.

Ainda em torno do termo cultura, precisa-se considerar que um texto literário possui uma forma específica de comunicação que evidencia o uso da língua como um serviço de criação artística, restringindo-se a uma representação de eventos históricos e sociais por parte do autor. A forma literária se transforma em fenômeno cultural, já que, segundo Morin (1977, p. 15), a cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade; estruturam os instintos e orientam as emoções. Verifica-se, então, que a literatura revela dimensões culturais. Sob o ponto de vista de Proença Filho (2007, p. 35), a literatura apoia-se num sistema de signos linguísticos que representam o mundo e revelam suas dimensões profundas, traduzindo o grau de cultura de uma sociedade.

De acordo com o autor, os signos verbais no texto de literatura

revelam-se carregados de traços significativos que a eles se agregam a partir do processo sociocultural. O texto literário pode abrigar a presença de elementos identificadores de um real concreto, como costuma também, nessa mesma dimensão, apresentar uma imagem desse real ligada estreitamente a outros elementos que fazem o texto. (2007, p. 35).

A cultura e suas práticas mesclam sistemas entrelaçados, tais como: a formação histórica, geográfica e social, as línguas, a literatura e os costumes. Geertz (1989, p. 16) situa a cultura como “um contexto, algo dentro do qual esses sistemas entrelaçados podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”. Conforme o conceito de cultura apresentado pelo autor, pode-se verificar que cultura e linguagem são os instrumentos que permitem a interação dos indivíduos em uma determinada região ou grupo social. O homem convive com várias formas de cultura, através das quais se manifestam as regularidades estruturais e funcionais da organização social. No meio dessas formas, encontram-se os fatores psicológicos, os fundamentos biológicos e todo o “edifício” da vida humana. (GEERTZ, 1989, p. 49). A partir dessa concepção de formas culturais, podemos pensar que uma cultura não se circunscreve ou se insere em uma região: ela a escreve, parafraseando Geertz, e os fios da teia da cultura são tecidos a partir de relações sociais. (SANTOS, 2009, p. 14). Por isso, ao se pensar a cultura num contexto regional, Santos (2009, p. 4) afirma que ela está “fundamentada na associação mecânica entre, de um lado, um conjunto de valores, estilos-de-vida, práticas sociais, modos de fazer, saberes e artefatos culturais e, de outro, uma determinada territorialidade”.

Em uma obra literária existe uma representação e visão de mundo propostas pelo autor. A linguagem é caracterizada como um veículo condutor de comunicação, em que a essência da obra consiste na adequação de sua linguagem ao público leitor e às coisas expressas. A linguagem utilizada por um autor, em uma determinada obra literária, constitui-se em um aspecto importante para a compreensão da representação. Ao lado da linguagem, a criação de costumes e a cultura também se tornam fatores substanciais para a fixação das imagens dos personagens, indicando a época em que ocorrem os acontecimentos. Mas, para identificar o processo de cultura em uma determinada região, é preciso verificar alguns aspectos, como, de acordo com Pozenato (2003, p. 27), os elementos que compõem ou não essa cultura, como ela está organizada e descrita. O autor ainda diz que a cultura somente existirá, se determinados elementos, comportamentos e manifestações a identificarem. Caso contrário, a cultura desaparecerá.

A cultura também faz com que as regiões sejam reconhecidas como *pátria* e

percebidas como um processo decisório de espaço cultural. Com relação aos espaços culturais, Joachimsthaler (2013, p. 40-41) aponta que “uma região é, portanto, ‘simplesmente’ uma condensação de espaço cultural [...] usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais, no que elas [as condensações] atribuem um sentido para a identificação de caráter identitário aos espaços”. A construção da identidade regional pode ser analisada pelos aspectos culturais dessa região, fazendo com que esta se diferencie de outras regiões. Nesse sentido, nas regiões existem práticas culturais e relações sociais que correspondem a modelos de identidade local ou regional e, segundo Joachimsthaler,

modelos identitários aparentemente bem definidos, que identificam um determinado contexto local com ‘seus’ cidadãos e ‘sua’ cultura, com uma benvinda ‘unidade’ regionalmente professada – mesmo que eles se tornem uma espécie de vida ou de ‘segunda natureza’ das pessoas neles nascidas ou a eles incorporadas (como pátria por opção) –, são realidade somente porque eles (os modelos identitários), como toda cultura, são construídos e preservados. Ou seja, os modelos identitários são, pura e simplesmente, construídos pelo homem. (2009, p. 28).

Para Joachimsthaler (2013, p. 75), “a cultura está ancorada e se origina da interação e do envolvimento com sua área geográfica, clima, flora, fauna, pessoas (com as suas impressões, seus medos e suas visões), formas e cores, recursos minerais [...]”. O autor ainda afirma que “a cultura marca, com seus bens mais significativos, o *seu* espaço e o seu tempo”. (JOACHIMSTHALER, 2013, p. 88, grifo do autor). Além do espaço e tempo, a cultura é reconhecida, no ambiente coletivo, como um reflexo da imagem social dos indivíduos. Ela contextualiza o homem com seu meio, seu grupo social, sua região, sua história, desempenhando um papel fundamental na interação entre o sujeito e sua realidade. Por isso, novos traços estão sempre sendo acrescentados à cultura. De acordo com Rodrigues (1954, p. 38), por exemplo, o churrasco, o chimarrão e o cavalo são traços típicos da cultura gaúcha, expressões também enfatizadas em *C7m*.

Segundo Haesbaert (2010, p. 8), história e cultura juntas proporcionam, em determinados contextos regionais, um peso ou um valor simbólico e identitário muito maior do que em outros. No Rio Grande do Sul, verifica-se que o linguajar do gaúcho incorpora à língua portuguesa termos indígenas e hispânicos. Em relação à formação do Rio Grande do Sul, Cesar (1964, p. 13) diz que “a ocupação portuguesa se chocou, de imediato, com a espanhola e a fisionomia do Rio Grande foi sempre a de uma fronteira em armas. Esta circunstância confirmou um tipo de cultura que já aí começava a diferenciar-se da do resto do País”.

No século XIX, com a chegada dos imigrantes europeus, como alemães e italianos, novos verbetes foram acrescentados e criados, a partir da mistura de novos idiomas. Jacks (1999, p. 71) diz que há subculturas no Rio Grande do Sul, provenientes das correntes migratórias (açoriana, alemã e italiana), as quais são as mais representativas, além de outras e, também, da subcultura que antecedeu todas, a *gaúcha*, que “que contém a simbologia usada para firmar sua identidade no confronto com as outras regiões brasileiras”.

Em *C7m*, a autora faz uso de outros idiomas além do português. Há a presença do espanhol e italiano em alguns trechos, como “- Signore, até a noite.” (p. 226) e “- Es um hombre mui diferente dos outros.” (p. 227). Conforme Chiappini (2002, p. 55), esse aspecto particular do Rio Grande do Sul pode significar uma situação vantajosa para o autor, “entre duas línguas e duas culturas, por abrir mais possibilidades de assuntos, aspectos, visões”.

Nesse sentido, as diferentes manifestações de cultura regional do Rio Grande do Sul estão associadas a questões que passam pelos costumes e pela tradição. Na obra *C7m*, a autora aponta características ligadas à bravura, à coragem e às regras de comportamento entre homens e mulheres, o que sinaliza as diferenças entre o Rio Grande do Sul e o restante do País. Jacks (1999, p. 19) destaca que a cultura regional incorpora vários níveis de manifestações de uma determinada região, as quais caracterizam uma realidade sociocultural. Por meio desta ideia, pode-se dizer que a cultura regional relaciona-se com a diferença e a especificidade de uma região.

3 SUBSÍDIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO

Neste capítulo, abordam-se alguns conceitos básicos dos Estudos Lexicais: o léxico, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Faz-se uma breve incursão na teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1979). Descreve-se, ainda, a metodologia utilizada para a pesquisa e para a coleta e constituição do corpus de análise. Apresentam-se também os campos lexicais escolhidos para análise, o modelo de ficha lexicográfica construído para registro das lexias selecionadas e os dicionários que serviram para a análise lexicográfica.

3.1 ESTUDOS LEXICAIS: O LÉXICO

O léxico é o elemento da língua que revela a história social e cultural de uma comunidade, na medida em que reflete as experiências de vida e a linguagem. (BIDERMAN, 2001a, p. 14).

O léxico tem como função nomear seres e/ou objetos, de acordo com o contexto social em que está inserido. Para Murakawa e Nadin (2013, p. 8), “desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda, [...] dar nomes a tudo o que está a nossa volta, como plantas, animais, instrumentos de trabalho, entre tantas outras coisas”. Desse modo, as pessoas nomeiam e caracterizam as coisas em sua volta, registrando e perpetuando a cultura. Matoré (1953, p. 132) acredita que o léxico de uma língua reflete os pensamentos e as ideias de cada indivíduo. Contudo, o léxico constitui-se num sistema dotado de complexa organização interna, no qual seus elementos estão relacionados e associados entre si, envolvendo a forma e o significado. Vilela vai mais além quando diz que o léxico

é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. (1995, p. 6).

Pode-se dizer, também, que o léxico é o inventário de palavras de uma língua, incluindo as que podem existir potencialmente, de acordo com a faculdade da linguagem (FAUSTICH, 2012, p. 13). Por meio dos Estudos lexicais, pode-se analisar e detectar os traços mais característicos de uma determinada região: atividades, valores éticos, crenças

religiosas, hábitos e costumes sociais. Embora todos esses aspectos sejam relevantes para o estudo do léxico, é preciso ter em mente que o universo lexical de um determinado grupo não se restringe apenas a nomear coisas, seres, ações e sentimentos, mas, também, e principalmente, refletir toda a herança sociocultural de uma determinada região. De acordo com Oliveira e Isquardo:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura. (1998, p. 9)

O léxico não pode ser considerado somente uma justaposição de termos sem relação entre si. Como o acervo lexical constitui-se por um conjunto de lexemas, o léxico está sujeito a influências da realidade exterior, sujeito a alterações na língua e refletindo, desse modo, a cultura de uma determinada sociedade.

Em um estudo do léxico pode-se identificar aspectos linguísticos de grupos de indivíduos e regiões, na medida em que, conforme Carvalho (2009, p. 41), “o sistema lexical é a soma de experiências da sociedade e da cultura”. Para a autora, existem tipos diferentes de léxico de acordo com a situação social; assim “o léxico é um processo contínuo de aquisição através de vocabulários ativo (de uso) e passivo (de compreensão)”.

O léxico identifica os fenômenos histórico-culturais e sociais, compreendendo o conjunto de costumes e hábitos do comportamento verbal, determinando a visão de mundo dos indivíduos que falam uma língua. Biderman (1998a, p. 132) considera o léxico como um patrimônio social de uma comunidade, relacionado a outros símbolos da herança cultural dessa comunidade. A autora (1998a, p. 132) diz ainda que “o léxico é transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias”. Com o tempo, os usuários de uma língua são impulsionados a conferir novos sentidos às palavras devido a algumas necessidades comunicativas, principalmente aqueles sentidos que atribuem uma nova conotação ao léxico, destacando marcas regionais, inclusive em obras literárias. Para Faulstich não existe

língua sem léxico, mas os estudos do léxico são, muitas vezes, sustentados por fracos critérios que põem essa parte do estudo das línguas e da linguagem dentro de categorias insustentáveis, que, por isso, recebem injustamente menor valor nos estudos do campo das ciências. (2012, p. 65).

Os hábitos e costumes de um grupo social podem ser percebidos e relacionados por meio do estudo do léxico, já que ele está sempre em constante movimento e interligado às relações sociais e ao fenômeno da comunicação. Biderman (1998a, p. 11) diz que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

O estudo do léxico de uma língua, também, de acordo com Borba (2003, p. 25), deve partir da significação das lexias para se chegar ao seu significado, isto é, o conceito lexical e seu valor semântico são construídos a partir dos conceitos expressos no discurso pelas lexias, embora exista uma distinção entre *palavras* e *vocabulário*, *significado* e *significação*.¹⁴

Outrossim, os significados das formas linguísticas só podem ser adequadamente descritos, tendo em conta a experiência individual e histórica do indivíduo. Neste sentido, Silva (1999, p. 14, grifo do autor), aponta que o estudo semântico está ligado ao meio cultural do falante, já que “sendo a linguagem um dos **instrumentos** conceptuais básicos do homem, ela tem por função cognoscitiva interpretar, organizar, fixar e exprimir a experiência humana, própria de um indivíduo ou de uma cultura”. Num estudo léxico-semântico relacionado a uma obra literária, deve-se caracterizar o léxico em associação com a semântica, que é considerada a subteoria da linguagem humana que investiga as propriedades do significado.

Existe uma distinção fundamental entre léxico e vocabulário. Conforme Vilela,

[...] o léxico é o conjunto das palavras fundamentais das palavras ideais numa língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade lingüística; o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório. (1995, p. 13).

O vocabulário, desse modo, utilizado pelas pessoas difere de região para região e tem uma referência temporal. Segundo Abbade (2011, p. 1763), “o vocabulário de um povo diz muito sobre os seus hábitos, costumes e história. Ao deparar com o vocabulário específico de

¹⁴ Para Borba (2003, p. 25), *palavra* refere-se ao sistema linguístico abstrato e *vocabulário* aplica-se à fala, ao discurso entre os indivíduos. *Significado* refere-se ao conceito individual da lexia e *significação* refere-se ao valor semântico resultante da combinação das unidades lexicais.

uma língua em determinada região, pode-se observar traços da língua falada naquela comunidade”.

Na análise de estudos sobre o léxico, “define-se e caracteriza-se não apenas uma língua, mas também tudo que mais permeia o homem e o mundo em que vive”. Para isso, Biderman (2006, p. 35) diz ainda que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Ainda conforme Biderman,

ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais. (2006, p. 35).

Existe também o estudo do léxico considerado particular, que apresenta um conjunto de palavras peculiares, como, por exemplo, o léxico do gaúcho. Dessa forma, por meio do estudo do léxico regional pode-se identificar a origem regional de uma determinada pessoa.

3.2 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades de falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas [...] (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23)

Entre as disciplinas que estão relacionadas aos Estudos lexicais destaca-se a Lexicologia, ligada diretamente ao estudo científico e estrutural do léxico. Ela fornece bases teóricas e metodológicas para o estudo lexical. Sobre a Lexicologia, Vilela refere que ela

não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma. (1994, p. 10).

De acordo com Abbade, a Lexicologia

enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. (2011, p. 1332).

Para isso, a Lexicologia, assim como o estudo do léxico, procura responder questões como a seguinte: De que forma o indivíduo adquire o léxico? Como o léxico é considerado um sistema linguístico que caracteriza e reflete a cultura e as percepções dos indivíduos de uma determinada região, a Lexicologia trata das palavras e de unidades significativas, que devem ser investigadas na sua forma e no seu significado. Ela se subdivide em morfologia e semântica e, de acordo com Biderman (2001a, p. 157), “privilegia a palavra como seu objeto principal de estudo”. Através da Lexicologia, pode-se fazer um aprofundamento do estudo lexical e da formação e estruturação do vocabulário em campos semânticos. Como uma mesma palavra pode ser empregada em diferentes contextos, existem diversas possibilidades de incluí-la em campos semânticos distintos. Para Genouvrier e Peytard (1973, p. 15), campo semântico é o conjunto dos empregos de uma palavra (ou sintagma, ou lexia), no qual a palavra adquire uma carga semântica específica.

Outra disciplina que faz parte dos Estudos lexicais é a Lexicografia, que tem, em sua “vertente teórica, a descrição dos métodos e problemas que apresenta a técnica de compor dicionários e em sua vertente prática, é entendida como o conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação de termos, pelo método onomasiológico”. (DAL CORNO, 2010, p. 1)

A partir dessa definição, pode-se dizer que o fundamento da Lexicografia é a representação da informação associada às unidades lexicais e adaptada a diferentes dicionários e usuários, mas sempre compreendida como a representação lexical.

A Lexicografia busca, por meios técnicos e práticos, o registro das unidades léxicas de um determinado léxico em obras lexicográficas, como dicionários, glossários, vocabulários, etc. De acordo com Krieger (2008, p. 3), “ao registrarem o conjunto das unidades lexicais das línguas comuns ou das chamadas linguagens de especialidade, as obras lexicográficas remetem a universos sociais, culturais, científicos, tecnológicos ou jurídicos, entre outros”.

Ao lado da Lexicologia e da Lexicografia também faz parte dos Estudos lexicais a Terminologia, disciplina que analisa os conceitos e termos, a partir de sua organização e

normalização. Conforme Krieger,

é uma área de conhecimentos e de práticas, cujo principal objeto de estudos teóricos e aplicados são os termos técnico-científicos. Em sua face teórica, a Terminologia ocupa-se da descrição da gênese e dos modos de constituição e funcionamento das unidades lexicais especializadas. Estas são assim denominadas porque se constituem e são utilizadas no âmbito de atividades profissionais especializadas, cumprindo a missão de veicularem conceitos próprios de cada área do conhecimento. (2005, p. 1).

O precursor da Terminologia foi um engenheiro austríaco chamado Eugen Wüster (1898-1977), que a definia como uma área de estudos teóricos, interdisciplinar. Wüster também foi o criador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), uma disciplina científica que elabora os princípios e os métodos terminológicos gerais, que servem de base a todo trabalho terminológico.

Além disso, entende-se como um conjunto de termos definidos em relação uns aos outros. O termo propriamente dito, ou unidade terminológica, constitui uma conexão referencial. Já a análise do conteúdo de um termo pode ser tratada independentemente de sua expressão, na medida em que a prioridade é o conceito. Em seguida, realiza-se uma análise desse conceito, para que, somente depois, possa-se buscar uma designação correspondente.

Na Terminologia, a palavra remete a determinados valores dentro do discurso de especialidade. Nesse sentido, os termos também são palavras e unidades lexicais.

O termo que é o estudo de uma área de especialidade é mensageiro de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social. Na sociedade moderna, esse pensamento ganha força no sentido que as palavras vão surgindo pela necessidade que o homem tem de se informar e se tornar leitor, conhecedor da palavra manifestada. (SILVA, 2011, p. 117).

Considera-se que a Terminologia tem como objetivo principal estudar a relação entre a realidade e o conceito. Privilegia-se a compreensão dos conceitos e as relações estabelecidas entre eles para, em seguida, atribuir a estes as suas designações (expressões e termos). A organização e seleção do conhecimento, partindo de domínios específicos, também caracterizam essa área. Desse modo, cria-se uma lista de termos de um determinado assunto, que identifique um domínio particular, acompanhado de definições. É por meio de uma unidade linguística ou de um conceito que se identifica o termo, tornando-o um item lexical dentro de um contexto específico. As obras baseadas em Terminologias devem ser elaboradas a partir de uma organização sistemática de nomenclatura, abrangendo os termos específicos dentro do contexto.

A base da Terminologia relaciona-se a áreas específicas de conhecimento. Assim, Biderman (2001b, p. 160) entende que “a Terminologia pressupõe uma teoria de referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código lingüístico correspondente”. Ainda conforme Biderman,

embora Lexicografia e Terminologia tenham muitas afinidades, existem diferenças entre ambas que precisam ser explicitadas. Na Lexicografia podem ser identificadas unidades léxicas muito heterogêneas, ao passo que na Terminologia encontramos unidades léxicas relativamente homogêneas. O repertório lexical da Lexicografia não se restringe ao universo referencial, enquanto a Terminologia é centrada no universo referencial. Constitui metodologia básica da Terminologia a elaboração de mapas conceituais de cada área do conhecimento para subsidiar a identificação dos termos, bem como a elaboração de definições desses mesmos termos. (2001b, p. 153).

Para Krieger e Finatto (2004, p. 16), “[...] a Terminologia é um elemento inerente às chamadas comunicações especializadas”. Ela se relaciona com vários tipos de textos científicos ou de especialidades em geral, possuindo determinadas peculiaridades e é identificada, em alguns casos, como língua para fins específicos, língua de especialidade, entre outros. As autoras ainda afirmam que, fazem parte da Terminologia o termo ou descritor, salientando que o primeiro é uma unidade léxica assumindo um valor semântico de uma área de especialidade. A própria Terminologia costuma ser utilizada por autores de diferentes gêneros textuais, até mesmo em obras de ficção, em que, não raro, informações especializadas são incorporadas ao enredo. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 61).

Verifica-se, mais precisamente, a diferenciação entre a Lexicologia, Lexicografia e a Terminologia, no Quadro 2.

Quadro 2 – Aspectos da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Lexicologia	Lexicografia	Terminologia
Ocupa-se de vocabulários específicos, topônimos e neologismos, contribuindo de modo particular para o conhecimento da variação linguística. À variação associam-se importantes aspectos da cultura, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade.	Cobre diversos aspectos de registros lexicais. Problematisa a constituição e o tratamento de unidades simples e complexas, além de outras faces do léxico geral, quando registrado em dicionários de língua. Envolve questões desde a definição até aspectos constitutivos da organização macro e microestrutural dos dicionários e glossários.	Destacam-se os estudos sobre a unidade lexical especializada, o termo, sob vários ângulos e múltiplas implicações, já que a Terminologia, com base linguística, não dissocia termo e contexto de ocorrência.

Fonte: Adaptado de Krieger (2010, p. 169-170).

Quando relacionada às unidades léxicas, a Lexicografia abrange um campo maior do que a Terminologia. Biderman (2001b) afirma que a Lexicografia busca descrever o léxico geral da língua, relacionando-a com todas as outras funções da linguagem, por isso ela é mais abrangente e heterogênea do que um léxico especializado, objeto de uma descrição terminológica.

3.3 OS CAMPOS LEXICAIS

Os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. (ABBADE, 2012, p. 6)

A estruturação dos campos lexicais depende do processo de categorização do léxico. Essa categorização permite verificar a realidade que cerca os indivíduos, identificando as informações retiradas do mundo real e organizando-as através de dados ordenados em campos conceituais. O conhecimento linguístico de determinada comunidade social é usado para a categorização do léxico de acordo com a cultura em que está inserido. Desse modo, para o estudo do léxico de uma língua, a teoria dos campos lexicais constitui-se uma base fundamental, organizando e estruturando, através de aspectos semânticos, o léxico que está sendo analisado.

Por campo lexical entende-se um conjunto de palavras que constituem um campo conceitual comum, devido às relações semânticas que estabelecem entre si, ou seja, pelas relações de sentido existentes entre elas. Conforme Lyons (1980, p. 217), o campo lexical é “um subconjunto paradigmática e sintagmaticamente estruturado do vocabulário (ou léxico)”. Ao estudarmos um campo lexical, com base em estudos lexicológicos e na dimensão social da linguagem humana, juntamente com símbolos da herança cultural, estamos atribuindo significado às palavras. Pode-se dizer que, no campo léxico, existe uma relação de coordenação entre as palavras e, por meio de campos em associação, a língua estabelece uma forma peculiar da visão de mundo.

Trier, em 1931, trouxe em primeiro plano a teoria sobre campos lexicais. Em sua teoria ele consegue estudar as palavras a partir da noção conceitual, identificando a constituição das mesmas em um conjunto estruturado, em que uma depende da outra. O linguista afirmava que as palavras adquirem seus significados, por meio da relação com as

outras palavras dentro de um mesmo campo conceitual.

Abbade, que baseou sua pesquisa em Coseriu¹⁵ (1977), diz que, em relação à estruturação em campos,

as palavras se unem como uma cadeia, onde a mudança em um conceito acarreta modificações nos conceitos vizinhos e, assim, por diante. Nesse sentido, as palavras formam um campo linguístico através de um campo conceitual e exprimem uma visão do mundo de acordo com a reconstituição que elas possibilitam. (2009, p. 38).

O campo linguístico pode receber outras denominações: campo semântico, campo associativo, campo nocional e campo lexical. A unidade significativa encontra-se no campo, ao mesmo tempo como significante e como significado. O campo não é, portanto, somente semântico, mas também morfológico. Já o campo lexical refere-se ao conjunto das significações que assumem as palavras dentro de um contexto.

O estudo sobre o campo lexical e semântico determina, assim, a significação particular da palavra. Para Abbade,

as palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. [...] Ela não tem sentido se lhe faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um campo conceitual. (2009, p. 39).

A autora complementa dizendo que, para entender a lexia individualmente, é necessário “observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão, formando-se assim uma estrutura de campos lexicais”. (ABBADE, 2012, p. 6).

Da mesma forma que objetos podem ser reunidos em grupos, de acordo com semelhanças e diferenças, também as palavras que nomeiam objetos podem ser agrupadas em campos. É preciso fazer o levantamento de palavras que possuam a mesma noção dentro de um texto. Como exemplo, estudar o campo lexical sociológico ou cultural, na obra de um determinado autor.

Conforme Abbade (2009), verifica-se que não há sobreposição sobre os campos, e

¹⁵ Linguísta romeno (1921-2002) que se tornou um estudioso de renome internacional por suas grandes contribuições à teoria e à história da linguística. Muitos de seus trabalhos são considerados clássicos da disciplina e indicados como referência para professores e estudantes ao redor o mundo. Seus conceitos linguísticos básicos fazem parte do conhecimento da filosofia da linguagem e sua influência foi além destas disciplinas. Eles ofereceram uma análise crítica do pensamento de Saussure e do método estruturalista. Coseriu executou a "Linguística integral", uma teoria que integra o estruturalismo, mas limita a relevância das estruturas em alguns aspectos particulares da língua. (LA HISTORIA CON MAPAS, tradução nossa).

qualquer mudança nos limites de um conceito afetará o conceito vizinho. Essa concepção é verificada na teoria dos campos lexicais, definida por Coseriu (1979) e também adotada neste estudo. De acordo com o autor,

um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão reciprocamente em oposição imediata mediante traços distintivos de conteúdo simples.¹⁶ (COSERIU, 1979, p. 146, tradução nossa).

O autor utiliza o termo *macrocampo*, definido como um campo superior a partir de lexias organizadas, das quais, conseqüentemente, irão se originar os *campos* e *microcampos*. Na acepção de Coseriu (1979), as palavras se relacionam entre si originando dessa forma o campo léxico como uma estruturação constituída por unidades léxicas, divididas e separadas a partir de significação comum e encontrando oposição umas com as outras. Segundo o autor, verifica-se uma oposição nos itens lexicais separados em campos, e a palavra deve ser considerada no seu todo estruturado. Para ele um campo semântico pode abarcar lexias com significados diferentes, mas que podem ser colocadas em um mesmo campo e separadas em microcampos.

A teoria dos campos lexicais coseriana parte da expressão para o conteúdo e adota um estudo estrutural das palavras e seus significados. Para um estudo estrutural,

é necessário analisar a língua funcional, entendida como língua enquanto sistema, ou seja, uma língua até certo ponto unitária dentro de uma língua histórica tomada em seu conjunto que geralmente compreende uma série de línguas funcionais que às vezes são bastante diferentes. As unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionaram, e mediante as oposições em que funcionam. (ABBADE, 2009, p. 41).

Segundo Abbade (2011, p. 1332-1333), a teoria dos campos lexicais, a partir da direção estrutural proposta por Coseriu, “propõe que um campo se estabelece através de oposições simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos”. As palavras não se opõem entre si, mas se opõem em campos lexicais distintos. “Os campos podem ser mais ou menos complexos e disso vai depender a organização dos mesmos.” (ABBADE, 2011, p. 1332-1333).

Coseriu (1979, p. 36) afirma que a relevância para o conteúdo linguístico é o

¹⁶ **Do original:** Un campo léxico és, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponem de manera inmediata unas as otras, por medio de rasgos distintivos mínimos.

significado, a designação e o sentido, na medida em que:

- a) **significado:** representa o conteúdo linguístico;
- b) **designação:** representa a relação da realidade do objeto;
- c) **sentido:** representa o conteúdo de um texto.

Primeiramente, por meio da teoria de Coseriu, é preciso definir os empregos da lexia e fazer o levantamento dos campos lexicais, aos quais esta se associa ou se opõe. Pode-se verificar uma oposição entre os conceitos de *significado* e *significante*.

Nessa acepção, o *significado* refere-se ao conteúdo de um signo ou construção, enquanto o *significante* refere-se ao objeto, por exemplo; *significado* refere-se à classe dos objetos (móveis) e *significante* refere-se a um objeto (fogão à lenha). Assim, ao organizar as lexias em campos lexicais, é preciso conhecer sua estrutura e seu significado para poder enquadrá-las dentro de um determinado grupo com afinidades. Por exemplo, as lexias *peão* e *churrasco* não podem ser classificadas em um mesmo campo, mas, *churrasco* e *picanha*, sim, pois pertencem ao mesmo campo: o campo *Comida*, microcampo *carnes*.

Para Biderman (1998b, p. 117), “o conceito do significado é tributário de uma realidade que o antecede e precede, realidade essa que o indivíduo interpreta, criando a unidade cultural ao qual atribui um nome, isto é, a palavra ou significante”.

Por meio desse plano semântico, pode-se compreender algumas definições com relação ao *significante* e *significado*, uma vez que há casos em que um mesmo significante remete a outros significados (por exemplo a palavra *bagual*, que pode ser um substantivo ou um adjetivo: “cavalo novo e arisco” ou “rude, grosseiro, indômito, bonito, grande, etc”). Aplica-se também a pessoas, tanto no sentido pejorativo quanto no elevado. (NUNES; NUNES, 2010, p. 50).

De acordo com Abbade (2009, p. 42), Coseriu estabelece cinco tipos de classificações para a significação: lexical, categorial, instrumental, sintática ou estrutural e ôntica. A autora ainda explica:

A significação lexical diz respeito ao sentido da palavra e é o que vai interessar aos estudos em lexicologia. A categorial refere-se à categoria das palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc.); a instrumental ao sentido dos instrumentos gramaticais (desinências, prefixos, sufixos, acento, ritmo etc.); a sintática ou estrutural ao significado das construções gramaticais (lexemas + morfemas) que formam o singular, plural, presente, pretérito etc.; e a significação ôntica que só ocorre no plano das orações, pois é o valor existencial na intuição significativa ao “estado de coisas” apresentado em uma oração (afirmativo, negativo, imperativo etc.). (ABBADE, 2011, p. 1340).

A classificação escolhida para esta pesquisa foi a lexical, que se refere ao sentido da palavra. Para a autora, Coseriu, ao estudar a estruturação dos campos lexicais, “propõe sempre um estudo diacrônico e estrutural do léxico onde se possa investigar o funcionamento da língua, partindo-se da *significação* estrutural para a *designação*, ou seja, a língua é descrita como estruturação de conteúdo”. (ABBADE, 2009, p. 42, grifo da autora)

Coseriu, em seus estudos sobre campos lexicais, adota o termo Lexemática no lugar do termo Lexicologia. Na Lexemática, a significação lexical possui autonomia e difere de outros tipos de significados, contendo os princípios básicos, que são: a funcionalidade, a oposição, a sistematicidade e a neutralização. De acordo com Coseriu,

a tarefa fundamental da lexemática enquanto disciplina estrutural descritiva consiste em esclarecer dentro das línguas funcionais e descrever de maneira sistemática e exaustiva a paradigmática e a sintagmática do vocabulário no plano do conteúdo. Sua especificidade diante do estudo funcional das línguas em geral do específico da estrutura paradigmáticas e sintagmáticas que considera.”. (1979, p. 220, tradução nossa).¹⁷

Para atingir os objetivos desta pesquisa, no que tange à análise dos campos lexicais, adotou-se a teoria de Coseriu, abordando os campos numa perspectiva histórico-cultural e social no contexto da narrativa. Adotando-se essa teoria, o estudo do romance *C7m* parte do princípio de que o campo léxico precisa associar-se tanto à concepção de oposição como à de afinidade entre as lexias. O campo lexical da palavra *revolução*, por exemplo, pode ser representado em obras literárias ou em obras referentes à filosofia, à história ou à sociologia.

3.4 PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DE *C7M*

Um texto literário, seja ele um conto, um romance ou um poema, apresenta uma determinada orientação de conteúdo comunicativo e, conseqüentemente, uma seleção lexical de palavras. No caso do romance *C7m*, a identificação das unidades lexicais empregadas por Wierzchowski na narrativa contribui para distinguir determinado grupo social ou a região da qual os personagens fazem parte. Algumas palavras ou termos utilizados pela autora de *C7m*, em sua narrativa, revelam traços representativos do contexto histórico, social e cultural

¹⁷ **Do original:** La tarea fundamental de la lexemática en cuanto disciplina estructural descriptiva consiste en deslindar dentro de las lenguas funcionales e describir de manera sistemática y exhaustiva la paradigmática y sintagmática del vocabulario en el plano del contenido. Su especificidad frente al estudio funcional de las lenguas en general de lo específico de las estructuras paradigmáticas y sintagmáticas que considera (COSERIU, 1979, p. 229).

representado, tendo como pano de fundo a Revolução Farroupilha.

Conforme apontado anteriormente, o léxico é uma das manifestações culturais de uma dada língua e/ou região. Neste estudo, léxico-semântico da obra *C7m*, procura-se confirmar essa relação a partir de itens lexicais, que tendem a identificar os aspectos regionais, sociais e culturais no contexto da narrativa, inventariando os termos mais significativos que formam os campos léxicos. Para isso, optou-se pela análise metodológica de campo léxico-semântico, por meio da teoria de Coseriu (1979). A escolha por trabalhar com campos léxico-semânticos delimitados associa-se à especificação do significado, estabelecendo uma relação entre as lexias e a sua ligação com o contexto regional do Rio Grande do Sul. Com isso, considera-se o contexto em que elas estão inseridas e destacam-se aspectos do ambiente representado na obra em questão. Por conseguinte, o estudo léxico-semântico, a partir da organização das lexias em campos lexicais, procura apresentar uma visão mais ampla das significações de cada lexia.

Ao se propor um estudo léxico-semântico desta natureza, cabe levantar o questionamento de quais tipos e sentidos das lexias selecionadas e, também, qual a estrutura e o significado de cada uma. Sendo assim, este estudo pretende mostrar de que maneira as opções lexicais da autora na obra *C7m*, bem como a análise das relações de significados dos campos lexicais selecionados e organizados em suas unidades podem evidenciar os aspectos regionais, dentro do contexto social representado na obra. Desse modo, busca-se verificar as características peculiares do local onde transcorre a narrativa e, também, os costumes de um grupo social caracterizado pelos personagens do romance.

No processo de reconhecimento do léxico, utiliza-se a ferramenta informatizada disponibilizada pelo *software Antconc*. Esse programa foi escolhido porque apresenta as ferramentas necessárias para a análise e sua funcionalidade é simples. O arquivo pdf da obra *C7m* foi convertido em txt. para gerar o *corpus* da análise.

O *corpus* apresenta um número total de 147.880 palavras (*tokens*) que correspondem ao número total de itens ou palavras, incluindo as repetições de um mesmo item ou palavra e, destas, 14.661 ocorrências (*types*) que correspondem a cada item ou palavra, sem considerar as repetições, recuperadas através do programa *Antconc*. Com a aplicação da ferramenta *wordlist*,¹⁸ foi possível visualizar todas as palavras do texto em ordem alfabética, além de obter, por exemplo, dados estatísticos sobre as lexias selecionadas. A partir da *wordlist* também foram selecionadas as principais palavras (substantivos, verbos, adjetivos)

¹⁸ Veja-se o Anexo B.

relacionadas a aspectos regionais do Rio Grande do Sul, conforme caracterização no romance. Foi gerada uma lista em ordem alfabética das lexias do *corpus* e selecionadas aquelas candidatas à análise, por potencialmente remeterem a contextos regionais.

Para atingir os objetivos propostos, foram observados os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) identificação da região representada no romance;
- b) identificação do *modus vivendi* dos personagens como representado na narrativa;
- c) levantamento das lexias regionais no romance analisado (a partir de *wordlist* gerado pelo *Antconc 3.2.4*);
- d) separação e organização prévia das lexias quanto aos campos lexicais;
- e) organização das lexias em macrocampos e respectivos microcampos;
- f) fichamento das lexias a partir dos campos lexicais;
- g) consulta às obras lexicográficas para constatação das acepções das lexias selecionadas e confirmação de sua pertinência aos campos lexicais;
- h) elaboração de um pequeno glossário com as lexias selecionadas.

O primeiro procedimento adotado foi uma organização prévia das lexias, elaborada conforme a estruturação de campos léxicos em uma organização dos campos lexicais denominada de árvore lexical, visto que pode-se, com a distribuição dos itens nessa estrutura, inferir as relações estabelecidas entre cultura, língua e sociedade da região enfatizada na obra.

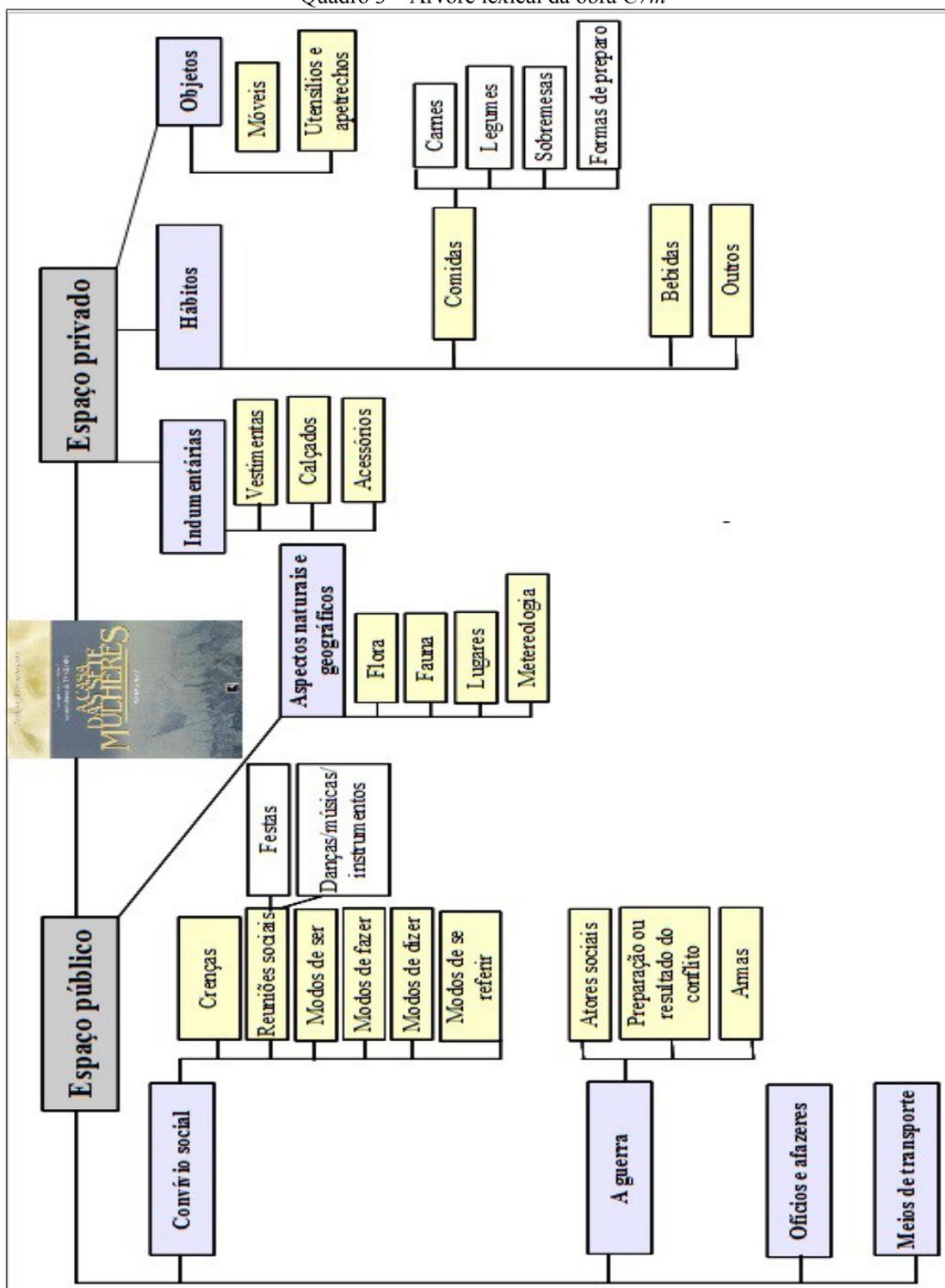
Na própria Biblioteconomia utiliza-se alguns sistemas de classificação bibliográfica como instrumento de organização e classificação das áreas de conhecimento. Essas classificações possuem uma estrutura lógico-hierárquica fazendo com que os documentos sejam organizados em áreas de assuntos existentes. Cada assunto relaciona-se com o outro dependendo da similaridade entre eles. Isso foi proposto no exemplo da árvore lexical elaborada que apresenta os macrocampos com os seus microcampos relacionados de acordo com a afinidade entre eles.

Os espaços denominados “Espaço Público” e “Espaço Privado” são considerados macrocampos. A obra foi dividida em dois espaços representativos como “fora da casa” e “dentro da casa”. Após, foi realizada a divisão dos campos dentro desses espaços com seus devidos microcampos. Essa organização serviu de base para a identificação dos principais campos de análise.

Alguns microcampos se comunicam entre si dentro desses espaços estabelecidos simplesmente pelo fato de uma determinada lexia pertencer tanto a um espaço quanto a outro, embora estejam sendo apresentados de forma separada dentro desses espaços. É preciso verificar como os microcampos estão enfatizados no contexto da narrativa. Como exemplo podemos citar o microcampo “comidas” que pode pertencer tanto ao “Espaço Público” quanto ao “Espaço Privado”, mas conforme o contexto do romance, os alimentos eram mais compartilhados dentro da casa (festas, reuniões familiares) do que fora da casa.

O Quadro 3 apresenta a árvore lexical da obra *C7m* que permite a identificação da relação semântica entre as palavras e o seu enquadramento nos respectivos campos, facilitando a disposição dos macrocampos.

Quadro 3 – Árvore lexical da obra *C7m*



Fonte: Elaboração da autora.

A árvore lexical proporcionou uma melhor verificação de quais campos utilizar para a análise. Dessa forma, pôde-se identificar as lexias regionais existentes na narrativa e a organização destas em campos lexicais devidamente separados e destacados, já que, de acordo com Coseriu (1979, p. 93, tradução nossa), “um mesmo item pode ser classificado em diferentes campos simultaneamente”.¹⁹ Em seguida, realizou-se o inventário das lexias que formam os campos léxicos mencionados na árvore lexical.

Através das lexias inventariadas no *corpus* do estudo, tornou-se possível elencar os termos regionais mais significativos. Verificou-se que o léxico não se forma através de unidades isoladas entre si, mas, sim, por meio dos campos lexicais, nos quais cada lexema é colocado conforme o seu significado.

Primeiramente, a análise em *C7m* permitiu a especificação das lexias correspondentes aos aspectos relacionados aos indivíduos (aspectos psicológicos, socioculturais e geográficos, correspondentes ao “espaço público”) e à casa, identificada como “Espaço Privado” (aspectos pessoais), que caracterizam ou identificam as regionalidades na narrativa, considerando os campos semânticos assim distribuídos, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Distribuição dos campos lexicais

<i>C7m</i>				
ESPACO PÚBLICO = Macrocampo				
Campo Convívio social	Campo A guerra	Campo Ofícios e afazeres	Campo Meios de transporte	Campo Aspectos naturais e geográficos
Microcampos léxicos Crenças; Reuniões sociais; Modos de ser (ou de ser identificado); Modos de fazer; Modos de dizer; Modos de se referir	Microcampos léxicos Atores sociais; Preparação ou resultado de conflito; Armas			Microcampos léxicos Flora; Fauna; Lugares; Metereologia
<i>C7m</i>				
ESPACO PRIVADO = Macrocampo				
Campo Indumentárias	Campo Hábitos	Campo Objetos		
Microcampos léxicos Vestimentas; Calçados; Acessórios	Microcampos léxicos Comidas; Bebidas; Outros	Microcampos léxicos Móveis; Utensílios e apetrechos		

Fonte: Elaboração da autora.

¹⁹ **Do original:** “La misma palabra puede figurar en varias agrupaciones a la vez, según la determinación que se considere.”

Tem-se como resultado oito campos lexicais que melhor identificam a temática regional da narrativa, dentro dos espaços público e privado. Verifica-se que há um número maior de campos no “Espaço Público”, totalizando cinco campos, enquanto no “Espaço Privado” são somente três campos. Desse modo, o campo “Convívio social” possui um maior número de campos lexicais, se comparado aos outros campos. Ele está dividido em seis microcampos.

A análise dos campos lexicais transcorre de:

- a) o campo “Convívio social” relaciona seis microcampos lexicais. Esse campo identifica as lexias que fazem parte de aspectos sociais, culturais e psicológicos dos personagens no romance, estabelecendo contato com as reuniões sociais, com suas festas, danças e músicas, os modos de como “ser identificado”, de “dizer”, de “fazer” e de “se referir”. Também procura retratar parte da cultura dos personagens na narrativa, a partir de suas crenças;
- b) o campo “A guerra” relaciona três microcampos lexicais e procura demonstrar quais os principais aspectos regionais que são destacados na representação da Revolução Farroupilha, como as armas utilizadas, os grupos de pessoas que fizeram parte de alguma forma do conflito;
- c) o campo “Ofícios e afazeres” não apresenta um microcampo. Ele demonstra apenas algumas das profissões exercidas pelos personagens, na época em que se passa a narrativa;
- d) o mesmo acontece com o campo “Meios de transporte”, que apresenta apenas as lexias relacionadas aos meios de locomoção utilizados;
- e) o campo “Aspectos naturais e geográficos” identifica uma amostra da natureza representada na narrativa, comparada à região do Rio Grande do Sul, caracterizando que os personagens se relacionam com o ambiente físico por meio da flora, fauna e de elementos meteorológicos e geográficos da região. Ele divide-se em quatro microcampos;
- f) o campo “Indumentárias” procura relacionar alguns nomes de vestimentas, calçados e acessórios utilizados pelos personagens, dividindo-se em três microcampos;
- g) o campo “Hábitos”, dividido em três microcampos lexicais, procura retratar parte da cultura alimentar dos personagens e outros aspectos relacionados à

comida e a manifestações tradicionais;

- h) o campo “Objetos” apresenta o vocabulário utilizado dentro da “casa” para nomear utensílios, apetrechos e móveis e divide-se em dois microcampos lexicais.

Percebe-se, a partir dessa comparação, a relevância de se estudar em uma obra literária de ficção, como no caso de *C7m*, os aspectos sociais e culturais relacionados aos personagens do romance. Também, por meio da identificação e separação dos oito campos e seus respectivos microcampos lexicais, pode-se verificar a estreita relação entre eles, estabelecendo uma análise das lexias consideradas regionais em *C7m*.

Os verbetes foram organizados obedecendo a critérios básicos da lexicografia, como segue:

- a) as lexias foram escritas conforme constam no *corpus*, seguidas pela classificação da categoria gramatical a que pertencem, entre parênteses;
- b) as entradas dos nomes são lematizadas, isto é, identificadas pelo masculino singular, quando não apresentaram apenas a forma feminina;
- c) os verbos foram registrados no infinitivo.

As lexias selecionadas foram organizadas dentro dos seus campos semânticos, de acordo com o Quadro 5.

Quadro 5 – Lexias separadas de acordo com os campos lexicais

(continua)

1 ESPAÇO PÚBLICO

A. Convívio social

A1. Crenças: alma penada, aparição, boiguaçu, boitadá.

A2. Reuniões sociais:

A2.1 Festas: bailanta, fandango.

A2.2 Danças/músicas/instrumentos: caranguejo, chimarrita, gaita, meia-cancha, milonga.

A3. Modos de ser (ou ser identificado): apessoado, campeiro, centauro, estropiado, guasca, pampeano, xucro.

A4. Modos de fazer: aboletar, chegar, amolar, apear, arrebanhar, arreglar, arrematar, bandear, capinar, carnear, chupar, corcovear, derrear, domar, encilhar, enveredar, manear, matear.

A5. Modos de dizer: (que) arreliação, barbaridade, buenacho, bueno.

A6. Modos de referir: companheira, guri, senhora, sinhá,

<p>B. A guerra: escaramuça</p> <p>B1. Atores sociais: castelhanos, caudilhos, charruas, chinas, continentinos, escravos, farrapos, farroupilhas, gaúchos, republicanos.</p> <p>B2. Preparação ou resultado de conflito: barulheira, entrevero, escaramuça, piquete.</p> <p>B3. Armas: adaga, boleadeira.</p> <p>C. Ofícios e afazeres: assador, cavalariano, charqueador, estancieiro, gaiteiro, laçador, tropeiros, vaqueano, violeiro.</p> <p>D. Meios de transporte: carreta, carroça.</p> <p>E. Aspectos naturais e geográficos:</p> <p>E1. Flora: capim, figueira.</p> <p>E2. Fauna: alazão, animal de rapina, baio, cusco, gado, guaipecas, novilho, quero-quero, zaino.</p> <p>E2.1. Formas de organização dos animais: boiada, cavalhada, parelha, tropilha.</p> <p>E3. Lugares: banhado, barranca, bolicho, boqueirão, Campanha, campo, capão, chão, charqueada, Continente, coxilha, estância, galpão, pampa, rincão, sanga, varanda.</p> <p>E4. Meteorologia: cerração, geada, vento minuano.</p> <p>2 ESPAÇO PRIVADO</p> <p>F. Indumentárias:</p> <p>F1. Vestimentas: bombacha, chapéu barbicacho, chiripá, poncho.</p> <p>F2. Calçados: bota (de couro negro).</p> <p>F3. Acessórios: esporas, grampo, guaiaca, lenço (colorado), pelego.</p> <p>G. Hábitos</p> <p>G1. Comidas: carreteiro de charque, quitute.</p> <p>G1.1 Carnes: assado, charque, churrasco, picanha.</p> <p>G1.2 Legumes: aipim, mandioca.</p> <p>G1.3 Sobremesas: ambrosia.</p> <p>G1.4 Formas de preparo: aferventar, chamusquear.</p> <p>G2. Bebidas: canha, chimarrão, mate, ponche.</p> <p>G3. Outros: cigarro de palha, erva-mate, palheiro.</p> <p>H. Objetos:</p> <p>H1. Móveis: fogão (à lenha)</p> <p>H2. Utensílios e apetrechos: arreios, bomba, candeeiro, cuia, rebenque, tablado, tipóia.</p>

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 5 representa um exemplo de tesouro. Tesouros são obras de uso interno de bibliotecas que estabelecem o vocabulário a ser utilizado nos catálogos *online* ou bases de dados. Essas obras registram o vocabulário de indexação para representar a estrutura

conceitual de algumas áreas. Com isso, as lexias separadas em campos lexicais dispõem de um modelo de tesouro estruturado segundo uma hierarquia de acordo com as relações semânticas entre elas, garantindo de forma classificatória, a representação e selecionando as lexias mais frequentes para objetivar uma determinada área ou informação.

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 62), “como os tesouros buscam organizar a informação com base na estrutura conceitual das áreas, é adotado um critério ordenador lógico-cognitivo”.

A estruturação apresentada no Quadro 5, como exemplo de tesouro, reflete uma representação conceitual do romance analisado, demonstrando que as lexias selecionadas estão diretamente relacionadas aos dados de significação dos campos lexicais.

Já no Quadro 6, estão dispostos dados que apresentam quantas lexias fazem parte de um determinado campo lexical.

Quadro 6 – Estrutura dos campos lexicais

(continua)

CAMPO LEXICAL	NÚMERO DE LEXIAS EM <i>C7m</i>
Modos de fazer	19
Lugares	17
Atores sociais	10
Ofícios e afazeres	9
Fauna	9
Utensílios e apetrechos	7
Modos de ser (identificado)	6
Crenças	4
Danças / Músicas / Instrumentos	5
Acessórios	5
Modos de dizer	4
Modos de se referir	4
Preparação ou resultado de conflito	4
Vestimentas	4
Carnes	4
Bebidas	4
Formas de organização dos animais	4
Meteorologia	3
Outros	3

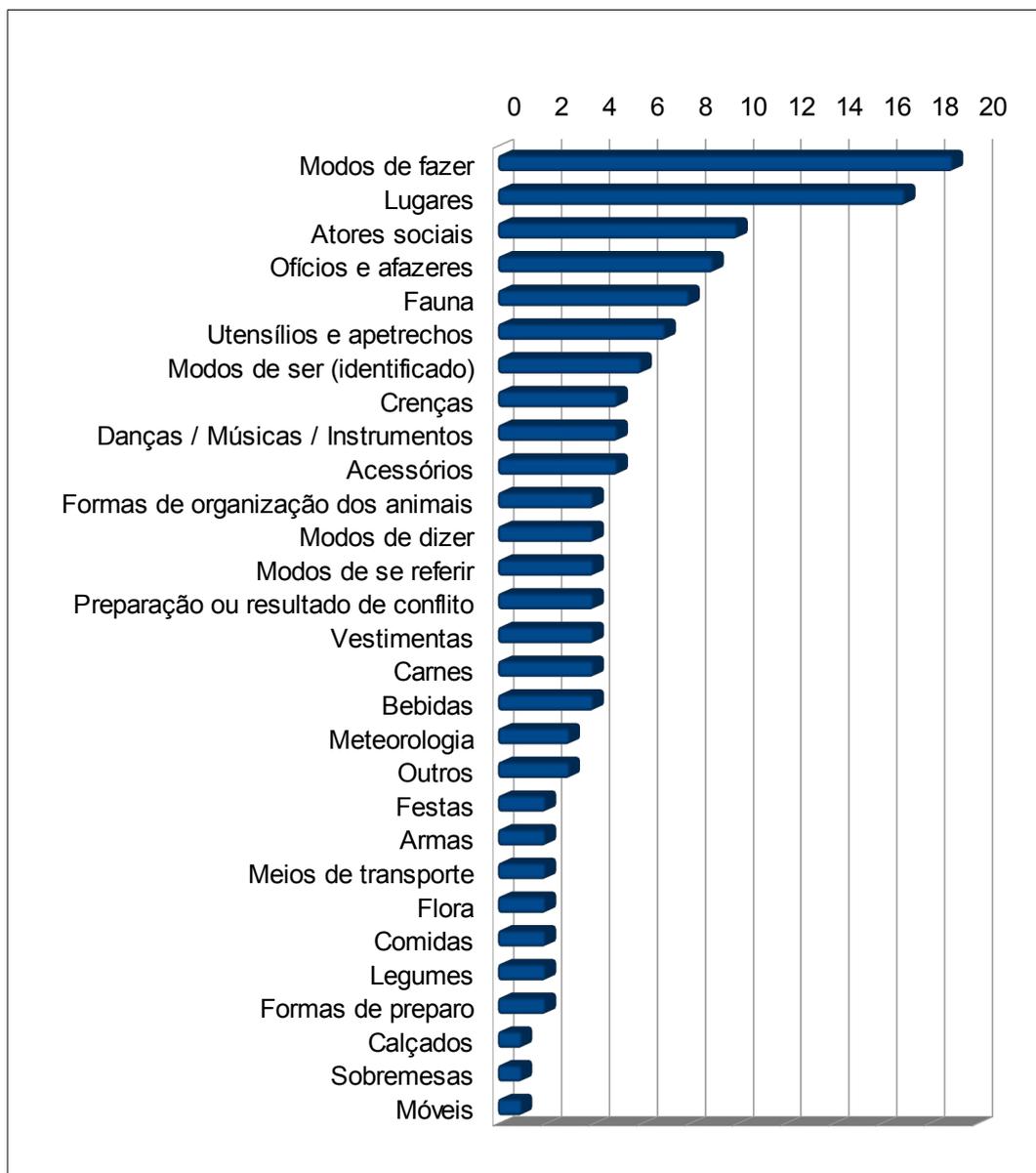
(conclusão)

Festas	2
Armas	2
Meios de transporte	2
Flora	2
Comidas	2
Legumes	2
Formas de preparo	2
Calçados	1
Sobremesas	1
Móveis	1
TOTAL	142 lexias

Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 1 apresenta os dados tabulados para uma melhor compreensão do número de lexias e daquela mais representativa.

Gráfico 1 – Total de lexias dos campos lexicais em *C7m*



Fonte: Elaboração da autora.

O microcampo “Modos de fazer” apresenta maior número de lexias, seguido pelo microcampo “Lugares”. Os microcampos que apresentam menor número de lexias são: “calçados”, “sobremesas” e “móveis”.

Após o levantamento das lexias selecionadas no *corpus*, estas foram organizadas em fichas lexicográficas. Em seguida, procedeu-se à consulta a alguns dicionários de léxico

gaúcho e de língua portuguesa para, então, organizá-las nos campos propostos. As fontes lexicográficas utilizadas neste estudo são:

- a) **DGB** = *Dicionário gaúcho brasileiro* (BOSSLE, 2003);
- b) **DG** = *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (OLIVEIRA, 2010);
- c) **DH** = *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2003);
- d) **VSR** = *Vocabulário sul-rio-grandense* (CALLAGE et al; 1964);
- e) **DELP** = *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA; MELLO, 2007), para esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada de sua entrada na língua portuguesa.

A escolha do dicionário *Houaiss* (2003) deu-se pelo fato de ser uma obra com grande reconhecimento em estudos lexicográficos da língua portuguesa, inclusive porque apresenta um número significativo de entradas, se comparado a outros dicionários. Já a escolha dos dicionários que contêm o léxico gaúcho se deu por serem obras que apresentam um considerável número de vocábulos representativos da região do Rio Grande do Sul, reafirmando as marcas regionais comparadas ao léxico utilizado no romance *C7m*. A opção por um dicionário etimológico, no caso o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, teve como objetivo principal a explicação da origem dos vocábulos e as formas variantes que alguns adquiriram ao longo do tempo. Assim, pôde-se verificar se alguma das formas encontradas coincidiram com aquelas selecionadas no *corpus* da pesquisa.

As lexias selecionadas foram registradas em fichas lexicográficas, organizadas de acordo com o campo lexical e assim configuradas:

- a) o número da ficha foi colocado junto com a lexia apresentada para análise e, entre parênteses, sua classe gramatical;
- b) o trecho em que a lexia aparece na obra foi transcrito em itálico e registrado no item “Abonação”, destacando a lexia em negrito. Foi escolhido somente um trecho da obra (primeiro citado), pois o significado das palavras não era diferente conforme o contexto em que estavam inseridas.
- c) no item “Registro em dicionários”, foi descrito o significado (definições) das lexias. Quanto às lexias não encontradas, foi utilizada a expressão não encontrado (“n/e”).

A ficha lexicográfica, nesse sistema, fornece uma base para a pesquisa. Por meio dela foi possível analisar cada lexia:

- a) dicionarizada ou não;
- b) caracterizada como regional ou pertencente ao léxico geral;
- c) definições de cada uma no contexto.

As fichas lexicográficas organizam um conjunto de informações sobre um determinado termo ou lexia, retirados do *corpus* de análise. Nelas são registradas todas as informações úteis para pesquisa e recuperação de uma determinada informação.

Para a constituição da ficha, escolheu-se o modelo adotado por Pimenta (2013), conforme o Quadro 7.

Quadro 7 – Modelo de ficha lexicográfica

Número da ficha – lexia (classe gramatical) _____
<i>Abonação</i>

Registro em dicionários
1. Aurélio:
2. Bariani:

Fonte: Pimenta (2013, p. 82).

As fichas lexicográficas foram catalogadas para fim de sistematização e análise. No total são 142 lexias, 106 no “espaço público” e 36 no “espaço privado”, organizadas em fichas por ordem alfabética dos campos lexicais e transcritas conforme as orientações citadas na parte metodológica. A catalogação das lexias em fichas lexicográficas constitui-se na apresentação da quantificação, organização e comparação dos dados coletados.

Por último, apresenta-se o glossário²⁰ contendo as lexias que foram selecionadas.

É importante enfatizar que este estudo objetiva mais uma perspectiva estrutural e uma visão de conjunto de palavras coerentes do que somente uma organização das lexias, identificando a participação destas na configuração dos espaços público e privado (a casa) e a contribuição do conjunto para a fatura da representação literária.

No próximo capítulo, apresentam-se as definições das lexias selecionadas em *C7m*, dispostas em fichas lexicográficas.²¹

²⁰ Veja-se Anexo D.

²¹ Todas as fichas foram elaboradas pela autora.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS LEXIAS

Neste capítulo apresentam-se as lexias coletadas na forma de fichas lexicográficas e interpretam-se os resultados obtidos, a partir das análises desenvolvidas. No total, foram catalogadas 142 lexias em fichas lexicográficas, dispostas em ordem alfabética, de acordo com o campo lexical a que pertencem. Além disso, realiza-se uma análise semântica das lexias selecionadas, associando-as a características regionais. Procura-se, também, interpretar de que maneira a narrativa, por meio do léxico empregado, se aproxima do imaginário coletivo em relação ao contexto da guerra e à cultura regional com um todo.

4.1 FICHAS LEXICOGRÁFICAS

4.1.1 Espaço público

A. Convívio social

A1. Crenças

1 – Alma penada (s.f.)

*Abonação: Quando entrou na sala e postou-se à frente de Caetana, estava pálida como quem tinha visto **alma penada**. (p. 78)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Assombração.
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Alma do purgatório, que segundo a crença popular, vagueia às vezes pela terra em penitência; alma perdida.
5. **DELP:** de “alma”, do latim *anima*.

2 – Aparição (s.f.)

*Abonação: Mas a senhora mesma me diz que Rosário tem visto um fantasma uruguaio, ou a alma de um desencarnado qualquer, e que ela jura amar essa **aparição** e diz até que pretendem casamento. (p. 323)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** 1. O mesmo que assombração.
4. **DH:** 1. Ser sobrenatural que se faz visível; assombração, visagem.
5. **DELP:** n/e

3 – Boiguaçu (s.f.)

Abonação: Quando crescesse, lhe contaria da avó índia, da boiguaçu, do Cruzeiro do Sul, das grandes guerras na fronteira. (p. 407)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Cobra grande
1. **DG:** 1. Cobra grande.
2. **DH:** 1. Sucuri; sucuri amarela.
3. **DELP:** do tupi *moigu 'su*

4 – Boitatá (s.m.)

Abonação: E não era o boitatá que vinha buscar meus olhos arregalados, era sangue, sangue morno e vivo que tingia o céu do Rio Grande, sangue espesso e jovem de sonhos e de coragem. (p. 14)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Cobra de fogo.
2. **DGB:** 1. É crença popular entre a gauchada das estâncias que nos passeios e nas viagens à noite aparece um fogo volante, em forma de cobra ou em forma de pássaro, voando na frente do cavaleiro, impedindo-lhe a marcha.
3. **DG:** 1. Gênio que protege os campos contra os incêndios.
4. **DH:** 1. Mito indígena simbolizado por uma cobra de fogo ou por um touro que lança fogo pelas ventas.
5. **DELP:** do tupi *maeta'ta, ma'e 'coisa' + ta'ta* fogo, houve intercorrência do tupi *'moia'* 'cobra', que ocorre em inúmeros tupinismos.

A2. Reuniões sociais**1 – Bailanta (s.f.)**

Abonação: — Nossa família gosta de bailantas. O general Bento é conhecido como um dos melhores dançarinos do continente, senhor Garibaldi. (p. 227)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Local onde se realizam bailes populares.
3. **DG:** 1. Lugar onde se realizam bailes populares.
4. **DH:** n/e
5. **DELP:** de “bailar”, do latim *ballāre*.

2 – Caranguejo (s.m.)

Abonação: Ao fundo, no pequeno palanque de danças, os primeiros casais já bailavam o caranguejo: os homens em frente às damas, que batiam palmas. (p. 215)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Dança antiga no Rio Grande do Sul, talvez de origem açoriana. Dançavam-se fazendo-se uma roda e os pares batiam palmas e depois com o pé direito, colocando-se os cavalheiros em frente às suas damas.
2. **DGB:** 1. Dança antiga no Rio Grande do Sul. Cantam versos, quadrilhas, variados, tendo ou não relação com o assunto.
3. **DG:** 1. Modalidade de fandango.
4. **DH:** 1. Somente crustáceo
5. **DELP:** do castelhano *cangrejo*.

3 – Chimarrita (s.f.)

*Abonação: — Perpétua pediu muitas vezes à mãe para que pudesse acompanhá-los ao baile, dançaria com o conde, queria muito ir à festa, valsar, dançar a **chimarrita**, ver gente e ouvir música. (p. 70)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Nome de uma dança, canção e música popular que se executa à viola ou violão. Acreditamos que a verdadeira palavra era composta de china (cabocla) e Rita, que por corrupção, se transformou em chamarrita ou chinarrita, e não chamarrita.
2. **DGB:** 1. Dança popular antiga de fandango que veio com os colonos açorianos. É dança de pares de fileiras opostas. As fileiras se cruzam, se afastam em direções opostas e tronam-se a se aproximar, lembrando a evolução de danças portuguesas. 2. A cantiga acompanhada de viola ou violão que acompanha essa dança.
3. **DG:** 1. Modalidade do fandango, de origem açoriana, dançada aos pares, em duas fileiras, que se cruzam e se afastam e tornam a aproximar-se. 2. A cantiga que acompanha essa dança. Variação de chamarrita.
4. **DH:** 1. Variedade de fandango brasileiro trazido pelos colonos açorianos, em que os pares, em fileiras opostas, evoluem ao som da música e canto, aproximando-se e afastando-se; limpa-banco.
5. **DELP:** n/e

4 – Fandango (s.m.)

*Abonação: O Rio Grande envelhecia. Já não se viam os moços cavalgando pelas estradas, já não havia **fandangos**, churrascos, festas, quermesses. (p. 395)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Baile campestre, ou antes usado da gente do campo, em que há arrastado de viola, e também toque rasgado: ao som da viola se cantam várias cantilenas alternadas com danças sapateadas.
2. **DGB:** 1. Qualquer tipo de festa, baile ou divertimento; farra.
3. **DG:** 1. Baile popular, especialmente rural, ao som da viola ou da sanfona, e no qual se executam várias danças de rodas e sapateadas, alternadas com estrofes cantadas, durante as quais a dança pára.
4. **DH:** 2. Música, sapateado e canto da Espanha e também do sul do Brasil.
5. **DELP:** do castelhano *fandango*.

5 – Gaita (s.f.)

*Abonação: — Vamos hoje ter uma boa festa, amigo. Já ouço os primeiros acordes de uma **gaita**. (p. 214)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Sanfona, cordeona. É o mais popular instrumento de música do gaúcho. Se noutros tempos foi a viola, hoje é a gaita.
2. **DGB:** 1. Instrumento musical campestre, pequeno e portátil, pesando de oito a quinze quilos, composto de duas caixas acústicas com dois teclados e um fole de vaivém no meio. No Brasil é conhecida como acordeom, sanfona, acordeão e harmônica, no Rio Grande do Sul o mais popular é gaita mas também é conhecida como acordeona, cordeona, cordiona, gaita-piano, gaita apianada, etc.
3. **DG:** 1. O mesmo que sanfona. Também chamada de cordeona ou concertina.
4. **DH:** 1. Pequeno instrumento de sopro que se toca fazendo-o correr por entre os lábios; harmônica.
5. **DELP:** de origem obscura.

6 – Meia-cancha (s.f.)

*Abonação: — Dançar uma **meia-cancha** com ele era quase um sonho. (p. 155)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Variedade de dança dos fandangos, hoje pouco ou nada usada.
2. **DGB:** 1. Antiga dança de roda, executada ao som de uma polca, outrora muito popular entre os gaúchos. É uma dança graciosa e romântica, sendo seu objetivo principal a troca de versos entre os dançarinos.
3. **DG:** 1. Baile rural do grupo do fandango, ao som de uma polca.
4. **DH:** n/e
5. **DELP:** n/e

7 – Milonga (s.f.)

Abonação: Do palanque vinha agora o som de uma milonga meio triste, e o céu já ganhava as primeiras estrelas. (p. 219)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Espécie de música crioula platina, cantada ao som da guitarra (violão) e que está também com a meia-canha e o pericon adaptada entre a gauchada rio-grandense da fronteira.
2. **DGB:** 1. Toada dolente, crioula, de procedência argentina, cantada ao som do violão ou da guitarra.
3. **DG:** 1. Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão.
4. **DH:** 1. Canto e dança populares da Argentina e do Uruguai do final do séc. XIX.
5. **DELP:** vem do espanhol platino *milonga* e, este, possivelmente, também do quimbundo *mi'lona*.

A3. Modos de ser (ou ser identificado)**1 – Apessoado (s.m.)**

Abonação: E Inácio era um viúvo muito bem-apessoado, alto, elegante. (p. 198)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Diz-se da pessoa de boa presença, vestida com elegância.
2. **DGB:** 1. Diz-se da pessoa requintada, de boa aparência, de boa presença, de boa estatura, que tem galhardia.
3. **DG:** 1. Diz-se da pessoa vestida com elegância.
4. **DH:** 1. Sinonímia de belo.
5. **DELP:** n/e

2 – Campeiro (s.m.)

Abonação: Não era um campeiro apenas. Sabia se portar nos salões. (p. 198)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Homem adestrado no trabalho do campo, em relação ao tratamento dos gados. 2. Aquele que trabalha no campo com o gado.
2. **DGB:** 1. Pessoa que vive e trabalha no campo, que entende de tudo o que se relaciona com a criação de gado, executando com habilidade todas as lidas campeiras; campesino.
3. **DG:** 1. Empregado a quem incube o trato do gado, e que vive habitualmente nos campos e na campanha.
4. **DH:** 1. Relativo ao campo. 2. Que vive no campo. 3. Que trabalha no campo, vive com o gado e monta bem.
5. **DELP:** de “campo”, do latim *campus*.

3 – Centauro (s.m.)

Abonação: Crescêncio, Teixeira, Netto e Bento Gonçalves são como baluartes, o vento não os verga, a chuva não os atinge, míticos centauros desse pampa. (p. 353)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Nome dado, no Rio Grande do Sul, ao revolucionário que peleava a cavalo. 2. Cavaleiro de grande habilidade.
3. **DG:** 1. Nome dado aos gaúchos que, nas guerras e nas revoluções, peleavam a cavalo.
4. **DH:** 1. Ser mitológico, metade homem, metade cavalo.
5. **DELP:** n/e

4 – Estropiado (s.m.)

*Abonação: Morreram mais de quatrocentos soldados, e eles chegaram em Lages **estropiados**, sob chuva, sem cavalos e famintos. (p. 107)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Diz-se do animal exausto em consequência de viagem.
2. **DGB:** 1. Diz-se do animal que, em consequência de longa marcha ou trabalho exaustivo, fica com os cascos abalados, caminhando com dificuldade. 2. Muito cansado, estafado, exausto; machucado.
3. **DG:** 1. Que se estropiou; aleijado, mutilado. 2. Diz-se do cavalo muito cansado por haver sido submetido a trabalhos pesadíssimos ou a longa viagem.
4. **DH:** 1. Que sofreu amputação; mutilado. 2. Inabilitado ou afastado por invalidez.
5. **DELP:** n/e

5 – Guasca (s.m.)

*Abonação: Já ouvira falar do homem algumas vezes, um tipo **guasca**, tosco, mas um bom soldado cheio de valentia. (p. 291)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O gaúcho rio-grandense em suma.
2. **DGB:** 1. Denominação dada ao rio-grandense-do-sul, pelos demais brasileiros, devido ao emprego generalizado do couro cru, para as mais diversas finalidades, durante a chamada idade do couro. No princípio, teve significado depreciativo, mais tarde, uma significação elogiosa e aceita pelos gaúchos.
3. **DG:** 1. Nome que se dá ao gaúcho do campo, criado no interior, longe dos grandes centros. Sinônimo de valente, corajoso, bravo, forte e sobretudo rústico e de pouca cultura.
4. **DH:** 1. Rio-grandense-do sul, gaúcho.
5. **DELP:** do espanhol platino guasca, derivado do quíchua *uáskha*.

6 – Pampeano (s.m.)

*Abonação: [...] pelos genoveses Lorenzo e Eduardo Mutru, pelo mulato Rafael, por Jean, o grande francês, e pelo negro Procópio, já era algo a causar espanto naquele povo **pampeano**: nunca se vira por ali tão variada miscelânea de gentes. (p. 224)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Pertencente ou relativo ao pampa.
2. **DGB:** 1. Relativo ou pertencente ao pampa, à região dos pampas. 2. O natural ou habitante dessa região. **aboletar**
3. **DG:** 1. Relativo ao pampa. Variação de pampiano.
4. **DH:** 1. Relativo à região dos pampas, ou o que é seu natural ou habitante; pampeiro.
5. **DELP:** de “pampa”, do castelhano *pampa*.

7 – Xucro (adj.)

*Abonação: Um peão tentava domar um potro **xucro**; a terra vermelha, escalavrada pelas patas inquietas do animal, subia ao ar em violentas golfadas. (p. 95)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Bravio, esquivo, o que não é manso..
2. **DGB:** 1. Diz-se do animal ainda não domado, selvagem, bravio. 2. Diz-se do gado chimarrão, arisco, esquivo
3. **DG:** 1. Diz-se do gado não domesticado, bravio, selvagem e do animal de cela ainda não domado. Variação de *chucro*.
4. **DH:** 1. Não domado; bravo.
5. **DELP:** do hispano americano *chúcaro*.

A4. Modos de fazer

1 – Aboletar (v.)

Abonação: João Congo aboletou-se ao lado do cocheiro e abanou para nós com sua manzorra. (p. 70)

-
1. **VSR:** 1. Receber ou ganhar qualquer coisa. Instalar-se.
 2. **DGB:** 1. Instalar-se indevidamente.
 3. **DG:** 1. Instalar-se; ocupar um lugar que não lhe pertence.
 4. **DH:** 1. Dar alojamento a ou alojar-se; instalar-se.
 5. **DELP:** n/e

2 – Achegar (v.)

Abonação: Algumas mulheres e crianças acompanham-nos, e também achegam-se, acanhadas, para ouvir as notícias. (p. 86)

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** n/e
 3. **DG:** n/e
 4. **DH:** 1. Aproximar, ajeitar, acolher-se, aconchegar-se.
 5. **DELP:** n/e

3 – Amolar (v.)

Abonação: A manhã ainda estava fresca, mas, para a tarde, decerto o calor amolaria a todos. (p. 244)

-
1. **VSR:** 1. Aborrecer, incomodar.
 2. **DGB:** 1. Incomodar, aborrecer, enfadar, molestar, importunar, cargosear.
 3. **DG:** 1. Aborrecer, chatear, incomodar.
 4. **DH:** 1. Causar ou sofrer aborrecimento; aborrecer(-se), importunar(-se), maçar(-s).
 5. **DELP:** do castelhano *amolar*.

4 – Apear (v.)

Abonação: Viu o homem apear, desmontar do cavalo, que entregou para um negro, e, dando uns passos rápidos, postar-se à sua frente, fitando-a com o respeito que lhe devia por ser uma dama e esposa de quem era. (p. 42)

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Descer, desmontar; apear-se do cavalo.
 2. **DGB:** 1. Descer do cavalo, desmontar.
 3. **DG:** 1. Desmontar ou descer do cavalo.
 4. **DH:** 1. Descer de montaria ou veículo.
 5. **DELP:** n/e

5 – Arrebanhar (v.)

Abonação: Tinham arrebanhado um cavalo. Confiscaram simplesmente, disse. (p. 88)

-
1. **VSR:** 1. Retirar o gado dos seus donos, sem necessário consentimento, e, às vezes com resistência, como acontece nas revoluções.
 2. **DGB:** 1. Apoderar-se de animais contra a vontade de seus donos; potrear. 2. Conduzir, guiar em rebanho.
 3. **DG:** 1. Arrebatat; levar violentamente sem o consentimento do dono.
 4. **DH:** 1. Reunir um rebanho.
 5. **DELP:** de “rebanho”, de origem incerta.

6 – Arreglar (v.)

*Abonação: — Dá para preparar o enxoval, **arreglar** tudo. (p. 197)*

-
1. **VSR:** 1. Combinar, pôr em ordem qualquer assunto ou negócio, arrumar, entrar em acordo ou ajuste com outrem. 2. Pôr em ordem.
 2. **DGB:** 1. Ajustar, combinar, estabelecer, consertar.
 3. **DG:** 1. Consertar, combinar, ajustar.
 4. **DH:** 1. Entrar em acordo ou ajuste mútuo (duas ou mais pessoas).
 5. **DELP:** n/e

7 – Arrematar (v.)

*Abonação: — Então vá — disse D. Ana, **arrematando** um fio de lã. (p. 98)*

-
1. **VSR:** 1. Dar o último toque.
 2. **DGB:** 1. Concluir, terminar, finalizar.
 3. **DG:** 1. Terminar, finalizar.
 4. **DH:** 1. Dar ou alcançar finalização, acabar. 2. Completar com detalhes, retoques finais.
 5. **DELP:** de “rematar”, de origem controvertida.

8 – Bandear (v.)

*Abonação: E a freguesia de Imaruí, que fica mais ao norte de Laguna, já se **bandeou** para o lado dos cativos. (p. 292)*

-
1. **VSR:** 1. Passar para outro lado ou para outra banda de um rio. 2. Atravessar, mudar de ideias.
 2. **DGB:** 1. Passar para o outro lado.
 3. **DG:** 1. O mesmo que varar, atravessar.
 4. **DH:** 1. Juntar-se em bando. 2. Mudar de opinião ou ligar-se a outro partido, grupo.
 5. **DELP:** de “banda”, de origem controvertida.

9 – Capinar (v.)

*Abonação: Manuela caminhou com pressa. Viu Zé Pedra ao longe, **capinando**. (p. 436)*

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Limpar o terreno ou as lavouras à enxada ou com a capinadeira, segurando as ervas e grammas que se deseja destruir.
 2. **DGB:** 1. Limpar o terreno ou a lavoura arrancando as ervas daninhas que crescem entre as plantas, com o uso de enxada ou da capinadeira.
 3. **DG:** 1. Limpar uma plantação ou um terreno que vai ser plantado, cortando o capim ou qualquer mato que venha prejudicá-lo.
 4. **DH:** 1. Retirar de terreno, plantações, capim, erva daninha, etc.
 5. **DELP:** de “capim”, do tupi *ka' pii*.

10 – Carnear (v.)

*Abonação: D. Ana fizera questão de que comemorassem a virada do ano, que fizessem uma boa ceia e que mandassem **carnear** um novilho para o pessoal da fazenda. (p.143)*

-
1. **VSR:** 1. Matar, esfolar e esquartejar um boi.
 2. **DGB:** 1. Abater, esfolar e esquartejar a rês para utilizar sua carne, no consumo imediato ou no preparo do charque.
 3. **DG:** 1. Abater o gado e preparar as carnes para secar, charquear. 2. Esfolar, matar, esquartejar bois.
 4. **DH:** 1. Abater e esquartejar o gado.
 5. **DELP:** de “carne”, do latim *caro carnis*.

11 – Chupar (v.)

*Abonação: No entanto, apesar dos longos silêncios de **chupar** o mate, os homens pareciam muito contentes da vida, e tinham um certo brilho de orgulho nos olhos de sobrancelhas cerradas. (p. 57)*

-
1. **VSR:** 1. Beber, embriagar-se.
 2. **DGB:** 1. Beber, embriagar-se.
 3. **DG:** 1. Embriagar-se.
 4. **DH:** 1. Sugar.
 5. **DELP:** de origem onomatopaica (vocábulo imitativo do ruído que produzem os lábios ao chupar).

12 – Corcovear (v.)

*Abonação: Me ponho a pensar se Bento Gonçalves percebe o imenso mecanismo que pôs em movimento quando marchou com suas tropas sobre Porto Alegre, e fico pensando como o coronel pretende dominar este tordilho enfurecido que já **corcoveia** pelos pampas, nos olhos de meu irmão mais velho, nos olhos de Pedro e de outros tantos espalhados por aí.... (p. 71)*

-
1. **VSR:** 1. Dar pinotes, o cavalo, de um modo característico.
 2. **DGB:** 1. Dar corcovos, isto é, saltar o cavalo, curvando o lombo para lançar fora o cavaleiro; pinotear.
 3. **DG:** 1. Dar, o cavalo, saltos ou corcovos, arqueando o lombo e tentando se livrar do cavaleiro que o monta.
 5. **DH:** 1. Arquear o corpo; curvar-se.
 6. **DELP:** de “curvo”, do latim *curvus*.

13 – Derrear (v.)

*Abonação: Agora as paredes estavam descascadas, uma das venezianas, rebentada, pendurava-se como um enforcado prestes a **derrear**. (p. 510)*

-
1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** 1. Perder o ânimo; desanimar; esmorecer.
 3. **DG:** 1. Perder o ânimo, esmorecer.
 4. **DH:** 1. Tomar posição inclinada, dobrada, curvar-se.
 5. **DELP:** de “rim”, do latim *rēnēs -um*.

14 – Domar (v.)

*Abonação: Um peão tentava **domar** um potro xucro; a terra vermelha, escalavrada pelas patas inquietas do animal, subia ao ar em violentas golfadas. (p. 45)*

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Ato de amansar e encilhar o potro bravio que ainda não recebeu freio.
 2. **DGB:** 1. Amansar potros xucros. 2. Vencer, fazer ceder; dar um jeito.
 3. **DG:** 1. Encilhar o potro xucro.
 4. **DH:** 1. Fazer obedecer o animal selvagem; domesticar.
 5. **DELP:** do latim *domāre*.

15 – Encilhar (v.)

*Abonação: D. Ana lembrou da manhã em que vira Bento **encilhar** o cavalo, disposto a ir para a guerra. Naquele dia enxergara, sobre a cabeça do sobrinho, uma espécie de luz que a assustara. (p. 147)*

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Arreiar o cavalo; colocar e apertar os arreios ou sela do cavalo.
 2. **DGB:** 1. Colocar os arreios no animal.
 3. **DG:** 1. Colocar os arreios na cavalgadura.
 4. **DH:** 1. Pôr cilha ou arreio no cavalo.
 5. **DELP:** de “cilha”, do latim *cingula*.

16 – Enveredar (v.)

Abonação: E Mariana foi enveredando num mundo intocável que nunca imaginara roçar sequer, um mundo de asas e de sopros, onde um jovem oficial surgia de entre os livros como uma sombra, sempre pálido, sempre sangrando numa eterna morte, e vinha jurar seu amor pela sobrinha do general mesmo cuja espada lhe tinha tirado a vida. (p. 200)

-
1. **VSR:** 1. Tomar uma vereda ou dirigir-se direta e precipitadamente para um rumo.
 2. **DGB:** 1. Dirigir-se com destino exclusivo a certo e determinado lugar; tomar uma determinada direção; seguir direta e precipitadamente para um rumo. 2. Encaminhar, guiar alguém.
 3. **DG:** 1. Seguir um destino exclusivo a certo e determinado lugar.
 4. **DH:** 1. Tomar um caminho, dirigir-se.
 5. **DELP:** de “vereda”, do latim *verēda*.

17 – Manear (v.)

Abonação: Era já homem, forte e era alto, sabia manear um cavalo, sabia usar uma pistola, enfim, queria a revolução. (p. 223)

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Prender com a manea as patas do cavalo ou com uma corda qualquer o boi bravio que é seguro pelas quatro patas.
 2. **DBG:** 1. Prender com a manea ou corda impedindo que o animal caminhe.
 3. **DG:** 1. Ato de prender com uma corda ou manea, as patas do cavalo.
 4. **DH:** 1. Atar, amarrar co manea ou corda.
 5. **DELP:** de “mão”, do latim *mānus -us*.

18 – Matear (v.)

Abonação: Se vier alguém procurar por mim, estou mateando no meu quarto. (p. 173)

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Tomar mate.
 2. **DGB:** 1. Tomar mate; apertar um mate; chimarrear, verdear, congonghar, amarguear.
 3. **DG:** 1. Tomar mate, matejar.
 4. **DH:** 1. Tomar mate.
 5. **DELP:** de “mate”.

A3. Modos de dizer**1 – Arreliação (s.f.)**

Abonação: — É vosmecê, Procópio! Que arreliação! As senhorinhas ficaram com medo que fosse algum maldito imperial. (p. 263)

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Desgosto provocado pela arrelia. Incômodo.
 2. **DGB:** 1. Incômodo, transtorno, amolação.
 3. **DG:** 1. Amolação, incômodo.
 4. **DH:** 1. Aborrecimento.
 5. **DELP:** de origem incerta.

2 – Barbaridade (s.f.)

*Abonação: [...] mui querido tio Anselmo veio a falecer numa emboscada ainda na noite de ontem, quando se dirigia, com mais dois soldados, para os lados de Cima da Serra, sendo vítima de uma **barbaridade** [...] (p. 173)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Na campanha esse vocábulo é empregado sempre como expressão de surpresa: que barbaridade! Cuepucha, barbaridade! Foi uma barbaridade naquele disparo, que era um gosto! 2. Exprime espanto, admiração, estupefação.
2. **DGB:** 1. Barbarismo. Exprime espanto, admiração, estupefação, surpresa. 2. Muito, em grande quantidade, intensamente.
3. **DG:** 1. Muito usada para dar ênfase a alguma exclamação.
4. **DH:** 1. Selvageria, crueldade, humanidade. 2. Absurdo, tolice. 3. Exclamação de espanto, admiração.
5. **DELP:** de “bárbaro”, do latim *barbarus*.

3 – Buenacho (adj.)

*Abonação: "Para a próxima batalha, se Deus quiser, estará **buenacho**", dissera o médico da tropa. (p. 170)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Muito bom, excelente, cavalheiro, generoso.
2. **DGB:** 1. Muito bom, excelente. 2. Amável, afável, cavaleiro.
3. **DG:** 1. Bondoso, alegre, generoso; muito bom, excelente. Variação de buenaço.
4. **DH:** 1. Que é muito bom; excelente.
5. **DELP:** Do platino *buenazo*.

4 – Bueno (adj.)

*Abonação: — **Bueno** — respondeu Bento Gonçalves. (p. 66)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Perfeitamente, estar conforme, pois bem.
2. **DGB:** 1. Bom, útil, bondoso, agradável. 2. Está bem, muito bem, perfeitamente.
3. **DG:** 1. Palavra muito usada na fronteira que significa bom.
4. **DH:** 1. De boa índole; bom, bondoso.
5. **DELP:** Do espanhol bueno 'bom'

A7. Modos de se referir**1 – Companheira (s.f.)**

*Abonação: E conheci Anita, que hoje é mia **companheira** e amorosa esposa. (p. 343)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Mulher amancebada que mora com o homem como casada.
2. **DGB:** 1. Mulher amancebada, amigada, que mora com o homem como se fosse casada.
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Mulher, em relação ao homem com quem convive.
5. **DELP:** do latim *companiã*.

2 – Guri (s.m.)

*Abonação: Em dias de chuva, era aquilo: viravam de tudo, até babás de **guri** fujão. (p. 79)*

1. **VSR:** 1. Criança, menino, piazinho, serviçal nas estâncias.
2. **DGB:** 1. Piá, menino, criança.
3. **DG:** 1. Criança do sexo masculino, menino, piaquito, garoto.
4. **DH:** 1. Menino, criança.

5. DELP: do tupi *ũĩ ri*.

3 – Senhora (s.f.)

*Abonação: Disse um "está bem, **senhora**", e saiu ventando do quarto, mas sem bater a porta, coisa que D. Ana execrava. (p. 29)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Dona de casa; patroa. 2. Mulher adulta ou casada.
5. **DELP:** do latim *señora*.

4 – Sinhá (s.f.)

*Abonação: — Quer luz, **sinhá**? — Viriata olhava-a com seus olhinhos miúdos. (p. 48)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou a patroa.
5. **DELP:** n/e

B. A guerra

B1. Atores sociais

1 – Castelhanos (s.m.)

*Abonação: Se um **castelhano** estava ferido por aquelas bandas, devia ser briga de bolicho ou coisa parecida. (p. 49)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Oriental, o filho da República Oriental e também da Argentina.
2. **DGB:** 1. O natural ou habitante da Argentina ou Uruguai.
3. **DG:** 1. O natural ou habitante do Uruguai e da Argentina. Relativo ou pertencente ao Uruguai e Argentina.
4. **DH:** 1. O idioma espanhol.
5. **DELP:** n/e

2 – Caudilhos (s.m.)

*Abonação: Estou aquartelado em Viamão, junto com o resto das tropas de Bento Gonçalves, mas para cá rumam também os outros generais e **caudilhos** da República, visto que todos se reunirão ainda amanhã mui temprano, para que seja traçada a nova ação das tropas. (p. 256)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Chefe (e patrão de estância) que exerce muita influência e domínio sobre um bando armado, ou partido que defende uma ideia.
3. **DG:** 1. Chefe de um partido ou de uma facção.
4. **DH:** 1. Político com força militar própria.
5. **DELP:** do castelhano *caudillo*.

3 – Charruas (s.m.)

*Abonação: Foi tudo muito rápido. A madre tomou a mão pálida de Rosário e conduziu-a à charrete, onde um indiozinho **charrua** aguardava, acomodado na boléia. (p. 326)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Um das tribos indígenas que habitavam o Rio Grande do Sul. Eram índios nômades, bravos e ativos. Dominavam o extremo sul do Estado.
2. **DGB:** 1. Tribo indígena nômade, que habitavam o sul do Rio Grande do Sul na época do seu povoamento. Era hostil; de índios guerreiros, bravos e ativos, que nunca se submeteram aos conquistadores. 2. Indígena de cor escura, quase negro, pertencente a essa tribo.
3. **DG:** 1. Indivíduo dos Charruas, uma das três grandes tribos indígenas que habitavam parte do território do Rio Grande do Sul. Eram bravos guerreiros e nunca se submeteram à civilização e muito menos aos conquistadores.
4. **DH:** 1. Grande arado de ferro.
5. **DELP:** do francês *charrue*.

4 – Chinas (s.f.)

*Abonação: — Pouco sei dessa cristã. Quando vim de partida, a moça ainda não tinha aparecido. Vai ver que virou **china** de soldado. Se bem que era mui corajosa, só a senhora vendo. Acho que os imperiais, sabendo quem ela era, devem ter le dado um tratamento más justo. (p. 313)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Descendente ou mulher de índio; cabocla. 2. Mulher morena de aspecto semelhante ao das chinas. 3. Mulher de vida fácil.
2. **DGB:** 1. A mulher campeira. 2. Mulher que apresenta certos caracteres étnicos das mulheres indígenas; mulher indígena. 3. Mulher de cor morena carregada; cabocla. 4. Esposa ou a companheira. 5. Em alguns lugares, ainda se usa mulher de vida fácil; prostituta.
3. **DG:** 1. Diz-se de ou mulher indígena, ou descendente de índio. 2. Diz-se de ou mulher cabocla, ou de pele muito morena. 3. Diz-se de ou mulher; ou moça do campo. 4. Comcubina, meretriz.
4. **DH:** 1. Indígena ou descendente de índio.
5. **DELP:** n/e

5 – Continentinos (s.m.)

*Abonação: Índios, mestiços, castelhanos, **continentinos** e negros, todos formando uma única coisa, uma coisa viva e pulsante e cheia de fúria acumulada, como um bicho quieto que aguarda a hora do bote. (p. 333)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Nome que se dava aos naturais do Rio Grande do Sul. 2. Relativo ao Rio Grande do Sul.
3. **DG:** 1. Designação antiga do rio-grandense-do-sul. 2. Revolucionário republicano de 1835; farrapo.
4. **DH:** 1. Relativo ao Rio Grande do Sul, ou seu natural ou habitante. 2. Insurreto da revolução de 1835 no Rio Grande do Sul; farroupilha, farrapo.
5. **DELP:** n/e

6 – Escravos (s.m.)

*Abonação: Com a partida de Terêncio, ficara Manuel, capataz da Barra, mais os seus peões, o negro Zé Pedra, muito querido de D. Ana, e o resto dos **escravos** que cuidavam da terra e das coisas dali. (p. 34)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Quem é privado da liberdade e pertence a um dono. 2. Quem está submisso a algo ou alguém.
5. **DELP:** do latim medieval *sclavus*.

7 – Farrapos (s.m.)

Abonação: Bento Manuel, outra vez ao lado dos farrapos, mandara prender e levar para o Uruguai o governador Antero de Britto. (p. 167)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Adjetivo qualitativo deprimente que os imperialistas davam aos revolucionários rio-grandenses de 1835-1845. O apelido que depois se perpetuou através das coxilhas gaúchas, entre as numerosas lutas que se deflagraram no pampa, tornou-se uma verdadeira legenda de glória e de heroísmo.
2. **DGB:** 1. Alcinha deprimente dada pelos imperiais aos revolucionários liberais gaúchos 1835-45. Essa denominação depreciativa, alusiva à miséria e má aparência (falta de fardamento) em que se encontravam os farrapos, tornou-se, em vista da bravura demonstrada, em movimento de glória e heroísmo; farroupilha, continentista.
3. **DG:** 1. Alcinha deprimente (que veio, com o tempo, a tornar-se honrosa) dada pelos legalistas aos insurretos da revolução que irrompeu no Rio Grande do Sul em 1835.
4. **DH:** 1. Nome que os governistas davam aos rebeldes republicanos do Rio Grande do Sul durante a Guerra dos Farrapos 1835-1845.
5. **DELP:** de provável origem onopatopaica.

8 – Farroupilhas (s.m.)

Abonação: O exército farroupilha, liderado por Bento Gonçalves da Silva, expulsou as tropas legalistas e entra na cidade de Porto Alegre no dia 21 de setembro. (p. 10)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O mesmo que farrapo; o que pertence à República de Piratini ou Rio-Grandense, de 1835.
2. **DGB:** 1. Diminutivo de farrapo. 2. O revolucionário gaúcho da Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos de 1835-45. 3. O que pertenceu à República de Piratini ou Rio-Grandense. 4. Os nativistas que, antes da revolução de 1835-45, já se batiam pela brasilidade na administração da então província.
3. **DG:** 1. Diminutivo de farrapo; pertencentes ao partido dos nativistas, que se batiam contra os imperialistas, muito antes do movimento revolucionário republicano que foi deflagrado em 1835, para a implantação da República de Piratini.
4. **DH:** 1. Indivíduo maltrapilho, roto. 2. Rebelde da Guerra dos Farrapos.
5. **DELP:** talvez seja deturpação de *farrapilha*, de *farrap(o + -ilha)*.

9 – Gaúchos (s.m.)

Abonação: E então, enquanto mandava servir pão e mate para o portador do bilhete, um gaúcho calado e de longos bigodes que a fitara com o respeito devido à irmã de um coronel, pegara da sua pena e escrevera: "Que Deus e a Liberdade lhe acompanhem, meu irmão. (p. 19)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Habitante do campo, oriundo pela maior parte de indígenas, portugueses e espanhóis. São naturais não só das Repúblicas Platinas como do Rio Grande do Sul. Dão-se à criação do gado vacum e cavalariço, e são notáveis por seu valor e agilidade.
2. **DGB:** 1. O habitante ou natural do Rio Grande do Sul; rio-grandense-do-sul. 2. Pessoa do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras; o homem do campo.
3. **DG:** 1. Habitante do campo, de vida aventureira, peão de estância, grande cavaleiro e ginete. 2. Habitante ou natural do Rio Grande do Sul.
4. **DH:** 1. Do Rio Grande do Sul; rio-grandense-do-sul.
5. **DELP:** do espanhol platino *gaucho*, de origem incerta.

10 – Republicanos (s.m.)

*Abonação: Mas os **republicanos** faziam planos, armavam estratégias para libertar o general sulista. (p. 65)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Partidário da república.
5. **DELP:** do latim *rēspública*.

B2. Preparação ou resultado de conflito**1 – Barulheira (s.f.)**

*Abonação: Dos fundos, já se sentia o cheiro do assado, ouvia-se a **barulheira** dos peões que ajudavam o assador naquela faina de preparar costelas e picanhas e lombos inteiros. (p. 213)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e.
2. **DGB:** 1. Barulho, desordem.
3. **DG:** 1. Barulho, ruído.
4. **DH:** 1. Grande barulho, barulhada.
5. **DELP:** do latim *involūcrāre*.

2 – Entrevero (s.m.)

*Abonação: Netto luta em meio a um **entrevero** de homens e de cavalos. (p. 150)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Mistura, desordem, confusão de pessoas, animais ou objetos.
2. **DGB:** 1. Peleja pela qual os beligerantes, desobedecendo a ação de comando, se empenham em luta corpo a corpo.
3. **DG:** 1. Ação ou efeito de entreverar. Choque de dois corpos de cavalaria. Variação de entreveiro.
4. **DH:** 1. Desordem entre pessoas, animais e objetos. Discordância violenta, desentendimento.
5. **DELP:** do castelhano *entrevero*.

3 – Escaramuça (s.f.)

*Abonação: Parece que Antônio se feriu numa **escaramuça** na Azenha, um imperial o teria cortado com a adaga. (p. 56)*

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O mesmo que mudança de marcha a que obriga o cavaleiro ao animal. 2. Evolução ou exercício de equitação feito por um grupo de cavaleiros.
2. **DGB:** 1. Movimento repentino de rédea, que obriga o cavalo a efetuar diversas evoluções, como arrancar, voltar para trás, volver para os lados, parar e partir repentinamente, etc.; serve para verificar as reais condições do animal; se é ágil, forte, se foi bem domado, etc. 3. Movimentos rápidos a cavalo, com constantes mudanças de direção, na frente do inimigo, para provocá-lo ou desnorreá-lo; gauchada.
3. **DG:** 1. Movimento súbito de rédea que obriga o cavalo a mudar de marcha. 2. Combate simulado em jogos. 3. Gestos de quem se dispõe a praticar um ato; menção; tentativa.
4. **DH:** 1. Luta de pequenas proporções. 2. Qualquer briga, combate ou conflito.
5. **DELP:** do italiano *scaramùccia*.

4 – Piquete (s.m.)

Abonação: No caminho, também encontrara um piquete de rebeldes. (p. 88)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** 1. Grupo de homens a cavalo que se reúne para um determinado fim. 2. Grupo de pessoas especializado em práticas campeiras.

3. **DG:** n/e

4. **DH:** 1. Nas estâncias, cavalo que está sempre preparado para qualquer necessidade; piqueteiro.

5. **DELP:** do francês *piquet*.

B3. Armas**1 – Adaga (s.f.)**

Abonação: D. Antônia a conhecia muito bem; numa hora dessas, com toda a certeza, devia estar pensando em Bento, no peito de Bento, desafiando as espadas, as carabinas e as adagas, conduzindo seus homens e seus sonhos. (p. 22)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** n/e

3. **DG:** 1. Faca comprida e fina tipo punhal com dois gumes.

4. **DH:** 1. Espada curta e larga, de um ou dois gumes.

5. **DELP:** de origem controversa.

2 – Boleadeira (s.f.)

Abonação: João tem a sua adaga, a boleadeira, e aquela raiva dentro da alma que precisa ser desafogada, que é como um rio em época de cheia. (p. 427)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Bolas, arma de apreensão.

2. **DGB:** 1. Instrumento de origem indígena, empregado pelos campeiros para apreender animais, ou como arma de guerra. Os tiros alcançam uns 25m de distância. É constituída por três bolas (de ferro, pedra ou outro material) envolvidas num couro espesso (retovo) e ligadas entre si por cordas de couro traçadas ou torcidas, chamadas *sogas*. Duas das bolas são do mesmo tamanho, e a terceira, menor, chamada de *manicla*, *manícula*, *manica* ou *minga* é a que o boleador empurra para manejar o conjunto. Hoje em dia não são utilizadas, pois costumavam provocar fraturas e a inutilização do animal; bolas, pedras, três-marias.

3. **DG:** 1. Aparelho empregado pelos gaúchos para capturar animais, ou como arma de guerra, constituído por três bolas (de pedra ou marfim) envolvidas num couro espesso (retovo) e ligadas entre si por cordas de couro.

4. **DH:** 1. Peça com três esferas revestidas de couro e unidas por três tiras de couro presas entre si, usada para laçar animais.

5. **DELP:** de “bola”, do latim *bullā*.

C. Ofícios e afazeres**1 – Assador (s.m.)**

Abonação: Dos fundos, já se sentia o cheiro do assado, ouvia-se a barulheira dos peões que ajudavam o assador naquela faina de preparar costelas e picanhas e lombos inteiros. (p. 213)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Espeto onde se enfia a carne para ser assada.

2. **DGB:** 1. Pessoa que prepara e assa o churrasco.

3. **DG:** 1. Nome que se dá à pessoa encarregada de assar a carne.

4. **DH:** 1. Que ou o que assa.

5. DELP: de “assar”, do latim *assāre*.

2 – Cavalariano (s.m.)

Abonação: Ficamos sabendo que um marinheiro rebelde, chamado Tobias da Silva, não querendo se render aos imperiais que o haviam cercado, explodira seu navio, estando a bordo ele, dezoito tripulantes, mais quinze cavalarianos, a mulher e dois filhinhos pequenos. (p. 90)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Soldado de cavalaria.
2. **DGB:** 1. Soldado de cavalaria.
3. **DG:** 1. Soldado de cavalaria.
4. **DH:** 1. Soldado de cavalaria.
5. **DELP:** de “cavalo”, do latim *caballus*.

3 – Charqueador (s.m.)

Abonação: Antônio apresentou Joaquim ao charqueador de voz elegante e morna. (p. 178)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Dono ou proprietário de uma charqueada ou o que charqueia ou corta a carne em mantas para ser salgada.
2. **DGB:** 1. Proprietário de charqueada; saladeirista. 2. Pessoa que prepara o charque. 3. Fabricante de charque.
3. **DG:** 1. Proprietário de charqueada. 2. Fabricante de charque. 3. Aquele que prepara o charque.
4. **DH:** 1. Que ou aquele que fabrica charque para o consumo local ou para o comércio. 2. Preparador de carne para o charque.
5. **DELP:** de “charque”.

4 – Estancieiro(s.m.)

Abonação: Rosário desvencilhou-se como pôde dos assuntos de Tinoco Silva Tavares, filho de um estancieiro da região, que fazia tempo andava alardeando uma certa afeição pela loura sobrinha do general Bento Gonçalves. (p. 217)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Proprietário de uma estância ou fazenda de criação, fazendeiro.
2. **DGB:** 1. Proprietário de estância; fazendeiro dedicado à criação de gado. O estancieiro, no passado, como chefe militar, e tendo seus peões como soldados, formava um exército eficiente e de grande mobilidade para as guerras nos pampas.
3. **DG:** 1. Proprietário de estância. Fazendeiro.
4. **DH:** 1. Proprietário de fazendas.
5. **DELP:** de “estância”.

5 – Gaitero (s.m.)

Abonação: O gaitero mandou o sinal, os pares se juntaram e saíram dançando. (p. 215)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O que toca gaita.
2. **DGB:** 1. Tocador de gaita, sanfona; sanfoneiro, tocador.
3. **DG:** 1. Tocador de gaita.
4. **DH:** 1. Tocador de gaita.
5. **DELP:** de “gaita”.

6 – Laçador (s.m.)

Abonação: Foram pastores do rebanho bravio, firmes no cavalo do deserto que domaram esta manhã, laçadores, marcadores, tropeiros, homens da partida policial, às vezes, matreiros; um, o escutado, foi o cantador. (p. 8)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O campeiro que, durante os serviços de uma marcação, castração, etc, é encarregado de laçar os animais.
2. **DGB:** 1. Homem destro no manejo do laço, que laça com habilidade. 2. Diz-se da pessoa que gosta de laçar bem ou mal. 3. Campeiro que nas lidas do campo é encarregado de laçar o gado.
3. **DG:** 1. Homem hábil no serviço de laçar e no manejo do laço.
4. **DH:** 1. Quem é hábil para laçar bois, cavalos, etc, em movimento.
5. **DELP:** de “laço”, do latim *lacĕus*.

7 – Tropeiros (s.m.)

Abonação: D. Antônia pernoitou muitas noites conosco, nesse princípio de ou-ono de 1837, pois que se nos chegasse qualquer notícia — e elas vinham pela boca de oficiais, por cartas escondidas nas guaiacas de impensáveis tropeiros, pela mão de todo tipo de criaturas a serviço dos republicanos — era bom que estivéssemos todas juntas, para comemorar ou para prantear um revés. (p. 153)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Pessoa que se ocupa em comprar e vender tropas de gado gordo, de mulas ou éguas. Também indica o peão que ajuda a conduzir a tropa ou que tem por profissão ser condutor de tropas.
2. **DGB:** 1. Condutor de tropas (de gado, de mulas, de éguas ou de cargueiros). 2. Peão que ajuda a conduzir a tropa.
3. **DG:** 1. Condutor de tropas. 2. O que compra ou vende tropas de gado, de mulas de cargueiros.
4. **DH:** 1. Condutor de tropas. 2. Condutor de bestas de carga ou de gado.
5. **DELP:** de “tropa”, do francês *troupe*, provavelmente derivado de *troupeau*.

8 – Vaqueano (s.m.)

Abonação: No quintal, em torno do mate, Manuel, Zé Pedra e o vaqueano que trouxera a carta do coronel Bento trocavam frases esparsas enquanto sorviam a bomba, cada um a seu turno. (p. 57)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. O que serve de guia em alguma viagem, por ser conhecedor dos caminhos.
2. **DGB:** 1. Indivíduo conhecedor dos caminhos e atalhos de uma região, servindo de guia aos que precisam percorrê-la. 2. Indivíduo que realiza algo com prática, agilidade e destreza.
3. **DG:** 1. Diz-se do que serve de guia a outrem como profundo conhecedor do caminho ou da região.
4. **DH:** 1. Variação de baqueano; conhecedor de caminhos ou de uma região; tapejara.
5. **DELP:** de “vaca”, do latim *vacca*.

9 – Violeiro (s.m.)

Abonação: Mariana conheceu João faz pouco mais de um mês. João não está na guerra, não é caramuru nem farrapo, é peão de estância e bom violeiro. (p. 231)

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Quem toca viola.
5. **DELP:** de “viola”, do latim *vidula, vitula*.

D. Meios de transporte

1 – Carreta (s.f.)

Abonação: Quinze dias mais tarde, Giuseppe Maria Garibaldi chegou à Estância da Barra com duas carretas e seis marinheiros de confiança. (p.224)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Veículo de tração a boi, constituído de duas rodas, com ou sem tolda. Nos demais Estados é conhecida como carro de bois.
2. **DGB:** 1. Veículo grande, pesado e tosco, de duas rodas, com ou sem tolda, puxado por juntas de bois; carro de bois.
3. **DG:** 1. Veículo rústico, todo feito de madeira, de duas rodas, puxado por uma, duas ou mais juntas de boi, podendo ter uma cobertura de palha ou de madeira, abaulada ou em forma de telhado, para abrigar a carga e os passageiros.
4. **DH:** 1. Pequeno carro de duas rodas.
5. **DELP:** de “carro”.

2 – Carroça (s.f.)

Abonação: No caminho, cruzaram com uma charrete e duas carroças repletas de bagagem. (p 99).

Registro em dicionários

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Carro geralmente de madeira puxado por animais.
5. **DELP:** do francês *carrosse*, derivado do italiano *carròza*.

E. Aspectos naturais e geográficos

E1. Flora

1 – Capim (s.m.)

Abonação: Ele queria enfiar-se daquela cena, banhar-se na energia que sentia vibrar sob o capim, que subia pelas patas dos cavalos, que exalava das fogueiras como uma espécie de luz misteriosa. (p. 333)

1. **VSR:** 1. Nome comum das diversas espécies de gramas e ervas rasteiras.
2. **DGB:** 1. Designação comum a várias espécies de gramas e ervas rasteiras existentes nos campos de criação.
3. **DG:** 1. Designação comum a várias espécies da família das gramíneas e ciperáceas, quase todas usadas como forragem.
4. **DH:** 1. Nome comum das diversas gramíneas.
5. **DELP:** do tupi *ka' pii*.

2 – Figueira (s.f.)

Abonação: Logo depois, cada uma das mulheres recolheu-se ao seu quarto. Manuela e Mariana dividiam a última peça do corredor, que dava vistas para a figueira do quintal; Perpétua e a prima Rosário ganharam o quarto ao lado do pequeno escritório que também servia de biblioteca — o senhor Paulo tinha muitos livros em espanhol e francês, línguas da qual tinha um bom conhecimento. (p. 32)

1. **VSR:** 1. Árvore gigante que dá pequenos frutos comestíveis, há várias espécies, e se presta para a sombra.
2. **DGB:** 1. Árvore colossal, abundante no Rio Grande do Sul, de tronco não muito elevado mas dotada de grande copa esparramada, cobrindo vasta área e fornecendo excelente sombra.
3. **DG:** 1. Designação comum a várias árvores brasileiras da família das moráceas, pertencentes ao gênero *Ficus*, que dão pequenos frutos e se prestam para dar sombra, porque tem a copla muito ampla.
4. **DH:** 1. Designação comum às árvores do gênero *Ficus*, da família das moráceas.
5. **DELP:** de “figo”, do latim *ficus*.

E2. Fauna

1 – Alazão (s.m.)

Abonação: Baixou os olhos para a mesa, e em suas retinas dançava ainda o vulto de seu adorado Bento, montado no alazão, usando o dólmã, espada na cintura, as botas negras que cutucavam o cavalo com as esporas de prata. (p. 29)

-
1. **VSR:** 1. Pêlo do cavalo arruivado.
 2. **DGB:** 1. Cavalo que tem a pelagem cor de canela, amarelo-tostada.
 3. **DG:** 1. Diz-se do cavalo que tem o pêlo cor de canela, amarelo avermelhado.
 4. **DH:** 1. Que tem o pêlo cor de canela.
 5. **DELP:** do árabe *al-'az' ar*, através do árabe hispânico *al-'azá'ár*.

2 – Animal de rapina (s.m.)

Abonação: Um animal de rapina, repleto daquela energia que lhe entra pelos pulmões e que o alimenta de mar. (p. 321)

-
1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** n/e
 3. **DG:** n/e
 4. **DH:** n/e
 5. **DELP:** do latim *rapina -ae*.

3 – Baio (s.m.)

Abonação: Ficamos todas na varanda, vendo-o partir em seu baio, ereto e solene como quem fazia uma coisa santa. (p. 91)

-
1. **VSR:** 1. Pelo amarelado não só do cavalo como do gado bovino.
 2. **DGB:** 1. Diz-se do animal cujo pelo tem cor de ouro, desmaiado, amarelado, havendo matizes que variam desde o baio-branco até o baio-laranja.
 3. **DG:** 1. Cavalo com o pelo amarelo cor de ouro.
 4. **DH:** 1. Cavalo de cor castanha.
 5. **DELP:** do latim *badīo*.

4 – Cusco (s.m.)

Abonação: Os cuscos não latiram, tinham-no reconhecido pelo cheiro. (p. 399)

-
1. **VSR:** 1. Cão de raça pequena, cão fraldeiro.
 2. **DGB:** 1. Cão pequeno de raça comum, guaipeca, guapé, guaipeva.
 3. **DG:** 1. Cão pequeno de raça ordinária.
 4. **DH:** 1. Cão pequeno e sem raça.
 5. **DELP:** n/e

5 – Gado (s.m.)

Abonação: De onde estava, podia ainda ouvir o vozerio de todos lá dentro, e mais ainda seus risos alegres, as frases soltas e despreocupadas, não se falava em gado nem charque, pois era noite de festa. (p.14)

-
1. **VSR:** 1. Gado vacum.
 2. **DGB:** 1. O gado vacum (somente este, o gaúcho não se refere aos demais animais como sendo gado, usando o termo isolado).
 3. **DG:** 1. Esta palavra serve para designar especialmente o animal bovino ou vacum.
 4. **DH:** 1. Conjunto de animais quadrúpedes domesticados (carneiros, cavalos, bois, cabritos, etc) que se tem como propriedade ou que se criam para uso; rebanho.
 5. **DELP:** do latim *ganātu*.

6 – Guaipecas (s.m.)

Abonação: Olhou para fora e viu o vento varrendo a campina, sacudindo as folhas da mangueira, espantando os guaipecas que corriam pelo quintal. (p. 339)

-
1. **VSR:** 1. Cachorrinho de pernas pequenas e tortas.
 2. **DGB:** 1. Cão pequeno, sem raça definida; cão ordinário; vira-lata, cusco.
 3. **DG:** 1. O mesmo que cusco. Cão pequeno de raça ordinária.
 4. **DH:** 1. Cusco.
 5. **DELP:** n/e

7 – Novilho (s.m.)

Abonação: D. Ana fizera questão de que comemorassem a virada do ano, que fizessem uma boa ceia e que mandassem carnear um novilho para o pessoal da fazenda. Dizia que a tristeza era feito pó, quando se entranhava numa casa, não saía mais. (p. 143)

-
1. **VSR:** 1. Vacum novo.
 2. **DGB:** 1. Vacum novo. Os machos devem ser castrados, pare receberem essa denominação.
 3. **DG:** 1. Boi ou touro ainda novo.
 4. **DH:** 1. Boi novo; bezerro.
 5. **DELP:** n/e

8 – Quero-quero (s.m.)

Abonação: Queria conhecer Paris, Buenos Aires, o Rio de Janeiro, queria os bailes da Corte, as danças e a vida alegre que as damas deviam levar, e agora, enquanto os homens pelejavam por sabe-se lá que sonhos, ela tinha de retirar-se ao campo, ao silencioso e infinito campo onde tudo parecia eternizar-se junto com o canto dos quero-queros. (p. 25)

-
1. **VSR:** 1. Ave de ordem dos pernaltas que vive no campo, na costa das restingas ou à beira das lagoas, sendo muito comum em todo o Rio Grande do Sul.
 2. **DGB:** 1. Ave da ordem dos pernaltas, da família dos caradriídeos do tamanho de uma perdiz, habita as costas das restingas, os espriados dos rios e lagoas, os banhados e pastagens. Pousa quase que exclusivamente no chão, onde também faz o ninho e, às vezes, em telhados. Está sempre alerta, mesmo à noite, e ao menor ruído emite o estridente grito de “quero, quero!” Afasta os intrusos que se aproximam do seu ninho, indo gritar longe desse local. É uma ave agressiva que defende seu ninho com muita bravura, se for necessário. Possui, sob as asas, dois esporões que exhibe aos inimigos ao mesmo tempo que solta gritos ameaçadores, fazendo sobre eles, voos rasantes. É consagrada por lei como ave símbolo do Rio Grande do Sul.
 3. **DG:** 1. Ave caradriiforme, da família dos caradriídeos. Chamada pelos gaúchos de “sentinela dos pampas”. Sua coloração geral é cinzento-clara, com ornatos pretos na cabeça, peito, asa e cauda, as coberteiras maiores e abdome brancos, bicos, pernas encarnados. Vive nas várzeas, praias marítimas, margens de rios, lagoas, brejos, pastagens do interior. Não pousam em árvores ou em qualquer outro lugar que não seja o chão, onde faz seu ninho.
 4. **DH:** 1. Grande ave de áreas alagadas e campestre de todo o Brasil, dotada de plumagem cinzenta, cuja voz forte e característica originou o seu nome popular.
 5. **DELP:** n/e

9 – Zaino (s.m.)

Abonação: Depois que o enfaixaram, Bento sumiu... Quando fomos procurá-lo, estava lá, montado no tal zaino, feliz da vida, como se nada tivesse sucedido. (p. 129)

1. **VSR:** 1. Pelo ou cor de castanho carregada, porém menos que o escuro e mais que o vermelho.
2. **DGB:** 1. Diz-se do animal cavalari ou muar de pelo castanho carregado, mais escuro que o tostado e o vermelho. Existem as seguintes variedades: zaino-negro, zaino-pangaré, zaino-pinhão, zaino-requeimado.
3. **DG:** 1. Diz-se do cavalo castanho-escuro, sem manchas.
4. **DH:** 1. Diz-se do cavalo de pelo castanho-escuro e uniforme, sem manchas ou malhas.
5. **DELP:** de origem incerta, talvez do árabe *sâ in*.

E2.1 Formas de organização dos animais**1 – Boiada (s.f.)**

Abonação: Venderia algumas cabeças no caminho, negociaria em Montevideu o restante da boiada. (p. 384)

1. **VSR:** 1. Porção de boi mansos, especialmente do serviço de carretas.
2. **DGB:** 1. Tropa de bois. 2. Os bois mansos usados nas carretas.
3. **DG:** 1. Manada de bois mansos.
4. **DH:** 1. Rebanho bovino.
5. **DELP:** de “boi”, do latim *bŏvem*.

2 – Cavalhada (s.f.)

Abonação: Era bom com a cavalhada, conhecia o chão como a sua palma, mas não era estancieiro, nem fidalgo, nem cosa alguma que o valesse. (p. 387)

1. **VSR:** 1. Porção de cavalos.
2. **DGB:** 1. Porção de cavalos.
3. **DG:** 1. Um grande número de cavalos reunidos.
4. **DH:** 1. Grande quantidade de cavalos; cavalaria, manada.
5. **DELP:** de “cavalo”.

3 – Parelha (s.f.)

Abonação: Com a ajuda de muitas parelhas de bois, no dia seguinte as carretas submergiram com sua carga impressionante. (p. 227)

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** 1. Par de animais, especialmente bois e cavalos, geralmente com a mesma pelagem.
4. **DH:** 1. Par de animais, especialmente de carga.
5. **DELP:** do latim *pariculus-a*.

4 – Tropilha (s.f.)

Abonação: Escrevo estas linhas com muito pesar para comunicar-lhe que o nosso mui querido tio Anselmo veio a falecer numa emboscada ainda na noite de ontem, quando se dirigia, com mais dois soldados, para os lados de Cima da Serra, sendo vítima de uma barbaridade cometida por uma tropilha imperial, crueldade essa que haveremos de vingar, pois antes disso não descansaremos nem por um instante. (p. 67)

1. **VSR:** 1. Porção de cavalos do mesmo pêlo ou cor e que acompanham uma égua-madrinha.
2. **DGB:** 1. Porção de cavalos (dez a vinte) do mesmo pêlo, e que seguem uma égua-madrinha: tropilha de baios. 2. Bando, grupo.
3. **DG:** 1. Tropa de cavalos com o mesmo pelame e que seguem a égua-madrinha.
4. **DH:** 1. Agrupamento de equinos com pelame igual.

5. DELP: do catelhano *tropilla*.

E3. Lugares

1 – **Banhado** (s.m.)

Abonação: Bento Manuel Ribeiro atravessa com suas tropas o banhado de Ponche Verde. (p 464).

1. **VSR:** 1. Terreno baixo com água, e coberto de ervas, as quais como que encobrem a água. 2. Pântano, brejo, terreno alagadiço e onde sempre existem atoleiros.
2. **DGB:** 1. Charco coberto de vegetação; terreno alagadiço; pântano, brejo; tremedal.
3. **DG:** 1. Pântano coberto por vegetação, charco.
4. **DH:** 1. Pântano raso coberto de vegetação, característico do Sul.
5. **DELP:** do castelhano *bañado*.

2 – **Barranca** (s.f.)

Abonação: Não tivemos outra saída senão fugir para as barrancas, de onde tentaria- mos ganhar a campanha ao sul do Jacuí. (p. 118)

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Região próxima às margens de um rio. 2. Margem escarpada de um rio, nos trechos em que seu leito está encaixado.
3. **DG:** n/e
4. **DH:** 1. Margem de um curso de água.
5. **DELP:** de “barro”, de origem pré-romana.

3 – **Bolicho** (s.m.)

Abonação: Rosário contara uma história estranha. Se um castelhano estava ferido por aquelas bandas, devia ser briga de bolicho ou coisa parecida. (p.53)

1. **VSR:** 1. Pequena taberna.
2. **DGB:** 1. Pequeno estabelecimento comercial; bar, vendinha, bodega, taberninha. 2. Casa de jogo. 3. Certo jogo, que consiste em atirar uma bola de madeira ou de outro material (com pesos diferentes para a escolha do jogador) por uma pista estreita, visando derrubar um conjunto de balizas com o feito de garrafas. Mais usado o termo boliche. 4. A bola usada nesse jogo.
3. **DG:** 1. O mesmo que bodega. Pequeno armazém de secos e molhados. Variação de boliche.
4. **DH:** n/e
5. **DELP:** n/e

4 – **Boqueirão** (s.m.)

Abonação: Inácio voltou à estância dias depois, para saber como passava José. Tinha ele estado com a esposa, e agora ia assumir suas funções de delegado no Boqueirão. (p. 181)

1. **VSR:** 1. O espaço entre dois matos, dois banhados, etc.
2. **DGB:** 1. Abertura larga para um campo, ao sair de uma estrada estreita, de um caminho apertado ou de um desfiladeiro. 2. Espaço entre dois matos, dois banhados; clareia.
3. **DG:** 1. Saída larga para um campo, após uma estrada estreita ou um desfiladeiro.
4. **DH:** 1. Abertura de um rio ou canal. 2. Quebrada entre montanhas. 3. Trecho de rio entre montanhas; brechão, grotão
5. **DELP:** de “boca”, do latim *bŭcam*.

5 – Campanha (s.f.)

*Abonação: Não tivemos outra saída senão fugir para as barrancas, de onde tentaríamos ganhar a **campanha** ao sul do Jacuí. (p. 118)*

-
- 1. VSR:** 1. Parte baixa do Rio Grande do Sul; a que fica ou estende-se entre a serra e o mar e onde floresce a indústria pastoril, abundando na mesma (principalmente nas fronteiras) as estâncias ou fazendas de criação.
- 2. DGB:** 1. Região de campo apropriada à criação de gado. 2. Interior. 3. Parte baixa do Rio Grande do Sul.
- 3. DG:** 1. Região ondulada em coxilhas, coberta por pastagens, onde predominam a pecuária, as estâncias de gado. 2. Campo (por oposição a cidade). Região sul-riograndense que vai do mar à serra, própria para a indústria pastoril e onde estão as estâncias de criação de gado.
- 4. DH:** 1. Tipo de paisagem rural caracterizada pela ausência de sebes e cercas, pela divisão dos campos em extensões alongadas de terrenos cultivados e correspondendo, geralmente, a um núcleo de população.
- 5. DELP:** de “campo”.

6 – Campo (s.m.)

*Abonação: Deslizei então para a varanda, donde podia ver a noite calma, o céu estrelado e límpido que se abria sobre tudo, **campo** e casa, derramando no mundo uma luz mortíça e lunar. (p. 14)*

-
- 1. VSR:** 1. Nome dado aos desacampados mais ou menos acidentados, formando extensas pastagens apropriadas à criação dos gados. A sua vegetação consiste em gramíneas rasteiras e outras plantas herbáceas.
- 2. DGB:** 1. Terreno extenso e mais ou menos plano que tanto se pode destinar às pastagens do gado como ao cultivo agrícola.
- 3. DG:** 1. Denominação dada às extensas pastagens apropriadas à criação de gado, existentes no Rio Grande do Sul; campina.
- 4. DH:** 1. Extensão de terra, arável ou arada: campo de trigo, de milho. Prado, planície.
- 5. DELP:** do latim *campus*.

7 – Capão (s.m.)

*Abonação: Lá pelas tantas, quando o sono já as assaltava, ou coisa pior rondava seus espíritos, quando Caetana mal podia acertar o fio de seda no buraco da agulha, quando Maria Manuela começou a pensar no marido e no filho, enquanto ouvia zunir o vento lá fora no **capão**, D. Ana ergueu-se da sua poltrona e foi para o piano. (p. 40)*

-
- 1. VSR:** 1. Pequeno mato isolado no meio do campo.
- 2. DGB:** 1. Pequeno mato isolado no meio do campo.
- 3. DG:** 1. Porção de mato isolado no meio do campo.
- 4. DH:** 1. Porção de mato isolado.
- 5. DELP:** do tupi *kaa' paũ*.

8 – Chão (s.m.)

*Abonação: Estou vivo e suportando estes dias porque sei que logo regressarei para os seus braços e para o meu **chão**. (p. 136)*

-
- 1. VSR:** 1. Querência, os pagos, natureza do solo.
- 2. DGB:** 1. Lugar a que se está acostumado; querência ou onde se nasceu; pagos.
- 3. DG:** 1. Lugar onde se nasceu ou reside; querência.
- 4. DH:** 1. Pequena propriedade de terra.
- 5. DELP:** do latim *plānus*.

9 – Charqueada (s.f.)

Abonação: Estava cansado de estar entre as mulheres, entre os bordados, de seguir os peões pelo campo, de cuidar dos cavalos, da charqueada, daquela vida de estância, sempre com o irmão Leão a segui-lo por todos os lados. (p.223)

1. **VSR:** 1. Grande estabelecimento em que se carneia e se prepara o charque salgado.
2. **DGB:** 1. Grande estabelecimento em que se carneia o gado para a fabricação do charque; saladeiro.
3. **DG:** 1. Estabelecimento onde se charqueia a carne; o mesmo que saladeiro.
4. **DH:** 1. Lugar ou estabelecimento onde se charqueia a carne.
5. **DELP:** de “charque”, do espanhol platino *charquear*.

10 – Continente (s.m.)

Abonação: A Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835-1845) — a mais longa guerra civil do continente —, foi uma luta dos latifundiários rio-grandenses contra o Império brasileiro. (p. 8)

1. **VSR:** 1. Denominação que era dada ao Rio Grande do Sul, desde os tempos coloniais até a Revolução Farroupilha de 1835, pelos açorianos, os primeiros povoadores do território.
2. **DGB:** 1. Nome popular dado ao Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais até a revolução de 1835.
3. **DG:** 1. Antiga denominação do Estado do Rio Grande do Sul, que também já foi chamado de “Continente de S. Pedro, Continente de Viamão, Continente Del Rei, Continente de São Pedro do Sul.
4. **DH:** 1. Geografia. Vasta extensão de terra cercada pelas águas oceânicas, e que constitui cada uma das cinco divisões tradicionais da Terra (a que modernamente se junta mais uma: o Continente Austral, ou Antártida, no Pólo Sul).
5. **DELP:** do francês *contenant*, derivado do latim *contĭnĕre*.

11 – Coxilha (s.f.)

Abonação: Quando o filho de Manuel sumiu pela coxilha, D. Ana mandou que Rosa escolhesse um pote bem grande de pessegada e mandasse levar para D. Teresa. (p.91)

1. **VSR:** 1. Extensa e prolongada lomba ou lombada, cuja vegetação consiste em ervas de pastagem, e onde se desenvolve a indústria pastoril.
2. **DGB:** 1. Campina ondulada coberta de pastagens, que formam a maior parte do território gaúcho e onde se desenvolve a pecuária.
3. **DG:** 1. Campina com pequenas e contínuas elevações, arredondadas, típica da planície sul-rio-grandense, em geral coberta de pastagem, e onde se desenvolve a pecuária.
4. **DH:** 1. Campo irregular, com contínuas e pequenas elevações, utilizado para atividade pastoril. (Paisagem típica dos pampas.)
5. **DELP:** do espanhol platino *cuchilla*, de *cuchillo*.

12 – Estância (s.f.)

Abonação: Antes de partir à frente de seus exércitos, Bento Gonçalves manda reunir as mulheres da família numa estância à beira do Rio Camaquã, a Estância da Barra. (p. 9)

1. **VSR:** 1. Fazenda destinada à criação de gado vacum e cavalari; certa extensão de campo, onde há a casa, a residência do proprietário, currais, mangueiras, animais.
2. **DGB:** 1. Propriedade rural que se dedica especialmente à criação de gado, constituída de grande extensão de campo dividido, por cercas, em diversas invernações e contendo casa de residência do proprietário, casas de peões, galpões, mangueiras, currais, lavouras e outras benfeitorias; estabelecimento pastoril; fazenda de criação de gado; fazenda.
3. **DG:** 1. Fazenda destinada a criação de gado vacum ou cavalari; grande extensão de terra onde há a casa do proprietário, rodeada de galpões, currais, mangueiras, animais etc.
4. **DH:** 1. Fazenda para criação de gados.
5. **DELP:** do italiano *stanza*.

13 – Galpão (s.m.)

Abonação: — Este tal Griggs deve chegar nessa semana ainda, Antônia. E preciso mandar arrumar o galpão, preparar umas camas. Dar um jeito na coisa. (p. 206)

1. VSR: 1. Alpendre, casa aberta por um de seus lados e onde dormem os peões ou camponeses das estâncias e onde fazem seu fogão para tomar mate e churrasquear. Serve também para nele se agasalhar os animais encilhados.

2. DGB: 1. Grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e uma outra assoalhada com madeira bruta para guardar ração, arreios, ferramentas e outros utensílios. No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes, e outros (menos as mulheres, pois trata-se de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos. 2. Estábulo que serve de abrigo para animais. 3. Alpendre, varanda, edificação junto à casa de habitação.

3. DG: 1. Edificação rústica e aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc. É nele que dormem os peões ou qualquer tropeiro, viajante ou carreteiro que necessite um pouso para seguir viagem no dia seguinte. E é um derredor de fogo de chão, onde o churrasco está sendo preparado, que se reúnem patrões e empregados, para matearem, contarem causos de guerras, peleias, tropeadas, de chinas mal domadas, amores, pescarias e muito mais. Não há de faltar uma cordeona ou um pinho chorando num canto enquanto o copo de canha passa de mão em mão.

4. DH: 1. Construção rústica, coberta, mas, em geral, sem paredes, destinada a recolher carros, máquinas, materiais etc.; alpendre, telheiro.

5. DELP: do castelhano *galpón*.

14 – Pampa (s.m.)

Abonação: A guerra que se esperava curta começou a se prolongar. E a vida daquelas sete mulheres confinadas na solidão do pampa começou a se transformar... (p. 8)

1. VSR: 1. Dá-se o nome de pampa às extensas planícies do Rio Grande, Uruguai e Argentina, cobertas de pastagens verdes, onde vive o gado vacum e cavalar.

2. DGB: 1. Denominação dada às extensas planícies situadas em boa parte da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul, coberta de excelentes pastagens naturais, que são intensamente aproveitadas para atividades pecuárias, destacando-se a criação de bovinos, cavalares e ovinos. No pampa, desenvolveu-se um estilo de vida peculiar simples, independente e viril. Gaúcho é o nome de seu habitante. É também usado no feminino na Argentina, no Uruguai e por alguns gaúchos brasileiros, embora seja considerado termo masculino.

3. DG: 1. Planície muito extensa com pouquíssimo mato mas muito rica em pastagens, típica de certas regiões do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

4. DH: 1. Grande planície típica da região meridional da América do Sul, rica de pastagens.

5. DELP: do castelhano *pampa*, derivado do *quíchua pámpa*.

15 – Rincão (s.m.)

Abonação: Non le digo questo sem dor em mio peito, Manuela, porque sono um suo apaixonato para sempre, mas a vida me trouxe uma companheira mais capaz de seguir-me, uma que não conheceu nunca a riqueza e a paz da propriedade, e que pode ir comigo per questo mondo sem levar saudades de qualquer rincão. (p. 343)

1. VSR: 1. Parte de campo cercada de acidentes naturais, matos, rios, penhascos, onde se deitam a pastar os animais.

2. DGB: 1. Porção de campo bem protegido rodeado de matos, rios, arroios ou quaisquer acidentes naturais, onde os animais podem pastar em segurança. 2. Lugar abrigado na campanha. 3. Recanto formado por acidentes naturais. 4. Toda e qualquer porção da campanha gaúcha onde haja arroio, capões ou manchas de mato. 5. Pagos, querência.

3. DG: 1. Na campanha gaúcha qualquer porção de campo onde haja arroio, capões ou qualquer mata.

4. DH: 1. Trecho de campanha onde há arroios e capões ou manchas de mato.

5. DELP: do castelhano *rincón*, anteriormente *rancón*, derivado do árabe *rukún*.

16 – Sanga (s.f.)

Abonação: Tomamos banho na sanga, ontem à tarde, Regente nadou como se fosse um peixe, depois dormiu longas horas, deitado sobre a colcha velha que lhe serve de cama. (p. 57)

-
1. **VSR:** 1. Escavação funda produzida pelas chuvas ou correntes subterrâneas de água.
 2. **DGB:** 1. Pequeno curso d'água menos que um arroio ou regato. 2. Escavação profunda feita no terreno pelas chuvas ou correntes subterrâneas de água. 3. Lugar profundo e pantanoso, desbarrancado pelas chuvas, com grandes poças d'água.
 3. **DG:** 1. Pequeno riacho, que pode secar facilmente quando é formado pelas chuvas.
 4. **DH:** 1. Córrego que seca com facilidade.
 5. **DELP:** de origem controversa.

17 – Varanda (s.f.)

Abonação: O vulto do novo ano, pálido e feminino, estendeu então sua mão de longos dedos. Pude ouvi-lo dizendo que eu fosse para a varanda, ver o céu. (p. 13)

-
1. **VSR:** 1. Sala de jantar; varanda aberta é um alpendre feito em continuação à casa e nos fundos desta (quase sempre), onde costuma estar a família nas horas de maior calor.
 2. **DGB:** 1. Sala de jantar; comedor.
 3. **DG:** 1. Sala de jantar.
 4. **DH:** 1. Balcão corrido, coberto, que circunda total ou parcialmente certas casas.
 5. **DELP:** de origem incerta.

E4. Meteorologia**1 – Cerração (s.f.)**

Abonação: Densa como a cerração que cobre estes campos ao alvorecer, um manto opaco de água condensada, um manto, talvez, de lágrimas, lágrimas choradas pelas mulheres daqui por Caetana, quem sabe. (p. 36)

-
1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** n/e
 3. **DG:** 1. Forte nevoeiro.
 4. **DH:** 1. Escuridão causada por nevoeiro ou acumulação de nuvens.
 5. **DELP:** de “cerrar”, do latim *serāre*.

2 – Geadas (s.m.)

Abonação: D. Ana tira os olhos do bordado e vê a sobrinha parada no meio da sala; ela treme e tem o rosto branco feito a geada. (p. 50)

-
1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** n/e
 3. **DG:** n/e
 4. **DH:** 1. Orvalho congelado que forma fina camada branca sobre as folhas, o solo, os telhados. A umidade se condensa e se acumula como geada sobre objetos sólidos.
 5. **DELP:** de “gelo”, do latim *gelum*.

3 – Vento minuano (s.m.)

Abonação: E via sangue, um mar de sangue, e o minuano começou então a soprar somente para os meus ouvidos. (p. 13)

1. VSR: 1. Vento fio e seco que vem da região do sudeste e que sopra violentamente no inverno. Esse vento é quase sempre sinal de bom tempo, pois só costuma soprar depois de muitas chuvas e temporais nos meses de julho e agosto. O gaúcho recebe-o, porém, com satisfação, adivinhando nele duros dias de inverno, mas de tempo firme e seco.

2. DGB: 1. Vento muito frio e seco que sopra do quadrante sudoeste, no inverno e, eventualmente, no fim do outono e começo da primavera, após um período de mau tempo. Chega dos Andes, passando pela região onde habitavam os índios minuanos, dos quais herdou o nome. Dura apenas três dias, mas promove uma limpeza na atmosfera, dissipa as nuvens, enxuga as estradas e prenuncia tempo firme e seco. É acompanhado de queda de temperatura e da umidade relativa do ar.

3. DG: 1. Vento frio e seco que sopra do sudoeste no inverno, em geral por três dias; minuano-limpo.

4. DH: 1. Vento que sopra da Argentina (onde é chamado de pampero) durante três dias, no inverno.

5. DELP: do espanhol platino *minuano*.

4.1.2 Espaço privado**F. Indumentárias****F1. Vestimentas****1 – Bombacha (s.f.)**

Abonação: Corajoso e sereno. Usava naquela manhã o dólmã azul, bombachas escuras, o chapéu de barbicacho e, presas nas botas de couro negro, suas esporas de prata, muito bem areadas, brilhantes. (p. 60)

1. VSR: 1. Calças muito largas, apertadas acima dos tornozelos por meio de botões; muito usada pelos campeiros.

2. DGB: 1. Calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, possuem dois bolsos grandes na lateral e o cós é largo e sem alças. São bem mais largas na fronteira, estreitas entre os serranos e médias no planalto e nas missões. São usadas nas cores branca e clara para ocasiões festivas, sóbrias e escuras para viagens ou trabalho, e pretas só em caso de luto. São feitas de brim, algodão, tergal, linho e tecidos mesclados.

3. DG: 1. Calças muito largas em toda a perna, salvo no tornozelo, onde são presas por botões, típicas sobretudo, do vestuário regional gaúcho.

4. DH: 1. Calças largas nas pernas e apertadas nos tornozelos.

5. DELP: do castelhano *bombacha*, provavelmente do italiano *bombace*, do latim *bombãx -ãcis*.

2 – Chapéu (barbicacho) (s.m.)

Abonação: Mas Terêncio, forte e impávido, carranca protegida pela sombra do chapéu de barbicacho, as esporas de prata — presente de Bento — rebrilhando ao sol da primavera, vinha guiando o pequeno comboio, e foi ele mesmo quem pulou do cavalo para abrir a porteira, antes que um dos peões da casa tivesse tempo de fazê-lo. (p. 21)

1. VSR: n/e

2. DGB: 1. Cobertura, geralmente de feltro, com copa e abas, para a cabeça de homem, de uso na campanha. Originalmente, o chapéu era de abas curtas, copa alta e barbicacho. O mais usado atualmente é o chapéu de copa baixa e abas largas, conservando o barbicacho.

3. DG: n/e

4. DH: 1. Peça do vestuário para a cabeça.

5. DELP: do francês *chapel* (hoje *chapeau*), derivado do latim *cappellus*.

3 – Chiripá (s.m.)

*Abonação: Deve estar bela, mais do que é possível imaginar. Bento Gonçalves estará elegante, e sério, e duro, a barba feita com esmero, a camisa de seda branca, o **chiripá** preso à cintura. (p. 72)*

1. **VSR:** 1. Vestimenta usada pelos peões de estância ou camponeses, que consta de uma peça quadrilonga de fazenda.
2. **DGB:** 1. Peça do vestuário masculino, rústica e sem costura, outrora usada pelos gaúchos do campo. Consta de um metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura, nas extremidades, por uma cinta de couro ou pelo tirador. O chiripá servia de calças ou bombachas. Com o aparecimento da bombacha, o chiripá deixou rapidamente de ser usado. Hoje é usado apenas nos CTGs, por conjuntos folclóricos, constituindo-se numa peça de luxo, com bordados e franjas. Antes desse, existia um chiripá primitivo ou indígena, uma espécie de saia, que se estendia da cintura até os joelhos. O gaúcho usou muito esse tipo de chiripá por costume que lhe foi passado pelos índios minuanos. Também se escreve xiripá.
3. **DG:** 1. Vestimenta sem costura, outrora usada pelos gaúchos habitantes do campo, e que consistia num metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura por uma cinta de couro ou pelo tirador.
4. **DH:** 1. Peça do vestuário usada no passado pelos homens do campo, sul-rio-grandenses, argentinos, uruguaios e paraguaios, que constituía num retângulo de pano, geralmente de lã vermelha, passado entre as coxas e preso à cintura.
5. **DELP:** n/e

4 – Poncho (s.m.)

*Abonação: Joaquim ergueu-se do catre, uma dor por todo o corpo o incomodava. Pôs o **poncho**. (p. 171)*

1. **VSR:** 1. Vestimenta de lã mais ou menos quadrada com uma abertura no meio para enfiar a cabeça, substituiu o capote a quem anda a cavalo.
2. **DGB:** 1. Capa grossa inteiriça, feita geralmente de pano de lã na cor azul, com forro de baeta encarnada, no formato retangular, ovalado ou arredondado, sempre com uma abertura no meio, por onde se passa a cabeça, de modo que descansa sobre os ombros e caia até abaixo dos joelhos. O poncho é o agasalho característico do homem do sul do Brasil, especialmente do gaúcho do campo. A cavalo, protege o cavaleiro da chuva, do frio e do vento. É usado como proteção, enrolado no braço para aparar golpes dos inimigos em peleia de ferro branco. Serve também de cobertura na cama de pelegos. O poncho quando não está em uso é conduzido à garupa, enrolado e preso por tentos, na parte posterior do lombilho ou acondicionado na mala-de-poncho; ponche.
3. **DG:** 1. Capa retangular, de lã impermeável, com uma abertura no meio, usada para enfrentar frio e chuva.
4. **DH:** 1. Capa de lã, quadrada, com uma abertura no centro.
5. **DELP:** do castelhano *poncho*.

F2. Calçados**1– Bota (couro negro) (s.f.)**

*Abonação: Baixou os olhos para a mesa, e em suas retinas dançava ainda o vulto de seu adorado Bento, montado no alazão, usando o dólma, espada na cintura, as **botas negras** que cutucavam o cavalo com as esporas de prata. (p. 29)*

1. **VSR:** 1. O calçado próprio para montar a cavalo.
2. **DGB:** 1. Calçado de couro que envolve o pé e a perna, nas cores preta e marrom, raramente amarela e nunca branca.
3. **DG:** 1. Calçado de cano comprido e próprio para se montar.
4. **DH:** 1. Calçado de cano alongado.
5. **DELP:** do francês *botte*, de origem incerta.

F3. Acessórios

1 – Esporas (s.f.)

Abonação: Mas Terêncio, forte e impávido, carranca protegida pela sombra do chapéu de barbicacho, as esporas de prata — presente de Bento — rebrilhando ao sol da primavera [...] (p. 21).

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Picar o cavalo com as esporas.
2. **DGB:** 1. Instrumento de metal que se coloca na parte posterior do cavalo próprio para andar a cavalo (botas) e serve para incitar o animal que se monta.
3. **DG:** 1. Instrumento de metal em forma de U que se põe na parte traseira do calçado, que tem uma roseta dentada e é usada para instigar o animal que se monta.
4. **DH:** 1. Peça de metal com pontas que se prende ao calcanhar do calçado, usada para incitar o cavalo.
5. **DELP:** do gótico *spaura*.

2 – Grampo (s.f.)

Abonação: Vasculha entre os pentes, presilhas e grampos e puxa lá do fundo a tesoura negra, pesada. (p. 297)

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** n/e
3. **DG:** 1. Grampo de metal que se usa para prender o cabelo.
4. **DH:** 1. Prendedor de cabelo feito de arame dobrado.
5. **DELP:** do italiano *grampa*.

3 – Guaiaca (s.m.)

Abonação: Fazia pouco que o homem de Bento ganhara a estrada rumo a Porto Alegre, com duas cartas de Caetana na guaiaca, mais os bilhetes que D. Ana e sua mãe tinham enviado aos seus próprios maridos. (p. 47)

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Bolsa de couro presa a uma cinta, e na qual o viajante guarda dinheiro e outros objetos de pequenas dimensões.
2. **DGB:** 1. Cinto largo de couro macio, com uma ou duas fivelas, bolso para relógio à esquerda, uma bolsinha para moedas, um bolso maior às costas e meio coldre do lado de laçar. Às vezes é feito de couro de lontra ou de camurça. 2. Costuma-se também chamar de guaiaca somente para a bolsa, integrante do cinto, destinada principalmente a guardar dinheiro. É uma invenção gauchesca.
3. **DG:** 1. Cinto largo de couro ou de camurça, provido de bolsinhos, usado para se guardar dinheiro e objetos miúdos, e também para o porte de armas.
4. **DH:** 1. Cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiros, objetos miúdos, e que também é usado para o porte de armas.
5. **DELP:** do espanhol sul-americano *guayaca*, derivado do quíchua *huayaka*.

4 – Lenço colorado (s.m.)

Abonação: - E perdeu seus olhos por um instante pelas pessoas que circulavam, as mulheres de sombrinhas, em claros vestidos de festa, os homens de jaleco ou de uniforme, os lenços colorados brilhando nos pescoços. (p. 214)

1. **VSR:** n/e
2. **DGB:** 1. Lenço de seda usado pelo tradicionalista gaúcho, nas cores mais populares, o branco e o vermelho. Além de enfeite, o lenço, por ser de seda, pode ser usado como defesa contra golpes de arma branca, cujo fio é neutralizado pela seda. No passado, foi símbolo de filiação política, conforme a cor e até o modo de atá-lo ao pescoço. O vermelho foi usado pelos farrapos e pelos maragatos; o branco, pelos guerreiros republicanos (patriotas, provisórios e pica-paus). Usam-se outras cores também, verde, azul, amarelo, bege, mas o preto sempre foi usado para o luto fechado, durante seis meses.

3. **DG:** n/e
 4. **DH:** n/e (somente usado para assoar o nariz)
 5. **DELP:** do latim *lenteum*, por *litěum -ěi* 'linho, tecido de linho', de *línium*.

5 – Pelego (s.m.)

Abonação: Vira-se para Caetano e pergunta se quer um pelego, uma cuia de mate. (p.

1. **VSR:** 1. Pele de carneiro quadrada com lã. O uso mais ordinário é colocá-lo sobre o lombo do cavalo, quando se monta em pelo, isto é, sem arreios.
 2. **DGB:** 1. Pele de ovelha ou de carneiro ainda com a lã, que serve de forro, em grupo de dois ou três, ao acento dos arreios.
 3. **DG:** 1. Pele de carneiro ou ovelha usada para forrar os arreios
 4. **DH:** 1. Pele de carneiro com a lã usada sobre a sela.
 5. **DELP:** de “pele”, do latim *pěllis*.

G1. Comidas

1 – Carreteiro de charque (s.m.)

Abonação: As mulheres tinham acabado o almoço, carreteiro de charque, menos Caetana, que a estas alturas estava tomada de nervosismo e não conseguira levar o garfo à boca. (p. 48)

1. **VSR:** n/e
 2. **DGB:** 1. Prato campeiro, constituído de arroz com charque picado.
 3. **DG:** n/e
 4. **DH:** 1. Arroz-de-carreteiro, prato feito de arroz cozido ao qual se junta um refogado preparado com charque ou carne de sol picada ou desfiada, eventualmente paio e linguiça em pedaços, e tempero.
 5. **DELP:** n/e

2 – Quitute (s.m.)

Abonação: Minha mãe, em seu vestido de rendas, os cabelos presos na nuca, bonita e correta como era sempre, começou a servir a família com os quitutes da ceia, sendo seguida de perto pelas criadas, e poucos segundos depois, quando do relógio não mais se ouvia um suspiro ou lamento, tudo em nossa casa recobrou a antiga e inabalável ordem. (p. 14)

1. **VSR:** 1. Comida especial, comida fora do trivial.
 2. **DGB:** 1. Comida refinada, fora do comum.
 3. **DG:** 1. Comida especial, geralmente preparada quando se tem visitas importantes.
 4. **DH:** 1. Comida refinada; acepipe, petisco.
 5. **DELP:** do quimbundo *ki'tutu*.

G1.1 Carnes

1 – Assado (s.m.)

Abonação: [...] Ana, Maria Manuela e Caetana, mais as quatro moças e os pequenos, vindos de viagem desde Pelotas, tirante as angústias que por certo lhes açoitavam as almas, haveriam de chegar à casa varados de fome, até porque os moços e as crianças têm mesmo muito apetite, ao contrário de gente já mais velha, como ela mesma, a quem basta um bom prato de sopa e um assado à hora da ceia. (p. 16)

1. **VSR:** 1. Qualquer pedaço de carne preparado no borralho, nas brasas ou no espeto. É o alimento tradicional do gaúcho rio-grandense principalmente nas lides das estâncias, sendo também os mais preferidos o de matambre, o de costela e o saboroso assado com couro.
 2. **DGB:** 1. Pedaço de carne próprio para assar, mesmo antes de ser assada. 2. Pedaço de carne assado na grelha. Quando assado ao calor da brasa, em espeto, chama-se churrasco. 3. Churrasco, em alguns lugares.
 3. **DG:** 1. Peça de carne própria para assar.

4. **DH:** 1. Carne que assou.
 5. **DELP:** de “assar”, do latim *assāre*.

2 – Charque (s.m.)

Abonação: O irmão começava uma guerra contra o Império, contra a tirania do Império, contra os altos preços do charque e o imposto do sal. Bento começava uma guerra contra um rei, e isso a enchia de aflição e de orgulho. (p. 16)

1. **VSR:** 1. Carne de gado vacum, salgada e que constitui uma das principais indústrias e riquezas do Rio Grande do Sul. Charque-de-vento é o que se prepara nas estâncias para o consumo e consta de pedaços delgados, com pouco sal e secados à sombra e na ação dos ventos.
 2. **DGB:** 1. Carne de gado bovino, aberta em mantas, salgada e seca. O mesmo que carne-de-sol, carne-do-ceará, carne-do-sertão, carne-velha, jabá, sambamba, sumaca, carne-seca, carne-do-sul, etc.
 3. **DG:** 1. Carne de vaca, salgada e em mantas e que se coloca ao sol para secar. O mesmo que carne seca.
 4. **DH:** 1. Carne bovina cortada em mantas, salgada e seca geralmente ao sol.
 5. **DELP:** do espanhol platino *charquear*.

3 – Churrasco (s.m.)

Abonação: — Esteja calma, Caetana. Numa hora dessas, se bem imagino, Bento e os outros devem estar se refestelando com um bom churrasco. (p. 22)

1. **VSR:** 1. Pedaço de carne sangrenta e mal passada sobre as brasas ou labaredas e que constitui o mais poderoso alimento dos camponeses rio-grandenses.
 2. **DGB:** 1. Carne assada sobre brasas, com uso de espetos. É o alimento preferido dos gaúchos. A carne principal para o churrasco é a do bovino, embora muitos assem também a carne de ovelha, de cabrito, de porco, o galeto etc. Usa-se somente o sal grosso e como acompanhamento, o pão e a farinha de mandioca. 2. O pedaço de carne a ser assado.
 3. **DG:** 1. Carne sangrenta assada no espeto. O mais tradicional alimento dos gaúchos.
 4. **DH:** 1. Carne assada na grelha ou no espeto.
 5. **DELP:** do castelhano *churrasco*.

4 – Picanha (s.f.)

Abonação: Dos fundos, já se sentia o cheiro do assado, ouvia-se a barulheira dos peões que ajudavam o assador naquela faina de preparar costelas e picanhas e lombos inteiros. (p. 145)

1. **VSR:** 1. Parte posterior da região lombar do animal, parte externa da paleta.
 2. **DGB:** 1. A parte posterior e lateral da região lombar da rês. 2. A carne dessa região, ótima para o churrasco: assado da picanha. 3. Anca do vacum ou cavalari.
 3. **DG:** 1. Parte posterior da região lombar da rês, excelente para fazer churrasco.
 4. **DH:** 1. Parte de trás da região lombar da rês.
 5. **DELP:** de “picar”, do latim *piccare*.

G1.2 Legumes

1– Aipim (s.m.)

Abonação: As mesas ainda exibiam os restos da grande comilança, enquanto as negras, inquietas feito moscas, tratavam de recolher os pratos com restos de carne, as travessas de saladas, de aipim, de arroz, e iam ajeitando as compoteiras, os pratos de doce, as terrines de abóbora caramelada, de doce de pêsego. (p. 130)

1. **VSR:** 1. Planta brasileira da família das Euforbiáceas, cuja raiz assada ou cozida é excelente alimento
 2. **DGB:** 1. Mandioca-mansa, macaxeira.
 3. **DG:** n/e

- 4. DH:** 1. Planta de cujos tubérculos se aproveitam as propriedades alimentares, extraindo farinha, polvilho, bebidas ou servindo-os cozidos; mandioca, macaxeira.
- 5. DELP:** do tupi *ai pi*.

2 – Mandioca (s.f.)

Abonação: Na sumaca Farroupilha levavam armas e munições escondidas sob um carregamento de carne defumada e mandioca. (p. 95)

- 1. VSR:** n/e
- 2. DGB:** n/e
- 3. DG:** 1. Planta leitosa cujas grossas raízes são ricas em amido, com largo emprego na alimentação do gaúcho, sendo algumas espécies venenosas. Muito empregada na fabricação da farinha de mesa. No Norte e Nordeste tem o nome de macaxeira e no resto do Brasil é conhecida como aipim.
- 4. DH:** 1. Gênero de plantas euforbiáceas, que compreende arbustos da América, cuja raiz fornece uma fécula nutritiva, de que se faz a tapioca.
- 5. DELP:** do tupi *mani' oka*.

G1.3 Sobremesas

1 – Ambrosia (s.f.)

*Abonação: Vieram os doces dar vez às carnes, a **ambrosia** brilhava feito ouro em seu recipiente de cristal, a comilança seguia seu ritmo e seu passo, o ponche era bebido aos sorvos para espantar o calor das conversas e dos anseios. (p. 14)*

- 1. VSR:** n/e
- 2. DGB:** n/e
- 3. DG:** 1. Doce de leite e ovos feito de calda de açúcar.
- 4. DH:** 1. Manjar dos deuses do Olimpo, que concedia ou mantinha a imortalidade. 2. Doce de ovos cozidos em leite com açúcar e baunilha.
- 5. DELP:** do latim *ambrosia*.

G1.4 Formas de preparo

1 – Aferventar (v.)

*Abonação: As cosas **aferventavam**, decerto. Era impossível deitar um olhar sobre aquele italiano elegante, garboso, e não pensar nas três moças lá dentro. (p. 128)*

- 1. VSR:** n/e
- 2. DGB:** 1. Acelerar, apressar, importunar.
- 3. DG:** 1. Acelerar; importunar.
- 4. DH:** 1. Fazer ferver; ferventar.
- 5. DELP:** de “ferver”, do latim *fervēre*.

2 – Chamusquear (v.)

*Abonação: É preciso esquecer o fortim e reagir. Esquecer os mortos, os mutila dos, o cheiro de carne **chamusqueada**. (p. 201)*

- 1. VSR:** n/e
- 2. DGB:** n/e
- 3. DG:** 1. Ligeiramente queimar.
- 4. DH:** n/e
- 5. DELP:** de “chama”, do latim *flama*.

G2. Bebidas

1 – Canha (s.f.)

Abonação: Depois, no acampamento, teria dito que o soldado estava meio bêbado, cheirava a canha. (p. 111)

-
1. **VSR:** 1. O mesmo que cachaça ou cana. 2. Aguardente de cana.
 2. **DGB:** 1. Aguardente de cana-de-açúcar; caña, cachaça;
 3. **DG:** 1. O mesmo que cachaça, cana.
 4. **DH:** 1. Aguardente de cana; cachaça.
 5. **DELP:** de “canho”, de origem controvertida.

2 – Chimarrão (s.m.)

Abonação: Não que o pampa estivesse convulso, pois tudo ainda não passava de um suspiro, um espasmo, um assunto para as rodas de chimarrão, para as comadres sussurrarem de olhos arregalados; de Porto Alegre, naquela manhã de vinte de setembro, nenhuma notícia ainda tinha chegado, fosse ela boa ou ruim. (p. 17)

-
1. **VSR:** 1. Mate-chimarrão ou simplesmente chimarrão é o que se prepara sem açúcar. A essa bebida assim preparada dá-se também o nome de mate-amargo, verde ou amargo.
 2. **DGB:** 1. Mate sevado sem açúcar, em seu sabor natural. É preparado em cuia de porongo e sorvido através de um tubo metálico, chamado bomba. O chimarrão, símbolo de hospitalidade, é a bebida indispensável do gaúcho, em qualquer ocasião. O mesmo que chima, mate, mate-amargo, mate-chimarrão, amargo, verde, etc.
 3. **DG:** 1. Diz-se do mate sevado, sem açúcar.
 4. **DH:** 1. Bebida típica da América Latina, muito popular no Rio Grande do Sul. Trata-se de um mate amargo, servido quente dentro de uma cuia chamada porongo, e bebido através de uma bomba.
 5. **DELP:** do espanhol *cimarrón*.

3 – Mate (s.m.)

Abonação: — Preciso de um mate bem quente. (p. 215)

-
1. **VSR:** 1. A bebida resultante da infusão das folhas da *Ilex paraguayensis*, conhecida como erva-mate devidamente preparada, que se toma em cuia com o auxílio de uma bomba ou em taças.
 2. **DGB:** 1. O mate sem açúcar; mate-amargo, chimarrão. Amargo, verde.
 3. **DG:** 1. Erva-mate. 2. As folhas dessa árvore, secas e pisadas. 3. A bebida é feita com a colocação da erva numa cuia, onde, misturada com água quente, é sorvida com a utilização de uma bomba de metal. É a bebida mais tradicional do Rio Grande do Sul.
 4. **DH:** 1. Bebida feita com infusão das folhas da erva-mate, depois de secas e pulverizadas; chá-mate.
 5. **DELP:** do castelhano *mate*, derivado do quíchua *máti*.

4 – Ponche (s.m.)

Abonação: Estavam todos na sala, tomando ponche e proseando. D. Ana tocava umas modinhas ao piano. (p. 84)

-
1. **VSR:** 1. O mesmo que poncho.
 2. **DGB:** 1. Poncho.
 3. **DG:** 1. O mesmo que poncho.
 4. **DH:** 1. Mistura de uma bebida forte com diversos ingredientes (limão, chá, açúcar).
 5. **DELP:** do inglês *punch*.

G3. Outros

1 – Cigarro de palha (s.m.)

*Abonação: Encontrou Bento Gonçalves sentado na varanda, tomando um mate. Bento passara boas horas com Caetana, depois tomara um banho, vestira a bombacha, as botas, a camisa branca, bem passada —como eram bons os cuidados femininos —, e agora estava ali, pitando o **cigarro de palha** que João Congo acabara de fechar. (p. 42)*

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** 1. Cigarro de fumo crioulo enrolado em palha de milho, palheiro.

3. **DG:** 1. Cigarro feito com palha de milho.

4. **DH:** 1. Porção pequena de tabaco que, picado e enrolado em papel fino ou em palha de milho, é utilizado para fumar: cigarro de papel.

5. **DELP:** do castelhano *cigarro*, de origem incerta.

2 – Erva-mate (s.f.)

*Abonação: Recebera a sua carta ainda naquela alvorada, e lera-a enquanto sorvia o seu mate. A **erva** e as palavras do irmão tinham lhe deixado um gosto amargo e um calor morno no corpo. (p. 16)*

1. **VSR:** somente “Erva” que significa erva-mate.

2. **DGB:** 1. Árvore da família das aquifoliáceas, de cujas folhas se faz o chimarrão. É encontrada em grande quantidade nas zonas temperadas quentes, principalmente na região centro-sul da América do Sul (Brasil, Argentina e Paraguai). A árvore que é consagrada símbolo do Rio Grande do Sul pode atingir até dez metros de altura e tem o caule da cor acinzentada, com vinte a quarenta centímetros de diâmetro. As folhas, que constituem a parte mais importante da planta, são alternadas, oblongas e denticuladas. No Brasil, existem mais de sessenta espécies da planta e seu aproveitamento industrial é feito em sua maior parte pelos estados do sul. No Rio Grande do Sul, comemora-se, anualmente, na segunda semana do mês de setembro a “Semana Estadual da Erva-Mate”.

3. **DG:** 1. Planta da família das aquifoliáceas, também conhecida como mate, de cujas folhas se prepara o chimarrão ou o mate doce.

4. **DH:** 1. Mate (*Ilex paraguariensis*).

5. **DELP:** de “erva”, do latim *hērba -ae*.

3 – Palheiro (s.m.)

*Abonação: Ao longe, Netto prepara um **palheiro**. (p. 189)*

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** 1. Cigarro feito de fumo crioulo, enrolado em palha de milho; cigarro de palha; cigarro crioulo.

3. **DG:** 1. Cigarro de fumo crioulo enrolado com palha de milho.

4. **DH:** 1. Cigarro de palha.

5. **DELP:** de “palha”, do latim *palĕa*.

H. Objetos

H1. Móveis

1 – Fogão (a lenha) (s.m.)

*Abonação: Em frente ao **fogão**, arranquei páginas e páginas de um caderno, e vi-as arder sob as chamas com os olhos secos de lágrimas. (p. 186)*

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** 1. Espécie de caixa de ferro ou de tijolos, com fonalha e chaminé, para cozinhar; fogão econômico.

3. **DG:** n/e

4. **DH:** 1. Aparelho com uma ou mais bocas, com ou sem forno, com ou sem chaminé, onde se acende o fogo para cozinhar os alimentos. 2. Lugar nos galpões das estâncias onde se faz fogo para o chimarrão e o

churrasco.

5. **DELP:** de “fogo”, do latim *fócus*.

H2. Utensílios e apetrechos

1 – Arreios (s.m.)

Abonação: Depois, é o trabalho de recolher armas, arreios e outros instrumentos deixados pelos inimigos durante a brusca retirada. (p.

Registro em dicionários

1. **VSR:** 1. Peças com que se arreja um cavalo para montar. Os arreios para o campeiro rio-grandense, servem-lhe também de cama quando em viagem, ou mesmo em casa, aos peões, que, em geral, não conhecem outro leito mais cômodo e duplamente útil.

2. **DGB:** 1. Conjunto de peças com que se prepara um cavalo para montar. Às vezes usa-se o termo com relação à peça principal dos arreios: o lombilho. O gaúcho quase sempre usa este vocábulo no plural, ao passo que outras regiões usam arreio para indicar o mesmo conjunto de peças.

3. **DG:** 1. Conjunto de peças necessárias ao encilhamento do cavalo; o mesmo que arreamento.

4. **DH:** 1. Conjunto de peças para preparar a cavalgadura para montaria ou para trabalho de carga.

5. **DELP:** de “arrear”, do latim *arrēdarē*.

2 – Bomba (s.f.)

Abonação: No quintal, em torno do mate, Manuel, Zé Pedra e o vaqueano que trouxera a carta do coronel Bento trocavam frases esparsas enquanto sorviam a bomba, cada um a seu turno. (p. 38)

1. **VSR:** 1. Canudo de prata, ou de outro qualquer metal, e que se introduz na cuia para se tomar o mate; tem na extremidade inferior uma espécie de ralo que impede a entrada de pó da erva, permitindo a passagem da água.

2. **DGB:** 1. Canudo de metal para se tomar o mate. É feito de prata ou outro metal, tendo na extremidade, que vai introduzida na cuia com erva, um bojo cheio de furinhos, e na parte que fica fora da cuia, por onde se sorve o mate, esse canudo possui enfeites, às vezes de ouro e pedras preciosas. Juntamente com a erva e a cuia, faz parte dos avios de mate. Antigamente usava-se até bombas de bambu; bomba de chimarrão.

3. **DG:** 1. Canudo de metal ou de madeira para se tomar o mate, e em cuja extremidade inferior há uma espécie de ralo, destinado a evitar a passagem do pó da erva; bombilha.

4. **DH:** 1. Canudo que se introduz numa cuia para tomar mate ou chimarrão.

5. **DELP:** do castelhano *bombillo*.

3 – Candeeiro (s.m.)

Abonação: O candeeiro lançava uma luz inquieta pelo quarto. A cama estava arrumada. Pairava ali um cheiro bom de hortelã. (p. 127)

1. **VSR:** n/e

2. **DGB:** 1. Candeeiro. 2. Aparelho destinado a produzir luz, queimando querosene ou óleo vegetal; lamparina.

3. **DG:** 1. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião.

4. **DH:** 1. Lampião; aparelho ou utensílio que, por conter um líquido inflamável e um pavio, pode ser usado para iluminar.

5. **DELP:** de “candeia”, do latim *candēla*.

4 – Cuia (s.f.)

Abonação: D. Antônia passou o mate ao irmão. Viu as mãos calejadas, fortes, másculas agarrarem a cuia com facilidade extrema. A cuia sumiu mansamente entre aqueles dedos. (p. 43)

-
1. **VSR:** 1. Porongo onde se prepara o mate para ser tomado com a bomba.
 2. **DGB:** 1. Recipiente onde se toma chimarrão, sorvendo-o por meio de um canudo de metal chamado bomba. A cuia de chimarrão geralmente é feita de porongo, utilizando sempre a parte menor (a flor do porongo) e muitas vezes adornada de prata, artisticamente lavrada; cabeça; porongo.
 3. **DG:** 1. A cabeça quase sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e se bebe o mate por meio de uma bomba.
 4. **DH:** 1. Vasilha feita da cabaça, usada em vários misteres, e utilizada no Rio Grande do Sul, ricamente adornada, para preparar e beber o chimarrão.
 5. **DELP:** do tupi *kuia*.

5 – Rebenque (s.m.)

Abonação: O negrinho deu com o rebenque no lombo do cavalo. (p. 100).

Registro em dicionários

-
1. **VSR:** 1. Pequeno chicote de que usa o cavaleiro para tocar o cavalo.
 2. **DGB:** 1. Pequeno chicote, de cabo retovado, com uma palma de couro na extremidade; relho pequeno.
 3. **DG:** 1. Espécie de chicote cuja ponta é uma tala de couro, sendo o cabo recoberto ou retovado.
 4. **DH:** n/e
 5. **DELP:** do espanhol platino *rebencazo*.

6 – Tablado (s.m.)

Abonação: Rosário procurou por vários lugares. Nada do capitão. Buscou o tablado, e seus olhos o viram. Lá estava ele, elegante, dançando com uma moça morena. (p. 124)

-
1. **VSR:** 1. É empregado como sinônimo de assoalho de pontes.
 2. **DGB:** 1. O assoalho de madeira de uma ponte.
 3. **DG:** 1. Nome que se dá ao assoalho das pontes de madeira.
 4. **DH:** 1. O piso de madeira de uma ponte.
 5. **DELP:** de “tábua”, do latim *tabŭla*.

7 – Tipóia (s.f.)

Abonação: Bento Filho chegou no dia vinte de abril, trazido por dois homens. Vinha mancando, o braço numa tipóia, um riso gasto no rosto emagrecido. As mulheres da casa acorreram todas, Caetana chorando, beijando o filho, querendo saber se estava bem, se tinha febre, e como fora ferido. (p. ...)

-
1. **VSR:** 1. Aparelho arranjado com um lenço ou um pano qualquer que serve para deixar imobilizado o braço doente, preso ao pescoço.
 2. **DGB:** 1. Coisa sem valor.
 3. **DG:** n/e
 4. **DH:** 1. Tira de pano ou lenço presa ao pescoço para sustentar um braço doente.
 5. **DELP:** do tupi *tí' poia*.

4.2 NARRATIVA E ESCOLHAS LEXICAIS: INTERPRETAÇÕES

Este subcapítulo destina-se à análise léxico-semântica das lexias selecionadas e organizadas nos campos lexicais. O método informatizado utilizado, para geração da lista das palavras no programa *Antconc*, foi relevante no que diz respeito à identificação, separação e organização das lexias para a seleção. A partir do processamento do *corpus C7m*, por meio da *wordlist*, pode-se fazer uma seleção prévia das palavras em ordem alfabética, necessárias à análise e que fazem parte dos campos léxico-semânticos, separando somente aquelas que refletem de alguma forma a cultura regional no romance.

O Quadro 8 mostra quantas vezes determinada lexia foi citada no romance e quais tiveram maior relevância dentro do contexto da narrativa.

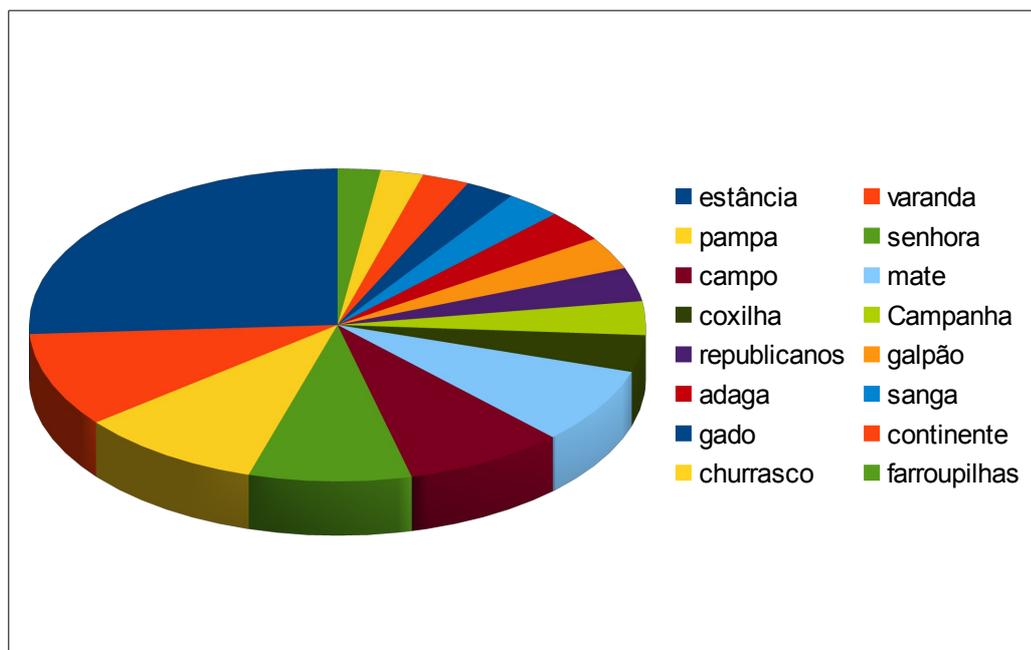
Quadro 8 – Relação de frequência das lexias que compõem os campos lexicais

LEXIAS	FREQ.	LEXIAS	FREQ.	LEXIAS	FREQ.	LEXIAS	FREQ.
estância	231	assado	7	chupar	3	apear	1
varanda	87	boqueirão	7	companheira	3	apessoado	1
pampa	86	cusco	7	encilhar	3	arreios	1
senhora	76	entrevero	7	esporas	3	arreliação	1
campo	75	farrapos	7	estropiado	3	assador	1
mate	70	poncho	7	meia-cancha	3	bailanta	1
coxilha	34	arrematar	6	pampeano	3	baio	1
Campanha	31	banhado	6	quitute	3	bandear	1
republicanos	31	chapéu de barbicacho	6	rincão	3	barulheira	1
galpão	30	chimarrita	6	tipóia	3	boiguacu	1
adaga	29	domar	6	tropilha	3	capinar	1
sanga	26	escaramuça	6	xucro	3	caranguêjo	1
gado	23	escravos	6	ambrosia	2	cavalariano	1
continente	22	pelego	6	aparição	2	centauro	1
churrasco	20	quero-quero	6	arrebancar	2	chimarrão	1
farroupilhas	20	aipim	5	boitá	2	cigarro de palha	1
charqueada	18	alazão	5	bolicho	2	derrear	1
guri	18	carnear	5	bomba	2	erva mate	1
vento minuano	18	enveredar	5	buenacho	2	fandango	1
capão	17	lenço (colorado)	5	candeeiro	2	gaita	1
cua	17	ponche	5	carretero de charque	2	gaiteiro	1
vaqueano	17	sinhá	5	charrua	2	guaiepas	1
charque	16	boiada	4	chinas	2	laçador	1
cavalhada	14	boleadeira	4	chiripá	2	mandioca	1
gaúcho	14	capim	4	continentinos	2	manear	1
carroça	12	cerração	4	corcovear	2	matear	1
castelhanos	12	chamusquear	4	fogão à lenha	2	novilho	1
figueira	10	chão	4	geada	2	picanha	1
palheiro	10	grampo	4	rebenque	2	tablado	1
arreglar	9	parelha	4	tropeiros	2		
bueno	9	barbaridade	3	violeiro	2		
carreta	9	barranca	3	aboletar	1		
guaiaca	9	bombacha	3	achegar	1		
milonga	9	bota (couro negro)	3	aferventar	1		
piquete	9	campeiro	3	alma penada	1		
canha	8	caudilhos	3	amolar	1		
estancieiro	8	charqueador	3	animal de rapina	1		

Fonte: Elaboração da autora.

Em seguida, no Gráfico 2 abaixo, verificam-se somente as lexias com maior número de frequência.

Gráfico 2 - Lexias que possuem o maior número de frequência de citações



Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com o gráfico apresentado, percebe-se que as lexias relacionadas ao microcampo lexical “Lugares” (estância, pampa, campo, coxilha) são mais citadas em *C7m*. A autora não se preocupa apenas em enfatizar aspectos sociais, mas, também, em caracterizar os aspectos geográficos da região.

Ao lado do microcampo “Lugares”, também no campo “A guerra” foram identificadas as lexias com maior frequência: “republicanos”, que é uma lexia relacionada aos atores sociais da guerra e a lexia “adaga” referente ao microcampo “armas”. O enfoque da “guerra” propriamente dita, não por acaso, já que a representação concentra-se nesse tema, destaca-se no contexto do romance.

Por se tratar do contexto, algumas lexias podem ser selecionadas, analisadas e distribuídas em campos semânticos contrários daqueles que seus significados poderiam representar, caso seja observada somente a palavra. Ressalta-se, também, que algumas palavras adquirem significados diferenciados na narrativa, como no caso da lexia “caranguejo”. Esta lexia, embora tenha seu significado associado a um crustáceo em DH, simboliza na obra uma dança regional: “[...] já bailavam o caranguejo” (p. 215).

Já a lexia “xucro”, conforme o DGB (2003), pode ser referida:

- a) a um animal ainda não domado, selvagem ou bravio;
- b) a um indivíduo ainda não adestrado em certa tarefa ou o indivíduo grosseiro, mal-educado, rude, sem trato social;
- c) a uma criança acanhada que se retrai na presença de estranhos;
- d) a uma mulher esquiva que não gosta de carinhos ou;
- e) ao indivíduo forte, valente, que não se dobra.

Em *C7m*, a palavra “xucro” refere-se somente ao animal não domado.

Identificam-se também as lexias “Boiguaçu” e “Boitató”, que fazem parte do microcampo “Crenças” e referem-se à “cobra de fogo”, figura tipicamente lendária. Aparecem nos causos contados durante as rodas de conversa, como consta em uma das passagens na obra: “Quando crescesse, lhe contaria da avó índia, da boiguaçu, do Cruzeiro do Sul, das grandes guerras na fronteira.” (p. 407).

A lexia “chimarrita”, que se encontra associada ao microcampo “Danças / músicas / instrumentos”, pode referir-se tanto a um tipo de dança quanto a um tipo de música. Na obra, ela aparece com esses dois significados, conforme os trechos: “Perpétua pediu muitas vezes à mãe para que pudesse acompanhá-los ao baile, dançaria com o conde, queria muito ir à festa, valsar, dançar a chimarrita, ver gente e ouvir música” (p. 70) ou “Da casa, vinha agora o som de uma chimarrita.” (p. 275).

Do mesmo modo se analisa a lexia “milonga”, que faz parte do mesmo microcampo, e que também pode ter seu significado com duplo sentido, referindo-se tanto à música quanto à dança. Em *C7m*, está relacionada apenas como uma música, conforme o trecho: “Ao longe, ouvia-se uma cantoria castelhana, uma milonga triste e cheia de saudade.” (p. 293).

A lexia “fandango”, nos dicionários de léxico gaúcho, possui significado associado ao baile. Já no DH possui significado somente de dança. Em *C7m*, essa lexia segue a definição dos dicionários gaúchos, conforme a seguinte passagem: “O Rio Grande envelhecia. Já não se viam os moços cavalgando pelas estradas, já não havia fandangos, churrascos, festas, quermesses.” (p. 395).

Já a lexia “barbaridade”, muito utilizada no Rio Grande do Sul, com o significado de exclamação, está empregada na obra com o sentido de selvageria ou crueldade, como mostra este trecho: “[...] mui querido tio Anselmo veio a falecer numa emboscada ainda na noite de ontem, quando se dirigia, com mais dois soldados, para os lados de Cima da Serra, sendo

vítima de uma barbaridade [...]” (p. 173).

A lexia “bueno” é muito utilizada pelos gaúchos, principalmente na fronteira, por conta da proximidade com os países de língua espanhola. No romance, o uso dessa palavra não é uma exclusividade dos castelhanos: “- Bueno – respondeu Bento Gonçalves.” (p. 66).

Para a designação da palavra “menino”, utilizada em várias regiões brasileiras, a lexia “guri” possui uma designação diferenciada no Estado do Rio Grande do Sul. Em algumas regiões, como no caso do Paraná, essa palavra é trocada pela lexia “piá”. Na narrativa, a lexia “guri” aparece com frequência, assim como “guria”, referente às meninas.

No microcampo “Modos de fazer”, optou-se por selecionar lexias que têm relação direta com aspectos regionais, como no caso de: aboletar = instalar-se; chegar = proteção, amparo; amolar = aborrecer, incomodar; apear = descer; arrebanhar = apoderar-se de animais; arreglar = ajustar, consertar, entre outras.

A lexia “centauro”, em *C7m*, refere-se aos gaúchos enaltecidos como heróis, figuras típicas que participavam das guerras e revoluções. Percebe-se isso na seguinte passagem: “Crescêncio, Teixeira, Netto e Bento Gonçalves são como baluartes, o vento não os verga, a chuva não os atinge, míticos centauros desse pampa.” (p. 353). No dicionário DH, essa lexia está associada unicamente a um ser mitológico, metade homem e metade cavalo.

O microcampo “Modos de se referir” diz respeito às lexias que têm relação com o tratamento que a mulher recebia na época. A lexia “sinhá”, muito utilizada no século XIX, não possui significado em nenhum dos dicionários. Em *C7m* essa lexia aparece como forma de tratamento usada pelos escravos para designar a patroa, conforme o trecho: “- Quer luz, sinhá? – Viriata olhava-a com seus olhinhos miúdos.” (p. 48).

No microcampo “Atores sociais”, percebe-se a lexia referente à única tribo de índios citada na obra, a “charruas”: “Foi tudo muito rápido. A madre tomou a mão pálida de Rosário e conduziu-a à charrete, onde um indiozinho charrua aguardava, acomodado na boléia.” (p. 326).

Já a lexia “chinas” possui na ficção um significado ligado às prostitutas que viviam com os soldados na guerra, como mostra a passagem: “- Pouco sei dessa cristã. Quando vim de partida, a moça ainda não tinha aparecido. Vai ver que virou china de soldado. Se bem que era mui corajosa, só a senhora vendo. Acho que os imperiais, sabendo quem ela era, devem ter le dado um tratamento más justo.” (p. 313). Em algumas obras sul-rio-grandenses esse termo está associado à mulher ou à moça do campo e não somente à prostituta. Em DH, essa lexia é

reconhecida somente como uma figura índia ou cabocla.

As lexias “farrapos” e “farroupilhas”, que também fazem parte desse microcampo, associam-se entre si. “Farroupilhas” é o diminutivo de “farrapos” conforme o DG. Em *C7m*, essas duas palavras são utilizadas com frequência, sendo que “farroupilha” aparece vinte vezes na obra e “farrapos”, somente sete vezes.

No microcampo “Flora”, destaca-se a lexia “figueira”, uma árvore abundante na região do Rio Grande do Sul. Em *C7m*, ela aparece em trechos como o seguinte: “Logo depois, cada uma das mulheres recolheu-se ao seu quarto. Manuela e Mariana dividiam a última peça do corredor, que dava vistas para a figueira do quintal [...]” (p. 32). Esta palavra tem seu significado somente nos dicionários gaúchos, não reconhecida em DH.

As lexias “cusco” e “guaiecas”, que fazem parte do microcampo “Fauna”, possuem o mesmo significado. Essas duas lexias aparecem em *C7m* para identificar os cachorros que faziam parte da casa na estância: “Os cuscos não latiram, tinham-no reconhecido pelo cheiro” (p. 399) e “Olhou para fora e viu o vento varrendo a campina, sacudindo as folhas da mangueira, espantando os guaiecas que corriam pelo quintal.” (p. 339).

Ainda no microcampo “Fauna”, a lexia “quero-quero” é a que apresenta maior destaque em relação aos seus significados nos dicionários. É conhecida como a ave-símbolo do Rio Grande do Sul e está representada em *C7m*, conforme este trecho: “A tarde começava a esmaecer em seu brilho. Os quero-queros cantavam. Manuela passou ao longe, cavalcando ao lado do irmão.” (p. 36).

A lexia “banhado” faz parte do microcampo “Lugares” porque representa na obra um terreno coberto de vegetação, alagadiço como um pântano: “Bento Manuel Ribeiro atravessa com suas tropas o banhado de Ponche Verde.” (p. 464). Poderia ter a significação de “cheio”, “repleto”, como nesta passagem: “Depois, só restava um acerto com o Império, um tratado que trouxesse ao Rio Grande a mínima honra. Estávamos, então, banhados em sangue.” (p. 445). Neste caso, perderia o significado regional de lugar.

Outras lexias associadas ao microcampo “Lugares” também podem ser analisadas com diversos significados. Por exemplo, a lexia “bolicho” pode ser encontrada na região também como “boliche”, mas na obra aparece somente como “bolicho”, de acordo com o trecho: “A carta de Joaquim chegou pelas mãos de um negrinho da estância de D. Antônia que tinha encontrado um oficial da República num bolicho de caminho.” (p. 374).

Já a lexia “Campanha”, em *C7m*, designa o lugar ou a região: “Escrevo esta carta

recém-chegado a São Gabriel, onde viemos dar depois de penosa marcha por essa Campanha, passando trabalhos que nem ousa le contar nestas linhas.” (p. 238). Essa palavra também tem um significado associado ao acampamento das tropas, às campanhas de propaganda ou de combate, mas não aparece empregada neste sentido.

A lexia “capão”, pertencente ao microcampo “Lugares”, está empregada na obra como um determinado lugar. Verifica-se isso nesta passagem: “O convento era um prédio escuro, enclausurado entre altos muros, cercado de um jardim florido, tendo ao fundo uma horta grande e, ao longe, um capão onde os pássaros iam se esconder.” (p. 312). Em algumas regiões, no entanto, essa palavra pode ter seu significado associado a um animal como o carneiro ou um peixe.

A lexia “chão” poderia ter seu significado relacionado a “assoalho” ou à “superfície do solo onde se pisa”. Em *C7m*, está ligada à “querência” ou “terra natal”, conforme o trecho: “Estou vivo e suportando estes dias porque sei que logo regressarei para os seus braços e para o meu chão.” (p. 136).

O Rio Grande do Sul, na época da Revolução Farroupilha, era conhecido como “Continente de São Pedro”. Nesse sentido, a lexia “Continente”, pertencente ao microcampo “Lugares”, aparece com frequência na obra ficcional, conforme o exemplo a seguir: “No dia 19 de setembro de 1835 eclode a Revolução Farroupilha no Continente de São Pedro do Rio Grande.” (p. 9). Essa palavra perderia seu contexto regional se fosse associada às divisões da geográficas da Terra.

No microcampo “Meteorologia”, as lexias “geada” e “vento minuano” referem-se a aspectos climáticos encontrados no Rio Grande do Sul. Destas, “geada” não possui significação nos dicionários gaúchos, mas, sim, no DH. Ambas aparecem em trechos como os que seguem: “D. Ana tira os olhos do bordado e vê a sobrinha parada no meio da sala; ela treme e tem o rosto branco feito a geada” (p. 50) e “Via sangue, um mar de sangue, e o minuano começou então a soprar somente para os meus ouvidos.” (p. 13). A palavra “vento”, neste caso, está subentendida.

No macrocampo “Indumentárias”, encontram-se as lexias referentes às vestimentas e aos calçados dos gaúchos, como as botas, a bombacha, o chapéu de barbicacho, o chiripá, o poncho, as esporas, a guaiaca e o lenço colorado. Já no macrocampo “Alimentos”, destacam-se as lexias que fazem parte da culinária gaúcha, como: o carreteiro de charque, a ambrosia, o assado, o churrasco, a picanha, o aipim, a mandioca, o chimarrão, o mate e o ponche.

Sobre as lexias “aipim” e “mandioca”, estas possuem a mesma referência em *C7m*, sendo que o “aipim” é mais conhecido regionalmente no Sul do que a “mandioca”. Esse aspecto também é enfatizado na obra, na medida em que a lexia “aipim” aparece cinco vezes, enquanto “mandioca”, somente uma vez.

A lexia “bomba”, por sua vez, faz parte do microcampo “objetos”, por ter seu significado, dentro do contexto, ligado a um canudo de metal no qual se toma o mate, conforme lê-se no trecho: “No quintal, em torno do mate, Manuel, Zé Pedra e o vaqueano que trouxera a carta do coronel Bento trocavam frases esparsas enquanto sorviam a bomba, cada um a seu turno.” (p. 38). Também poderia ser relacionada à arma utilizada na guerra, perdendo a conotação regional, como neste trecho: “O terceiro forte explode como uma bomba gigantesca.” (p. 278).

Algumas outras lexias seguem o mesmo modelo de emprego na narrativa das até aqui apontadas. Dessa forma, nota-se que as escolhas lexicais, em *C7m*, produzem um efeito de sentido por meio de palavras que refletem tanto o contexto regional do século XIX quanto o momento contemporâneo. As lexias selecionadas e dispostas em seus respectivos campos lexicais revelam, de alguma maneira, os valores ideológicos, o conjunto de experiências dos personagens e, também, suas práticas culturais e sociais. Compreender o significado e a utilização de uma determinada lexia em uma época, contextualizada dentro do romance, permite identificar aspectos relacionados à língua, à identidade e à cultura regional dos personagens, e, ainda, estabelecer relações com a sociedade representada.

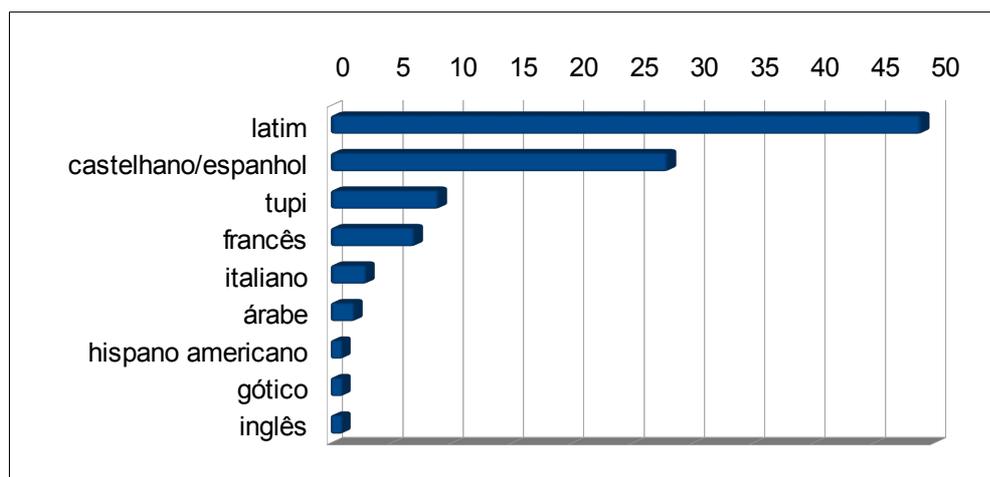
Também percebe-se, por meio dessa análise, que existe uma estreita relação entre os campos, o que permite que algumas lexias possam pertencer tanto ao “Espaço público” quanto ao “Espaço privado”. Além disso, é importante destacar que das 142 lexias selecionadas e sistematizadas em fichas lexicográficas, algumas não possuem significados nos dicionários.

Quanto à etimologia, percebe-se que, em algumas lexias, há o predomínio de palavras oriundas do tupi, do francês, do italiano, do espanhol, do latim, etc. A partir de dados históricos, constata-se que muitas línguas contribuíram para o processo de composição do vocabulário sul-rio-grandense, tais como: o português, o espanhol, as línguas ameríndias, as africanas, a alemã, a italiana, as eslavas, etc. Isso permite concluir que o vocabulário sul-rio-grandense não possui somente um significado peculiar, no que diz respeito aos seus aspectos linguísticos, mas, também, abrange características culturais que estão diretamente

relacionadas à formação étnica da população.

O Gráfico 3 apresenta a etimologia das lexias selecionadas em *C7m*.

Gráfico 3 - Etimologia das lexias selecionadas em *C7m*



Fonte: Elaboração da autora.

Nota-se no Gráfico 4 que a maioria das lexias tem origem no latim, seguido do castelhano ou espanhol. Nesse caso, verifica-se que alguns empréstimos na língua regional gaúcha sofrem grande influência das regiões fronteiriças, onde o espanhol platino e o português transbordam as barreiras geográficas.

Por uma influência da língua espanhola, falada no Prata, acentuou-se na região uma linguagem com características diferentes do restante do País. De acordo com Jacques (1912, p. 32), a língua espanhola no Rio Grande do Sul não atuou somente na pronúncia, mas, também, diretamente na proliferação de um grande número de palavras. Os antigos Maragatos espanhóis introduziram as primeiras palavras platinas na região, de origem berbere ou moura, em meados do século XVII. Juntamente com a língua também vieram muitos usos e costumes, que se refletiram no tipo característico do gaúcho, como na indumentária.

A linguagem gaúcha sofreu em seu conteúdo, conforme apontado anteriormente, diversas influências que se materializam nesta análise lexical. Para Laytano (1981, p. 41), não se pode distinguir a respectiva contribuição à formação do linguajar gaúcho, mas se deve mencionar que alguns aspectos, como o econômico ou o social, contribuíram para a base inicial do linguajar.

Citando algumas influências conforme o autor, destacam-se:

- a) **açorianos:** vinda diretamente do caudal imigratório do século XVIII, contendo como principais características: troca do “o” em “u”: flur, amur = flor, amor; corrupção de “aõ” em “ã”: mã, nã;
- b) **espanholismo:** é uma consequência sociológica, não só de áreas comuns, fronteiras geográficas e o tipo idêntico de atividades econômicas, mas de relações humanas e históricas. Essa influência veio do rio da Prata. Incluía-se vocábulos terminados em “aço”: buenaço, guascaço, etc.; e os terminados em “ito”: gauchito, malito, etc.;
- c) **indigenismo:** pode-se classificar como proveniente de dois estoques tribais: guarani, para a parte histórica; quíchua, para a parte relativamente mais nova;
- d) **africanismo:** reflete-se em todos os prismas: geográficos, fauna, flora, religião, etc. As condições sociais dos escravos negros nos revelam essas forças.

Também pode-se perceber que, em algumas obras literárias publicadas no início do século XX e que representam eventos do século anterior, já havia uma preocupação referente ao vocabulário, principalmente em relação à Revolução Farroupilha, em que algumas narrativas apresentam-se em forma de “trovas”, como o *Cancioneiro guasca*, de João Simões Lopes Neto, publicado em 1928, o *Cancioneiro da Revolução de 1835*, de Apolinário Porto Alegre, publicado em 1935, *Os farrapos na poesia popular gaúcha*, de Fernando Callage, publicado em 1939, entre outras.

Parafraseando Laytano (1981, p. 31), as pesquisas do vocabulário gaúcho são produzidas nas mais variadas fontes escritas ou orais, entretanto, jamais foram sistematicamente reunidas ou examinadas em conjunto. Os precursores da literatura gaúcha são considerados indispensáveis para o estudo da linguagem, por conta da preocupação com temas regionalistas em suas obras. Por exemplo, a *lexia* considerada o prato típico do Rio Grande do Sul, o “churrasco”, procede do espanhol, que quer dizer o pão ou guizado que ficou tostado. Já o “matambre” vem de origem castelhano-platina, das palavras ‘mata’ e ‘hambre’ (mata-fome). A ‘picanha’ deriva-se do tupi-guarani. O “charque”, produto assim conhecido no Rio Grande do Sul, exceto em alguns outros lugares que possui a denominação diferente como “roupa-velha”. (PORTO ALEGRE, 2002, p. 129).

Nesse sentido, conclui-se que as escolhas lexicais de um autor implicam efeitos de sentidos na contextualização da narrativa, da mesma forma que contribuem para a

representação dos aspectos sociais e culturais da época. Observando essas escolhas em um estudo léxico-semântico, pode-se ter uma visão mais ampla dos significados, na medida em que se consegue situar as lexias em relação umas com as outras.

4.3 C7M E A CULTURA REGIONAL: INTERFACES LINGUÍSTICAS

O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético [...] abre-se a um tipo específico de decodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7).

Ao se analisar o léxico utilizado em uma obra literária de ficção, notam-se as características linguísticas, identitárias, sociais e culturais de uma determinada região representada. Essas características são construídas por meio de mecanismos simbólicos intrínsecos ao discurso literário, a partir de representações de mundo. A língua, como elemento de interação social e cultural, constitui parte importante dessa simbologia, manifestando-se de várias formas e em diferentes fontes.

Por isso, a análise do léxico considerado representativo, em *C7m*, pode demonstrar, de maneira mais detalhada, regionalidades e características identitárias, constituídas a partir das relações das personagens com o contexto regional.

Em *C7m*, a escritora procura, em um texto ficcional, apresentar o perfil dos personagens, a partir da expressão da cultura regional sul-rio-grandense e da linguagem utilizada nessa região. Caracteriza-se, assim, uma região já existente no plano simbólico, contendo seus topônimos e seus aspectos histórico-sociais e culturais, na configuração do quadro regional.

De acordo com Haesbaert (2010, p. 6, grifo do autor), para pensar em região é preciso pensar nos processos de regionalização, “[...] seja a partir de dinâmicas espaço-temporais efetivamente vividas e produzidas pelos grupos sociais – ou, em outras palavras, fundadas numa *regionalidade*”. Conforme o autor,

a regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, [...] – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas. (HAESBAERT, 2010, p. 8).

Existe um imaginário social, presente na narrativa de *C7m*, que tem a ver com a reprodução de um discurso literário e historiográfico sul-rio-grandense, em relação à Revolução Farroupilha. Nessa obra ficcional, o discurso procura aproximar o imaginário coletivo de uma “realidade”, em relação à região e ao contexto da guerra. Assim, a representação da história, em *C7m*, contribui para o fortalecimento de modelos de identidade e para a identificação do leitor com a cultura regional.

Do ponto de vista da identidade, os grupos sociais destacados, em *C7m*, podem ser classificados por meio de duas perspectivas: a primeira, em sinais culturais que revelam de fato a identidade do grupo, tais como: o vestuário, a língua, a residência e o estilo de vida em geral; a segunda, por meio da expressão de valores fundamentais, cujos padrões são julgados relevantes ou não para se alcançar determinada identidade, conforme definição de Barth (1998, p. 135). Outrossim, a observação do léxico, em *C7m*, possibilita a verificação de certa identidade e a identificação cultural e social dos personagens e, conseqüentemente, o conhecimento em relação às características particulares do grupo representado, em comparação a outros grupos e a outras obras literárias. A princípio, um autor, ao escrever uma narrativa, necessita conhecer o léxico que será utilizado na história, por experiência própria ou mediante pesquisas prévias. Wierzchowski, como se constata, procura retratar em seu romance situações cotidianas que ainda fazem parte dos costumes do Rio Grande do Sul, utilizando-se de um léxico específico que destaca as atividades, as relações pessoais e o comportamento social dos personagens. Conforme demonstra Stüben (2013, p. 40, grifo do autor), em um discurso literário “debate-se o que deve ser reconhecido como específico de uma região e ser *caráter*”, como delimitação em relação a outras regiões e suas identidades, e o que se deveria preservar e fortalecer no âmbito da sociedade e da vida cultural”.

O escritor dispõe, também, para compor sua obra, de escolhas lexicais que variam de acordo com o gênero textual, a história narrada e os elementos culturais previamente conhecidos. Para isso, ele precisa retomar linguisticamente o passado para estabelecer as devidas relações com o presente.

Segundo Teles (1976, p. 90), as escolhas lexicais do escritor são resultado de uma prática inconsciente, intencional e justificada, caracterizando um estilo particular e ultrapassando a simples função comunicativa. Portanto, o escritor extrai, de um conjunto lexical que está à sua disposição, as palavras que melhor podem expressar suas ideias, transmitir um significado ou, até mesmo, remeter a uma determinada época, a um meio

histórico-social e cultural.

É, também, através da língua, que o indivíduo se socializa e manifesta sua cultura, já que ela serve como um instrumento que caracteriza a realidade, além de estar relacionada com os modos de agir, pensar e dizer de diferentes grupos sociais. De acordo com Isquierdo (1997, p. 573), pode-se encontrar na língua elementos reveladores que identificam a forma como determinado grupo concebe a realidade. Assim, a língua como elemento socializador constitui-se em signos lexicais, e estes signos são representados por meio de uma análise léxico-semântica. Em relação à linguagem definida em um texto literário, ela contém uma ideia de mundo. Utilizando outras palavras, a língua determina o modo de percepção e de concepção da história narrada, contribuindo para a fixação de um imaginário coletivo, acerca das características culturais e para a constituição de uma “paisagem” regional.

No caso de *C7m*, que propõe a representação de eventos históricos do século XIX, essa linguagem identificada no contexto da obra segue um padrão não arcaico, ou seja, facilmente compreendida por um leitor contemporâneo. Segundo Arendt (2011, p. 253), “existem particularidades que apenas os escritores regionais são capazes de captar e expressar, e que muitas vezes se expressam por meio de dialetos muito restritos”, o que não é o caso de *C7m*, na medida em que a autora não utiliza uma linguagem restrita, com ditos, aforismos ou metáforas, mas, sim, um vocabulário com significados consagrados na linguagem regional e compreensível num contexto suprarregional. Verifica-se, dessa forma, que as lexias selecionadas revelam que a linguagem usada para representar o período histórico do século XIX, continua sendo utilizada, em certa medida, até os dias de hoje.

Salienta-se, portanto, que a elaboração da linguagem literária em *C7m* apresenta elementos que tendem a um padrão tradicional e contemporâneo da língua. A linguagem utilizada pelos personagens na narrativa é simples, não coloquial, diferente da utilizada por outros autores regionais, como Simões Lopes Neto, que em suas obras apresenta uma linguagem própria do homem do campo, de forma quase dialetal da região no século XIX e que estava em desuso a partir do século XX.

Um exemplo disso vem do personagem Blau Nunes, no conto “Trezentas onças”, dos *Contos gauchescos*. No seguinte trecho, o vaqueano que narra seus causos emprega esta linguagem: “- Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.” (LOPES NETO, 1998, p. 18).

Simões Lopes Neto e outros autores da fase “regionalista” recuperam um léxico que contém expressões e modismos da época, utilizando metáforas e uma linguagem simbólica sul-rio-grandense na tentativa de representar o gaúcho *típico* ou *pitoresco* dos pampas. Já Wierzchowski utiliza, em *C7m*, uma linguagem característica da região, mas de forma compreensível e facilmente identificável, até mesmo para um leitor de outras regiões do Brasil.

Sendo assim, um estudo léxico-semântico, como este aqui proposto, abarca o universo cultural de uma região, a partir de lexias separadas em campos léxico-semânticos. Essa metodologia permite verificar como os personagens e a linguagem utilizada, em uma determinada obra, estão incorporados ao contexto e aos aspectos socioculturais representados. Com base nessa concepção, também, observa-se, por meio do recorte dos campos lexicais, que a autora apresenta, em seu romance, palavras e expressões que estabelecem a relação entre o repertório linguístico sul-rio-grandense e a cultura regional retratada.

Perante a análise do estudo dos campos lexicais da obra *C7m*, pode-se identificar uma quantidade expressiva de lexias típicas de uma região do Rio Grande do Sul, as quais, em comparação à época representada, revelam que existe uma consonância entre a narrativa literária e o universo regional. Essa constatação vai ao encontro da aceção de Arendt (2012, p. 91), quando afirma que “as regiões são construídas de acordo tanto com as intenções dos seus autores/atores, quanto com os paradigmas que norteiam cada época histórica”.

Pode-se perceber, ainda, a partir da análise das lexias, que *C7m* não pode ser considerado um romance regionalista, do tipo que exalta a “pátria gaúcha” e enaltece os valores culturais regionais. Ao contrário, embora o tema central da narrativa seja os feitos da revolução, explorados ao máximo pelo Regionalismo gaúcho, o léxico identifica um espaço físico-geográfico e caracteriza aspectos representativos do Rio Grande do Sul, por meio de personagens femininas, que nada têm a ver com o “centauro dos pampas”.

No caso de *C7m*, a autora desenvolve uma temática que contempla um estilo de vida, um tipo social e uma linguagem regional dentro dos espaços de sentido, que refletem as regionalidades que compõem a identidade da região. Essa temática está fundamentada na descrição da Campanha, onde transcorre a Revolução Farroupilha e partir da qual se recupera a fundação mítica da cultura regional, em torno da figura do gaúcho heroico.

Pode-se dizer que a autora tenta construir os personagens por meio de suas tradições, seus modos de fazer e dizer, seus costumes e suas condições de vida. Assim, utiliza-se de

lexias e expressões que representam determinadas situações conhecidas do imaginário social regional. São essas lexias utilizadas que permitem ao leitor identificar a região representada e os significados das ações e reações dos personagens, no contexto histórico.

No entanto, se não pode ser considerada *regionalista*, a narrativa não deixa de ser uma literatura regional, na medida em que, como afirma Joachimsthaler (2009, p. 37), “literatura regional não precisa ser necessariamente uma literatura estético-real idilizadora do torrão natal, não precisa ser necessariamente uma literatura de vilarejo ou de província”. Além disso, ainda segundo Joachimsthaler (2009, p. 34), a literatura regional pode reproduzir uma determinada realidade regional, descrevendo a região de forma realista em algumas vezes e expressando uma identidade já existente.

A manifestação de uma obra da literatura regional, portanto, vai depender de como o autor descreve as características da região e do seu esforço narrativo para traduzir os aspectos da cultura regional. Desse processo decorre o que Joachimsthaler (2009, p. 56) chama de “literarização da região”, na medida em que certos temas e fenômenos regionais são reforçados pela representação literária.

Sobre a literarização da região, a narrativa de *C7m* parte de um espaço cultural definido e reconhecido como tal, preservando dessa forma os modelos de identidade e de linguagem. As escolhas lexicais da autora, por conseguinte, envolvem um princípio de percepção e ênfase de elementos representativos desse espaço cultural, estabelecendo relações com obras da mesma tradição literária e contribuindo para a literarização da região. Essas escolhas lexicais colaboram, ainda, de alguma maneira, para a identificação do leitor em relação aos modelos sociais da região, cuja unidade que comporta essa condição concentra-se nas palavras utilizadas, as mesmas que reproduzem o léxico característico do universo sul-rio-grandense.

A organização da análise de *C7m*, em dois espaços de sentido, macrocampos “Espaço público” e “Espaço privado”, permite verificar melhor a organização de cada campo lexical. Os espaços referem-se aos aspectos culturais e sociais e aos acontecimentos ficcionais que ocorrem dentro e fora da “casa”. Stüben (2013, p. 39), ao abordar a ideia de *espaços*, afirma que alguns “espaços de sentido se configuram através da atividade cultural e são providos de significado por meio de interpretação dos seus protagonistas”. Já Schmitz (2013, p. 199, grifo do autor) destaca que “os espaços devem ser **espaços de sentido** para todos e a orientação do espaço é introduzida em processos de identidade, pelo menos no contexto cultural”. Ainda

conforme Schmitz (2013, p. 200), por ser conhecida pelos moradores, a “casa” é definida como uma unidade social. A casa é o lugar onde se manifestam as representações dos indivíduos, isto é, “a estratificação do pobre e do rico, porém transferida para uma estratificação da natureza e da cultura”.

A “casa” em *C7m* não deixa, portanto, de ser uma região habitada, a condensação de uma região maior, já que nela encontram-se regionalidades tanto na parte interior quanto na parte exterior. Corroborando com essa ideia, Joachimsthaler diz que

é óbvio que uma região seja de fato elevada a espaço de sentido. Na verdade, somente geograficamente a forma de vida concreta pertence às condições iniludíveis de toda escrita e se reflete, neste ponto, intencionalmente ou involuntariamente em projetos literários, pois mesmo os espaços ficcionais fantásticos podem apenas ser construídos de variações de elementos conhecidos do mundo do autor. (2009, p. 35).

Seguindo essa linha de raciocínio, percebe-se que o espaço, seja ele *real* seja imaginado, na obra *C7m*, concentra as manifestações de regionalidades, porque está fortemente vinculado à história cultural do Rio Grande do Sul, na época da Província de São Pedro, e sobre o qual os personagens transitam por uma paisagem típica, formada por estâncias e campos – de lutas ou de cavalgadas.

Além do já exposto, é importante salientar que as condições sociais das mulheres protagonistas do romance são abordadas de forma diferente, se comparadas a obras literárias do século XIX. Sem perder de vista a análise lexical, nota-se que as mulheres de *C7m* são alçadas a um plano superior na escala de valores sociais, na medida em que são importantes no contexto da guerra, como já se apontou. Essa diferença aparece, por exemplo, na narrativa de Simões Lopes Neto. No conto “O negro Bonifácio”, nos *Contos gauchescos*, a mulher recebe uma definição diferente: “Ah! mulheres!... Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma coisa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...” (LOPES NETO, 1998, p. 36).

À guisa de conclusão deste capítulo, destaca-se que a sistematização do léxico em campos léxico-semânticos permite analisar alguns traços particulares de uma região cultural associada com o Rio Grande do Sul, mesmo que essa região se limite ao universo da Campanha e da fronteira. Por meio das escolhas lexicais da escritora, as quais revelam atividades, costumes e comportamentos regionais, a narrativa de *C7m* mostra-se diretamente conectada com as manifestações histórico-culturais que identificam o espaço sul-rio-grandense. Nesse sentido, o léxico analisado na ficção contribui de forma decisiva para a

manutenção da cultura regional e, num sentido inverso, o estudo da cultura por meio do léxico leva à interpretação da narrativa. Sobre isso, Stüben (2013, p. 42) destaca que “o aspecto regional, a concreta localização de cenários, contribui decisivamente para a compreensão de muitas obras”.

A obra de Wierschowski, portanto, sem revelar-se “regionalista” no tema, tem caráter de obra regional por embasar elementos que operam certas particularidades de uma determinada região e pelas escolhas lexicais, que apresentam consonância com a cultura do Rio Grande do Sul. Com isso, acredita-se ter alcançado um dos principais objetivos deste estudo, que foi demonstrar que um texto literário de ficção pode ser analisado por diferentes vieses, um deles do ponto de vista linguístico, a partir dos Estudos lexicais.

5 CONCLUSÕES

As regiões são compostas por elementos culturais preservados e repassados ao longo das gerações, dotados de significados simbólicos e identitários. O acervo lexical de uma língua, como parte integrante desses elementos, está em constante evolução, na medida em que se forma com o tempo, de acordo com os rumos históricos e sociais de uma determinada região.

Assim, o léxico, ao cumprir sua função de denominação e designação de mundo, torna-se um componente de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história. Ele assegura a dinâmica da linguagem, independentemente de tempo e lugar. Desse modo, o seu estudo em uma obra de ficção, cuja representação está voltada para aspectos histórico-regionais, revela regionalidades fundamentadas nas práticas de relações sociais dessa região. Essas regionalidades, por sua vez, manifestam-se a partir da visão de mundo do autor, uma vez que, conforme afirma Stüben (2013, p. 39), tudo que entra em sua obra “está baseado em suas percepções de ambiente, que é constituído pelas condições topográficas”.

Embora *C7m* não possa ser denominada regionalista, no sentido de exaltação da região, a narrativa contém muitos relatos de regionalidade, expressados não somente por meio da linguagem utilizada, mas, também, na representação de práticas culturais e de valores simbólicos.

As regionalidades estabelecidas e identificadas na obra, em um espaço definido, podem ser compreendidas a partir do contato da autora com a região cultural do Rio Grande do Sul. Sua experiência cultural permite que ela consiga “transferir”, para o seu texto ficcional, as determinantes linguísticas e histórico-culturais apreendidas dessa vivência. Como consequência, foi possível observar, no estudo léxico-semântico da obra, que os personagens transitam com naturalidade nesse espaço cultural sul-rio-grandense, identificados com as representações identitárias da região.

A narrativa de *C7m* enfatiza, de maneira peculiar, práticas sociais e históricas tanto no plano individual quanto no coletivo. Identificar esses traços de regionalidade, a partir do estudo do léxico, foi um dos objetivos deste estudo, que pode apreender, entre outros aspectos: a linguagem dos personagens; a multiplicidade de temas, como, por exemplo, a representação da figura feminina e o caráter revolucionário da guerra, tema principal da narrativa; as projeções sociais; o convívio familiar e o espaço onde se passa o romance.

Como a literatura regional implica a representação dos locais de memória, práticas sociais e modos de fazer, entre outros, construindo, dessa forma, referências identitárias, *C7m* faz parte dessa literatura. A narrativa de Wierzchowski caracteriza-se por ser uma obra regional na qual expõe elementos que operam certas particularidades de uma região cultural, e, também por isso, contribui com a construção da identidade e da cultura regional.

Com vistas à relação existente entre língua e cultura, este estudo foi desenvolvido a partir de uma investigação sobre a linguagem regional sul-rio-grandense, tomando como *corpus* o léxico destacado na obra *C7m*. Esse léxico, empregado para a representação de um evento histórico de destacada importância identitária, contribui em certa medida para o processo de literarização da região, já que opera com temas caros à tradição literária gaúcha.

Percebe-se que, em textos literários, as escolhas lexicais do autor sinalizam as influências da cultura regional. Os efeitos dessas escolhas, por sua vez, refletem nos sentidos da obra. Em meio a uma variedade de sentidos, que pode ser analisada em uma só palavra (lexia), desenha-se o contexto cultural regional representado. Por isso, torna-se fundamental analisar uma lexia dentro do contexto em que ela está inserida no romance.

Na parte inicial deste trabalho, buscou-se apresentar o contexto social, cultural, regional e histórico da narrativa, a fim de interpretar as relações entre as escolhas lexicais da escritora e o resultado literário da representação de eventos históricos do Rio Grande do Sul. Para sistematizar essas ideias, a pesquisa baseou-se em Estudos lexicais e na teoria dos campos lexicais, cuja análise foi realizada com base em Coseriu (1979).

A análise da obra mostra que a escritora, na representação de eventos do passado, mais precisamente do século XIX, opta pelo uso de um vocabulário não arcaico e mais contemporâneo. Para retratar uma região cultural, com larga tradição de representação literária, Wierzchowski escolhe uma linguagem de fácil compreensão e que não exige muito do leitor – diferentemente de outras narrativas sobre o Rio Grande do Sul, que utilizavam um linguajar pitoresco, como, por exemplo, obras de Barbosa Lessa, Darcy Azambuja, Simões Lopes Neto e Alcides Maya; algumas delas ainda comprometidas com os anseios regionalistas que pediam a exaltação do “centauro dos pampas” e do “monarca das coxilhas”.

Partindo do pressuposto de que a autora realizou pesquisas linguísticas, a análise do léxico regional na narrativa permitiu maior compreensão das características socioculturais que possam ter influenciado o processo de formação do léxico naquela época e que persistem até o momento. Também foi possível verificar como a autora se valeu dos elementos linguísticos

para compor sua obra e fazer valer seu propósito maior: o de demonstrar aspectos regionais, identitários e culturais na ficção.

O estudo permite concluir que o léxico da narrativa propõe um modelo de identidade cultural gaúcha, em suas dimensões históricas e sociais, com significados e representações diversos. A partir desse levantamento, pode-se reafirmar que o léxico leva ao conhecimento de práticas sociais, modos de vida, tradições, valores de uma época e de uma região. Além disso, pela observação das estruturas linguísticas, identifica-se o patrimônio cultural de um grupo social, o que evidencia a reconhecida relação entre léxico, língua e cultura.

Observa-se, também, entre as conceituações apresentadas na fundamentação teórica, que há aproximações entre as teorias sobre língua, cultura, história, região e regionalidade. Já no campo linguístico buscou-se embasamentos teóricos que subsidiassem a compreensão entre língua, cultura e sociedade. Fez-se, portanto, uma breve revisão sobre a língua e sua relação com o social, compreendendo de que forma os personagens se organizam e se relacionam, numa intersecção linguístico-cultural.

Em referência aos aspectos metodológicos, estes apresentam um conjunto de palavras selecionadas na obra, as quais representam um campo conceitual comum devido às relações semânticas que estabelecem entre si, ou seja, pelas relações de sentido existentes entre elas e, posteriormente, separadas e catalogadas em campos lexicais (macrocampos, campos e microcampos).

Por meio do referencial teórico, analisou-se um *corpus* constituído por 142 lexias. Verificou-se, dessa forma, como a autora trabalha com os fatores linguísticos, sociais, históricos e culturais na construção da narrativa. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, que teve por base estudos teóricos e Estudos lexicais, complementada por pesquisa quantitativa com subsídio em ferramentas computacionais. Para o levantamento do significado das lexias, foram consultadas obras lexicográficas, sendo alguns dicionários da língua portuguesa e outros dicionários que contêm o léxico gaúcho.

O inventário e a organização das lexias do *corpus* de *C7m* estabeleceram a disposição de um recorte significativo que abrange aspectos culturais importantes, no contexto da representação. Com base no que foi realizado, a partir da teoria da estruturação dos campos lexicais de Coseriu, procurou-se demonstrar que é possível fazer um estudo funcional do léxico de uma língua.

Para atingir os resultados, foi necessário identificar, catalogar, selecionar e interpretar

as lexias, a partir de uma coleta do maior número possível de palavras, a fim de enriquecer o *corpus* de análise e de se obter respostas satisfatórias. Separar as lexias em macrocampos, campos e respectivos microcampos permitiu detalhar os dados da pesquisa de forma mais ampla. Já a análise das lexias selecionadas serviu para comprovar que as mesmas não possuem sentido único e que podem ser passíveis de mudança de significado, dependendo do contexto em que estiverem inseridas ou de textos diferenciados.

Os campos lexicais aqui apresentados configuram-se como um sistema constituído de lexias organizadas, de modo a reproduzir os aspectos socioculturais dos personagens do romance. Assim, identifica-se o modo de vida, a história e a cultura desses personagens, na época representada, ao mesmo tempo em que se descortina a rede de relações de uma região cultural. Esses campos lexicais, para sistematização do léxico, refletem traços e marcas culturais e identitárias dos indivíduos.

Com base, também, na configuração dos campos, foi possível ordenar e relacionar cada lexia selecionada na obra. Essa configuração dependeu dos paradigmas semânticos de cada campo lexical e dos tipos de formas de oposições estabelecidas entre eles. Estudar esses elementos característicos na obra, por meio de aspectos lexicais, permitiu verificar a representação da realidade social, histórica e cultural da região sul-rio-grandense em suas particularidades.

Percebe-se, a partir da análise, que *C7m* apresenta significantes e significados, apresentando seus meios de expressão mediante um léxico representativo-cultural. Com isso, percebe-se que as lexias se relacionam e estabelecem entre si uma rede de significações. Além disso, foi possível analisar como os campos léxico-semânticos se interseccionam e como, a partir dessas relações, o léxico da narrativa revela processos culturais de um contexto regional.

Este estudo procurou evidenciar a importância das escolhas lexicais na representação de aspectos sociais e culturais em uma narrativa de ficção sobre a região sul-rio-grandense. Por meio da análise dos campos lexicais organizados, pôde-se constatar a relação existente entre fatores histórico-culturais e sociais que se estabelecem no fluxo da narrativa. Além disso, o estudo mostra que certas formas léxicas se mantêm conservadas até os dias atuais, devido a condições sociais e culturais e, de certa forma, à tradição literária.

Procurou-se conhecer e compreender o léxico de *C7m*, a partir do delineamento e conhecimento dos campos lexicais, o que implicou apontar relações entre a história da

narrativa ficcional e a cultura regional representada. Para isso, analisou-se o significado de cada lexia, compreendendo-as como unidades fixadas socialmente e utilizadas pelo grupo social da região.

Uma estruturação e organização referente aos campos lexicais selecionados em *C7m*, demonstram que a linguagem está diretamente relacionada com as manifestações histórico-culturais descritas pela autora na obra. Percebe-se, assim, que as lexias selecionadas identificam o caráter social, cultural e psicológico dos personagens representativos da região do Rio Grande do Sul e nos espaços de fronteira do estado. Analisar, assim, o léxico, na perspectiva de uma obra de ficção, significa compreender a maneira como as lexias empregadas pelo autor contribuem para a literarização de uma região.

Por fim, espera-se que este estudo possa abrir novas perspectivas de pesquisas nas áreas dos Estudos lexicais no que se refere a narrativas de ficção, independentemente da região cultural tratada.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *A comida baiana de Jorge Amado revelando o léxico africano*. 2012. Disponível em: <http://www.uneb.br/xique-xique/dcht/files/2012/08/A_comida_baiana-Celina_Abbade.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2015.
- _____. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: *Anais...* Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. 15, n. 5, t. 2. p. 1332-1343.
- _____. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.
- ALBERTI, Janaina Ramos. *Neologia lexical: um estudo da fala e vida de bilingües português-fala dialetal italiana (RCI-RS)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS. Disponível em: <http://tede.ucs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=38>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- ARENDDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, n. 17, p. 217-238, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pg/n17/a12n17.pdf>>. Acesso em 28 dez. 2014.
- _____. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *RUA*, Campinas, v. 2, n. 18, p. 88-98, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/18-2/6-18-2.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2014.
- AULETE, Francisco Julio de Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1999.
- AVILA, Arthur Lima de. Caudilhos e fronteiriços: a Revolução Farroupilha e seus vínculos Rio-platenses. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. *Releituras da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 2011. p. 181-208.
- BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 22, n. 36: p. 460-476, Jul/Dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocely. *Teorias de etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- BELTRAM, Claudine Possoli. *O léxico como representação cultural em traduções de As vinhas da ira*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/773/1/Dissertacao%20Claudine%20Possoli%20Beltram.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- BENEDUZI, Luis Fernando. A produção de narrativas emblemáticas sobre um Garibaldi “gauchizado”: uma viagem através da história e da literatura. In: CONSTANTINO, Núncia

Santoro; FAY, Claudia Musa (Orgs.). *Garibaldi, história e literatura: perspectivas internacionais*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011. p. 267-281.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 1995. v. 1

BERTUSSI, Lisana. *Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

BERUMEN, Humberto Félix. *La frontera en el centro*. Ensayos sobre literatura. Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005. p. 39-75.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998a.

_____. Dimensões da palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998b. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf>. Acesso em 10 jan. 2015.

_____. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Cienc. Cult.* v. 58, n. 2. São Paulo. Apr./June, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 fev. 2015.

_____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. Terminologia e Lexicografia. *TradTerm*, v. 7, 2001b, p. 153-181. Disponível em: <<http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v07n1/v07n1a10.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

BORBA, Franciso da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003.

BOSSLE, Batista. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

BRAULIO, Marisa. *Língua e cultura: um estudo de nomes de pratos oferecidos em um restaurante de Gramado (RS)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS. Disponível em: <http://tede.ucs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=54>. Acesso em: 13 nov. 2013.

BRUM, Ceres Karan. *Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul*. Santa Maria, RS: UFSM, 2006.

BUENO, Silveira. *Estilística brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1968.

CALLAGE, Roque. *Vocabulário gaúcho*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1928.

_____ et al. *Vocabulário sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Globo, 1964.

- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CESAR, Guilhermino. Raízes históricas do Rio Grande do Sul. In: RIO GRANDE DO SUL: terra e povo. Rio de Janeiro: Globo, 1964. p. 13-24.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 1991. v. 11, n. 5. p. 173-191.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- _____. *História e literatura*. 3. ed. ampl. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e identidade nacional. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil-Uruguaí-Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 43-60.
- _____. Regionalismo(s) e regionalidade(s): trajetória de uma pesquisadora brasileira no diálogo com pesquisadores europeus e convite a novas aventuras. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus, regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 13-35.
- COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1979.
- DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga rota dos tropeiros. *Anais... Celsul*, 2010. Disponível em: <<http://www.fuj.com.br/files/DekrPCvaFDGIH8v.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.
- _____. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: INEP, 1960.
- FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. *Como ler, entender e redigir um texto*. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. *Revolução dos farrapos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *RS: economia & conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENOUVRIER, Émile; PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1973.
- GLOBO. *A Revolução Farroupilha através da minissérie "A casa das sete mulheres"*. São

Paulo: Globo, 2003.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n. 3, p. 2-24, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/416/360>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOHLFELDT, Antonio. *Literatura e vida social*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Manifestações de valores mágico-religiosos num léxico regional. In: *Estudos Lingüísticos*. Anais do Seminário do GEL. Campinas – SP, 1997, p.575-580.

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1912.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n.2, p. 27-60, jul-dez 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/400/330>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

_____. Formação de espaço cultural-regional através de políticas linguísticas e literárias. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus, regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 75-107.

KELLER, Garine Andrea. *Conceptualização de "serra gaúcha" no discurso turístico publicitário*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/letras-cultura-e-regionalidade/dissertacoes/letras-tede/?id=538>>. Acesso em: 17 out. 2014.

KICH, Bruno Canísio. *Pequena enciclopédia gaúcha*. 2. ed. Porto Alegre: Corag, 2011.

KLEINUBING, Darlene Prado; PAVELACKI, Luiz Fernandes. *Real e fictício no livro A casa das sete mulheres*. Guaíba: Ulbra, 2005. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/letras/27.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. v. 4.

_____. Porque Lexicografia e Terminologia: relações textuais? *Anais...Celsul*, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/lexicografia_e_terminologia.pdf>. Acesso em 21 abr. 2015.

_____. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. In: *Termisul*. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/artigos/artigo_ABECAN_2005_KRIEGER.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2015.

_____; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LA HISTORIA con mapas. Biografia de Eugenio Coseriu (1921-2002). Disponível em: <<http://www.lahistoriaconmapas.com/historia/historia2/biografia-de-coseriu-eugenio-1921-2002/>>. Acesso em: 09 set. 2015.

LAYTANO, Dante de. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: EST, 1981.

LEENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: _____; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 41-50.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos & lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LOPEZ, Luiz Roberto. *Revolução Farroupilha: a revisão dos mitos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1992.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

_____. *Semântica*. vol. 1. Lisboa: Martins Fontes, 1980.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: BAQUERO, Marcello et al. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 1994.

MASINA, Léa. Alcides Maya, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteira. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MATORÉ, Geoges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

MORAES, Carlos Dante de. *Figuras e ciclos da história rio-grandense*. Rio de Janeiro: Globo, 1959.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

MOYSÉS, Sarita Maria Affonso. Literatura e história: imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 93-109.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Orgs.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

NUNES, Zenos Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. 12. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. Porto Alegre: AGE, 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.

PETRI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: USP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 17-40.

_____. Fronteiras e intertextualidade em *O continente*, de Erico Verissimo. In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PIMENTA, Ana Paula Corrêa. *A representação do léxico rural em Ermos e Gerais de Bernardo Élis*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Catalão, GO: UFG. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3699>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

PORTO ALEGRE, Apolinário. *Popularium sul-rio-grandense: estudo de filologia e folclore*. 2. ed. ampl. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Caxias do Sul: Educus, 2009.

_____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educus, 2003.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2007.

RODRIGUES, José Honório. *O continente do Rio Grande*. Rio de Janeiro: S. José, 1954.

SANTOS, Odair José Silva dos. *A música dos pampas em uma perspectiva lexical: milongando entre o espanhol e o português*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul: UCS. Disponível em:

<<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/867/1/Dissertacao%20Odair%20Jos%C3%A9%20Silva%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

SANTOS, Rafael José. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n.2, p. 2-26, jul-dez, 2009. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/399/328>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

SCHMITZ, Walter. Ordem pensada – ordem vivida: a região como espaço de sentido. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus, regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 197-273.

SILVA, Erly Rosa da. Terminologia como ciência fundamental à sociedade moderna. In: *Revista Ícone*, v. 8, jun. 2011, p. 113-122. Disponível em:

<<http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume8/primeirasletras/TerminologiaComoCienciaFundamentalASociedadeModerna.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

SILVA, Augusto Soares. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus, regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 37-73.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

_____. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

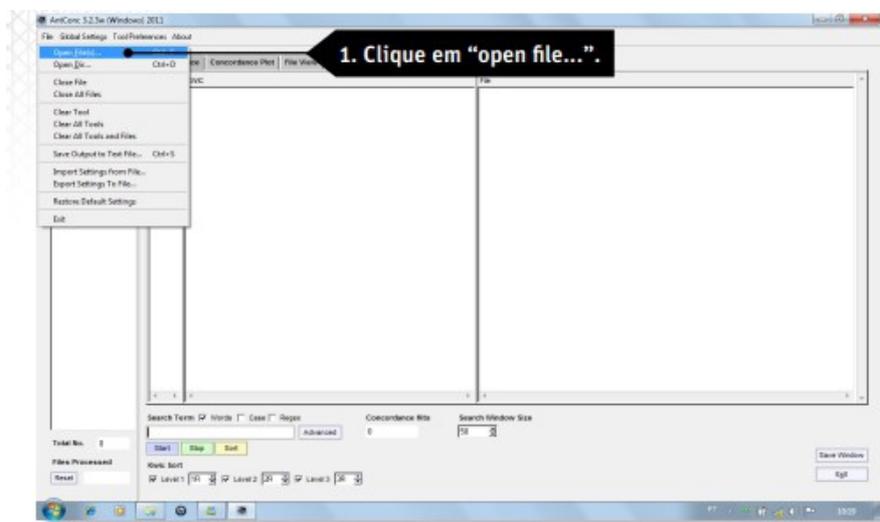
VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WIERZCHOWSKI, Leticia. *A casa das sete mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

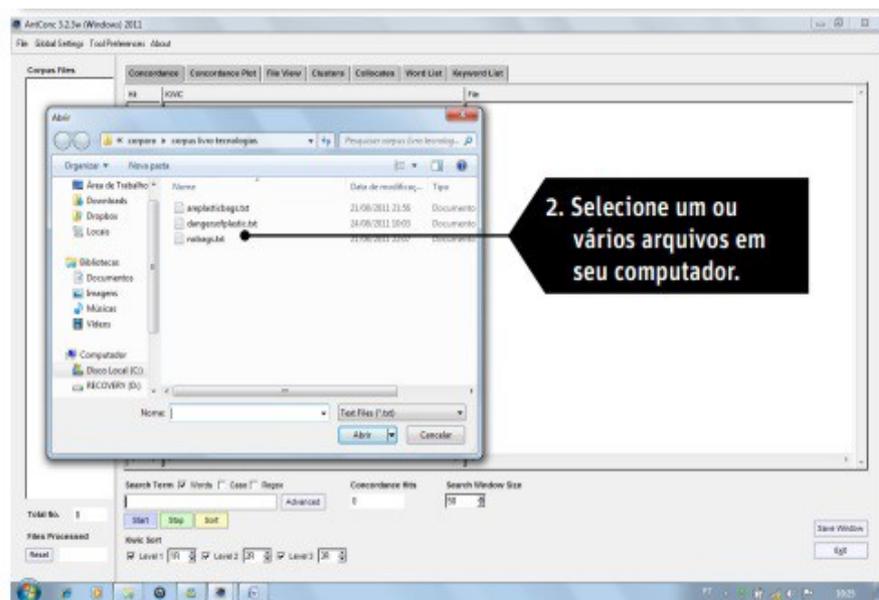
_____. *Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ANEXO A – PROGRAMA ANTCOINC 3.2.4²²

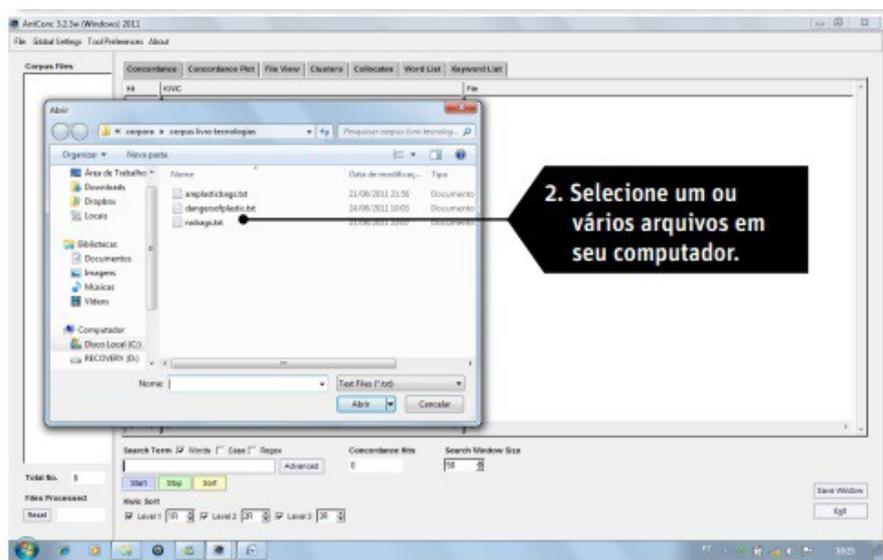


Para inserir o *corpus* que se deseja pesquisar nessa tela, basta clicar em *File* e depois em *Open Dir* (para abrir um *corpus* formado por mais de um arquivo) ou em *Open File* (para *corpus* de um único arquivo).

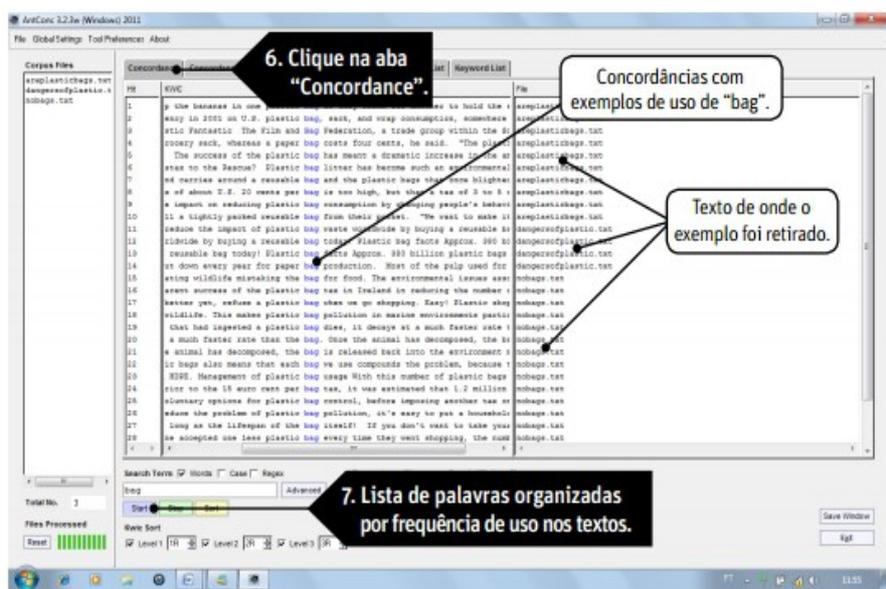
Após clicar em *Open Dir* ou *Open File*, a janela abaixo será aberta para que o *corpus* seja selecionado entre os arquivos existentes no computador, *pendrive* ou HD externo.



²² Disponível em: <www.macmillan.com.br/hotsite/tecnologias/library/download.php?>. Acesso em: 24 set. 2014.



Além de verificar quais são as palavras mais frequentes, é fundamental conferir como essas palavras são usadas no texto. Para isso, usamos as concordâncias, que são sentenças ou partes de sentenças que mostram a palavra que estamos analisando junto com aquelas que estão à sua volta. Desse modo, podemos analisar se as palavras formam um padrão.



8. Clique na aba "Clusters".

Rank	Freq	Cluster
1	0	a plastic bag
2	0	of plastic bag
3	2	a reusable bag
4	2	plastic bag pollution
5	2	plastic shopping bag
6	1	the plastic bag
7	1	a paper bag
8	1	old bag Pedestrian
9	1	bag and the
10	1	bag as bag
11	1	bag transportation by
12	1	bag control, before
13	1	bag source code
14	1	bag like, it
15	1	bag with mesh
16	1	bag energy rate
17	1	Bag Federation, a
18	1	Bag for food
19	1	Bag from India
20	1	Bag for women
21	1	bag as message
22	1	bag in the
23	1	Bag 110000 bag
24	2	bag pollution, it
25	1	bag pollution, it
26	1	bag has in
27	1	bag has, it

9. Digite a palavra a ser buscada e o número de palavras no agrupamento (colocações) que você quer (no exemplo, usamos 3) e clique em "Start".

Sentenças com "a plastic bag".

Rank	File
1	storage.txt
2	storage.txt
3	storage.txt

**ANEXO B – AMOSTRA DA *WORDLIST* DE *C7M* GERADA PELO *SOFTWARE*
*ANTCONC***

1	5019	de	56	318	casa	111	175	Um	166	116	tarde
2	4221	a	57	316	Mariana	112	172	fora	167	114	sabe
3	3786	e	58	305	está	113	171	num	168	112	então
4	3661	que	59	294	até	114	170	Ele	169	112	mão
5	3487	o	60	291	Rosário	115	170	nas	170	111	dentro
6	2118	um	61	280	foi	116	169	estância	171	110	Inácio
7	1654	se	62	278	ela	117	169	vez	172	110	lo
8	1576	da	63	278	quando	118	168	Ela	173	110	sol
9	1565	com	64	276	bem	119	168	tem	174	109	frente
10	1558	para	65	262	dia	120	165	Era	175	109	italiano
11	1478	do	66	261	pelo	121	165	todos	176	109	pelos
12	1335	os	67	256	sem	122	162	quarto	177	109	tropas
13	1137	uma	68	254	Garibaldi	123	160	ou	178	108	cama
14	1085	em	69	254	rosto	124	160	Vosmecê	179	108	meio
15	1049	não	70	250	mãe	125	158	ser	180	108	sorriu
16	974	no	71	247	lá	126	157	aquele	181	107	nós
17	950	as	72	244	tempo	127	157	nada	182	107	tanto
18	886	na	73	238	homem	128	156	ali	183	106	ter
19	838	D	74	238	meu	129	154	coisas	184	105	qualquer
20	829	por	75	238	noite	130	152	mui	185	105	varanda
21	754	mais	76	237	pela	131	150	Antônio	186	104	esse
22	715	seu	77	231	sempre	132	150	sob	187	104	irmã
23	701	como	78	230	isso	133	149	lado	188	103	Agora
24	699	A	79	225	eu	134	149	ver	189	103	Eu
25	675	Bento	80	225	homens	135	148	assim	190	102	essa
26	643	E	81	221	le	136	142	céu	191	101	cavalo
27	605	O	82	220	voz	137	141	depois	192	101	Grande
28	594	olhos	83	218	dias	138	138	peito	193	100	Manuel
29	579	sua	84	213	agora	139	137	aquela	194	100	tia
30	550	Manuela	85	213	sobre	140	137	dois	195	99	fosse
31	533	ao	86	212	Os	141	137	numa	196	99	logo
32	531	é	87	210	mesmo	142	137	outra	197	98	alma
33	502	Ana	88	209	Joaquim	143	135	bom	198	98	Steban
34	484	era	89	209	suas	144	135	quem	199	97	alguma
35	474	seus	90	203	vosmecê	145	134	anos	200	97	imperiais
36	462	tinha	91	201	Giuseppe	146	133	amor	201	97	mulheres
37	425	dos	92	200	pouco	147	133	quase	202	96	antes
38	419	Antônia	93	200	também	148	132	entre	203	96	chão
39	415	muito	94	200	vida	149	130	cabelos	204	96	dele
40	401	nos	95	197	minha	150	130	sala	205	96	medo
41	399	estava	96	194	carta	151	128	havia	206	96	outros
42	384	lhe	97	194	disse	152	128	longe	207	96	às
43	377	mas	98	192	onde	153	127	estavam	208	95	aos
44	369	Gonçalves	99	192	tão	154	127	la	209	95	daquele
45	369	à	100	191	filho	155	126	estar	210	95	Deus
46	361	das	101	191	Maria	156	126	É	211	95	perto
47	349	me	102	190	vai	157	125	mãos	212	94	silêncio
48	347	ele	103	189	As	158	125	nunca	213	94	sorriso
49	339	guerra	104	189	coisa	159	124	apenas	214	94	vezes

ANEXO C – GLOSSÁRIO

Com a elaboração do Glossário, objetiva-se catalogar as expressões e lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. A importância do glossário consiste na identificação dos termos considerados regionais e expressões que são comuns na obra e na região descrita.

As lexias estão organizadas em ordem alfabética e as definições aqui listadas foram extraídas dos dicionários consultados. Após cada definição, consta a sigla que corresponde o dicionário pesquisado.

Não foram incluídas as definições que se repetem em mais de um dicionário.

Siglas dos dicionários:

- f) **DGB** = *Dicionário gaúcho brasileiro* (BOSSLE, 2003);
- g) **DG** = *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (OLIVEIRA, 2010);
- h) **DH** = *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2003);
- i) **VSR** = *Vocabulário sul-rio-grandense* (CALLAGE et al; 1964);
- j) **DELP** = *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA; MELLO, 2007)

GLOSSÁRIO

A

Aboletar (v.): 1. Receber ou ganhar qualquer coisa. Instalar-se (VSR). 2. Instalar-se indevidamente (DGB). 3. Instalar-se; ocupar um lugar que não lhe pertence (DG). 4. Dar alojamento a ou alojar-se; instalar-se (DH).

Achegar (v.): 1. Aproximar, ajeitar, acolher-se, aconchegar-se (DH).

Adaga (s.f.): 1. Faca comprida e fina tipo punhal com dois gumes (DG). 2. Espada curta e larga, de um ou dois gumes (DH).

Aferventar (v.): 1. Acelerar, apressar, importunar (DGB). 2. Acelerar; importunar (DG). 3. Fazer ferver; ferventar (DH).

Aipim (s.m.): 1. Planta brasileira da família das Euforbiáceas, cuja raiz assada ou cozida é excelente alimento (VSR). 2. Mandioca-mansa, macaxeira (DGB). 3. Planta de cujos tubérculos se aproveitam as propriedades alimentares, extraíndo farinha, polvilho, bebidas ou servindo-os cozidos; mandioca, macaxeira (DH).

Alazão (s.m.): 1. Pêlo do cavalo arruivado (VSR). 2. Cavalo que tem a pelagem cor de canela, amarelo-tostada (DGB). 3. Diz-se do cavalo que tem o pêlo cor de canela, amarelo avermelhado (DG). 4. Que tem o pêlo cor de canela (DH).

Alma penada (s.f.): 1. Assombração (DGB). 2. Alma do purgatório, que segundo a crença popular, vagueia às vezes pela terra em penitência; alma perdida (DH).

Ambrosia (s.f.): 1. Doce de leite e ovos feito de calda de açúcar (DG). 2. Manjar dos deuses do Olimpo, que concedia ou mantinha a imortalidade. 3. Doce de ovos cozidos em leite com açúcar e baunilha (DH).

Amolar (v.): 1. Aborrecer, incomodar (VSR). 2. Incomodar, aborrecer, enfadar, molestar, importunar, cargosear (DGB). 3. Aborrecer, chatear, incomodar (DG). 4. Causar ou sofrer aborrecimento; aborrecer(-se), importunar(-se), maçar(-s) (DH).

Aparição (s.f.): 1. O mesmo que assombração (DG). 2. Ser sobrenatural que se faz visível; assombração, visagem (DH).

Apear (v.): 1. Descer, desmontar; apear-se do cavalo (VSR). 2. Descer do cavalo, desmontar (DGB). 3. Desmontar ou descer do cavalo (DG). 4. Descer de montaria ou veículo (DH).

Apessoado (s.m.): 1. Diz-se da pessoa de boa presença, vestida com elegância (VSR). 2. Diz-se da pessoa requintada, de boa aparência, de boa presença, de boa estatura, que tem galhardia (DGB). 3. Diz-se da pessoa vestida com elegância (DG). 4. Sinonímia de belo (DH).

Arrebanhar (v.): 1. Retirar o gado dos seus donos, sem necessário consentimento, e, às vezes com resistência, como acontece nas revoluções (VSR). 2. Apoderar-se de animais contra a vontade de seus donos; potrear. 3. Conduzir, guiar em rebanho (DGB). 4. Arrebatat; levar violentamente sem o consentimento do dono (DG). 5. Reunir um rebanho (DH).

Arreglar (v.): 1. Combinar, pôr em ordem qualquer assunto ou negócio, arrumar, entrar em acordo ou ajuste com outrem. 2. Pôr em ordem (VSR). 3. Ajustar, combinar, estabelecer, consertar (DGB). 4. Consertar, combinar, ajustar (DG). 5. Entrar em acordo ou ajuste mútuo (duas ou mais pessoas) (DH).

Arreios (s.m.): 1. Peças com que se arreia um cavalo para montar. Os arreios para o campeiro rio-grandense, servem-lhe também de cama quando em viagem, ou mesmo em casa, aos peões, que, em geral, não conhecem outro leito mais cômodo e duplamente útil (VSR). 2. Conjunto de peças com que se prepara um cavalo para montar. Às vezes usa-se o termo com relação à peça principal dos arreios: o lombilho. O gaúcho quase sempre usa este vocábulo no plural, ao passo que outras regiões usam arreio para indicar o mesmo conjunto de peças (DGB). 3. Conjunto de peças necessárias ao encilhamento do cavalo; o mesmo que arreamento (DG). 4. Conjunto de peças para preparar a cavalgadura para montaria ou para trabalho de carga (DH).

Arrelição (s.f.): 1. Desgosto provocado pela arrelia. Incômodo (VSR). 2. Incômodo, transtorno, amolação (DGB). 3. Amolação, incômodo (DG). 4. Aborrecimento (DH).

Arrematar (v.): 1. Dar o último toque (VSR). 2. Concluir, terminar, finalizar (DGB). 3. Terminar, finalizar (DG). 4. Dar ou alcançar finalização, acabar. 5. Completar com detalhes, retoques finais (DH).

Assado (s.m.): 1. Qualquer pedaço de carne preparado no borralho, nas brasas ou no espeto. É o alimento tradicional do gaúcho rio-grandense principalmente nas lides das estâncias, sendo também os mais preferidos o de matambre, o de costela e o saboroso assado com couro (VSR). 2. Pedaço de carne próprio para assar, mesmo antes de ser assada. 3. Pedaço de carne assado na grelha. Quando assado ao calor da brasa, em espeto, chama-se churrasco. 4. Churrasco, em alguns lugares (DGB). 5. Peça de carne própria para assar (DG). 6. Carne que assou (DH).

Assador (s.m.): 1. Espeto onde se enfia a carne para ser assada (VSR). 2. Pessoa que prepara e assa o churrasco (DGB). 3. Nome que se dá à pessoa encarregada de assar a carne (DG). 4. Que ou o que assa (DH).

B

Bailanta (s.f.): 1. Local onde se realizam bailes populares (DGB). 2. Lugar onde se realizam bailes populares (DG).

Baio (s.m.): 1. Pelo amarelado não só do cavalo como do gado bovino (VSR). 2. Diz-se do animal cujo pelo tem cor de ouro, desmaiado, amarelado, havendo matizes que variam desde o baio-branco até o baio-laranja (DGB). 3. Cavalo com o pelo amarelo cor de ouro (DG). 4. Cavalo de cor castanha (DH).

Bandear (v.): 1. Passar para outro lado ou para outra banda de um rio. 2. Atravessar, mudar de ideias (VSR). 3. Passar para o outro lado (DGB). 4. O mesmo que varar, atravessar (DG). 5. Juntar-se em bando 6. Mudar de opinião ou ligar-se a outro partido, grupo (DH).

Banhado (s.m.): 1. Terreno baixo com água, e coberto de ervas, as quais como que encobrem a água. 2. Pântano, brejo, terreno alagadiço e onde sempre existem atoleiros (VSR). 3. Charco coberto de vegetação; terreno alagadiço; pântano, brejo; tremedal (DGB). 4. Pântano coberto por vegetação, charco (DG). 5. Pântano raso coberto de vegetação, característico do Sul (DH).

Barbaridade (s.f.) 1. Na campanha esse vocábulo é empregado sempre como expressão de surpresa: que barbaridade! Cuepucha, barbaridade! Foi uma barbaridade naquele disparo, que era um gosto! 2. Exprime espanto, admiração, estupefação (VSR). 3. Barbarismo. Exprime espanto, admiração, estupefação, surpresa. 4. Muito, em grande quantidade, intensamente (DGB). 5. Muito usada para dar ênfase a alguma exclamação (DG). 6. Selvageria, crueldade, humanidade. 7. Absurdo, tolice. 8. Exclamação de espanto, admiração (DH).

Barranca (s.f.): 1. Região próxima às margens de um rio. 2. Margem escarpada de um rio, nos trechos em que seu leito está encaixado (DGB). 3. Margem de um curso de água (DH).

Barulheira (s.f.): 1. Barulho, desordem (DGB). 2. Barulho, ruído (DG). 3. Grande barulho, barulhada (DH).

Boiada (s.f.): 1. Porção de boi mansos, especialmente do serviço de carretas (VSR). 2. Tropa de bois. 3. Os bois mansos usados nas carretas (DGB). 4. Manada de bois mansos (DG). 5. Rebanho bovino (DH).

Boiguaçu (s.f.): 1. Cobra grande (DGB). 2. Sucuri; sucuri amarela (DH).

Boitató (s.m.): 1. Cobra de fogo (VSR). 2. É crença popular entre a gauchada das estâncias que nos passeios e nas viagens à noite aparece um fogo volante, em forma de cobra ou em forma de pássaro, voando na frente do cavaleiro, impedindo-lhe a marcha (DGB). 3. Gênio que protege os campos contra os incêndios (DG). 4. Mito indígena simbolizado por uma cobra de fogo ou por um touro que lança fogo pelas ventas (DH).

Boleadeira (s.f.): 1. Bolas, arma de apreensão (VSR). 2. Instrumento de origem indígena, empregado pelos campeiros para apreender animais, ou como arma de guerra. Os tiros alcançam uns 25m de distância. É constituída por três bolas (de ferro, pedra ou outro material) envolvidas num couro espesso (retovo) e ligadas entre si por cordas de couro traçadas ou torcidas, chamadas *sogas*. Duas das bolas são do mesmo tamanho, e a terceira, menor, chamada de *manicla*, *manicula*, *manica* ou *minga* é a que o boleador empurra para manejar o conjunto. Hoje em dia não são utilizadas, pois costumavam provocar fraturas e a inutilização do animal; bolas, pedras, três-marias (DGB). 3. Aparelho empregado pelos gaúchos para capturar animais, ou como arma de guerra, constituído por três bolas (de pedra ou marfim) envolvidas num couro espesso (retovo) e ligadas entre si por cordas de couro (DG). 4. Peça com três esferas revestidas de couro e unidas por três tiras de couro presas entre si, usada para laçar animais (DH).

Bolicho (s.m.): 1. Pequena taberna (VSR). 2. Pequeno estabelecimento comercial; bar, vendinha, bodega, taberninha. 3. Casa de jogo. 4. Certo jogo, que consiste em atirar uma bola de madeira ou de outro material (com pesos diferentes para a escolha do jogador) por uma pista estreita, visando derrubar um conjunto de balizas com o feitio de garrafas. Mais usado o termo boliche. 5. A bola usada nesse jogo (DGB). 6. O mesmo que bodega. Pequeno armazém de secos e molhados. Variação de boliche (DG).

Bomba (s.f.): 1. Canudo de prata, ou de outro qualquer metal, e que se introduz na cuia para se tomar o mate; tem na extremidade inferior uma espécie de ralo que impede a entrada de pó da erva, permitindo a passagem da água (VSR). 2. Canudo de metal para se tomar o mate. É feito de prata ou outro metal, tendo na extremidade, que vai introduzida na cuia com erva, um bojo cheio de furinhos, e na parte que fica fora da cuia, por onde se sorve o mate, esse canudo possui enfeites, às vezes de ouro e pedras preciosas. Juntamente com a erva e a cuia, faz parte dos avios de mate. Antigamente usava-se até bombas de bambu; bomba de chimarrão (DGB). 3. Canudo de metal ou de madeira para se tomar o mate, e em cuja extremidade inferior há uma espécie de ralo, destinado a evitar a passagem do pó da erva; bombilha (DG). 4. Canudo que se introduz numa cuia para tomar mate ou chimarrão (DH).

Bombacha (s.f.): 1. Calças muito largas, apertadas acima dos tornozelos por meio de botões; muito usada pelos campeiros (VSR). 2. Calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, possuem dois bolsos grandes na lateral e o cós é largo e sem alças. São bem mais largas na fronteira, estreitas entre os serranos e médias no planalto e nas missões. São usadas nas cores branca e clara para ocasiões festivas, sóbrias e escuras para viagens ou trabalho, e pretas só em caso de luto. São feitas de brim, algodão, tergal, linho e tecidos mesclados (DGB). 3. Calças muito largas em toda a perna, salvo no tornozelo, onde são presas por botões, típicas sobretudo, do vestuário regional gaúcho (DG). 4. Calças largas nas pernas e apertadas nos tornozelos (DH).

Boqueirão (s.m.): 1. O espaço entre dois matos, dois banhados, etc. (VSR) 2. Abertura larga para um campo, ao sair de uma estrada estreita, de um caminho apertado ou de um desfiladeiro. 2. Espaço entre dois matos, dois banhados; clareia (DGB). 3. Saída larga para um campo, após uma estrada estreita ou um desfiladeiro (DG). 4. Abertura de um rio ou canal. 5. Quebrada entre montanhas. 6. Trecho de rio entre montanhas; brechão, grotão (DH).

Bota (couro negro) (s.f.): 1. O calçado próprio para montar a cavalo (VSR). 2. Calçado de couro que envolve o pé e a perna, nas cores preta e marrom, raramente amarela e nunca branca (DGB). 3. Calçado de cano comprido e próprio para se montar (DG). 4. Calçado de cano alongado (DH).

Buenacho (adj.): 1. Muito bom, excelente, cavalheiro, generoso (VSR). 2. Muito bom, excelente. 3. Amável, afável, cavaleiro (DGB). 4. Bondoso, alegre, generoso; muito bom, excelente. Variação de buenaço (DG). 5. Que é muito bom; excelente (DH).

Bueno (adj.): 1. Perfeitamente, estar conforme, pois bem (VSR). 2. Bom, útil, bondoso, agradável. 3. Está bem, muito bem, perfeitamente (DGB). 4. Palavra muito usada na fronteira que significa bom (DG). 5. De boa índole; bom, bondoso (DH).

C

Campanha (s.f.): 1. Parte baixa do Rio Grande do Sul; a que fica ou estende-se entre a serra e o mar e onde floresce a indústria pastoril, abundando na mesma (principalmente nas fronteiras) as estâncias ou fazendas de criação (VSR). 2. Região de campo apropriada à criação de gado. 3. Interior. 4. Parte baixa do Rio Grande do Sul (DGB). 5. Região ondulada em coxilhas, coberta por pastagens, onde predominam a pecuária, as estâncias de gado. 6. Campo (por oposição a cidade). Região sul-riograndense que vai do mar à serra, própria para a indústria pastoril e onde estão as estâncias de criação de gado (DG). 7. Tipo de paisagem rural caracterizada pela ausência de sebes e cercas, pela divisão dos campos em extensões alongadas de terrenos cultivados e correspondendo, geralmente, a um núcleo de população (DH).

Campeiro (s.m.) 1. Homem adestrado no trabalho do campo, em relação ao tratamento dos gados. 2. Aquele que trabalha no campo com o gado (VSR). 3. Pessoa que vive e trabalha no campo, que entende de tudo o que se relaciona com a criação de gado, executando com habilidade todas as lidas campeiras; campesino (DGB). 4. Empregado a quem incube o trato do gado, e que vive habitualmente nos campos e na campanha (DG). 5. Relativo ao campo. 6. Que vive no campo. 7. Que trabalha no campo, vive com o gado e monta bem (DH).

Campo (s.m.): 1. Nome dado aos desacampados mais ou menos acidentados, formando extensas pastagens apropriadas à criação dos gados. A sua vegetação consiste em gramíneas rasteiras e outras plantas herbáceas

(VSR). 2. Terreno extenso e mais ou menos plano que tanto se pode destinar às pastagens do gado como ao cultivo agrícola (DGB). 3. Denominação dada às extensas pastagens apropriadas à criação de gado, existentes no Rio Grande do Sul; campina (DG). 4. Extensão de terra, arável ou arada: campo de trigo, de milho. Prado, planície (DH).

Candeeiro (s.m.): 1. Candieiro. 2. Aparelho destinado a produzir luz, queimando querosene ou óleo vegetal; lamparina (DGB). 3. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião (DG). 4. Lampião; aparelho ou utensílio que, por conter um líquido inflamável e um pavio, pode ser usado para iluminar (DH).

Canha (s.f.): 1. O mesmo que cachaça ou cana. 2. Aguardente de cana (VSR). 3. Aguardente de cana-de-açúcar; caña, cachaça (DGB). 4. O mesmo que cachaça, cana (DG). 5. Aguardente de cana; cachaça (DH).

Capão (s.m.): 1. Pequeno mato isolado no meio do campo (VSR). 2. Pequeno mato isolado no meio do campo (DGB). 3. Porção de mato isolado no meio do campo (DG). 4. Porção de mato isolado (DH).

Capim (s.m.): 1. Nome comum das diversas espécies de gramas e ervas rasteiras (VSR). 2. Designação comum a várias espécies de gramas e ervas rasteiras existentes nos campos de criação (DGB). 3. Designação comum a várias espécies da família das gramíneas e ciperáceas, quase todas usadas como forragem (DG). 4. Nome comum das diversas gramíneas (DH).

Capinar (v.): 1. Limpar o terreno ou as lavouras à enxada ou com a capinadeira, segurando as ervas e gramas que se deseja destruir (VSR). 2. Limpar o terreno ou a lavoura arrancando as ervas daninhas que crescem entre as plantas, com o uso de enxada ou da capinadeira (DGB). 3. Limpar uma plantação ou um terreno que vai ser plantado, cortando o capim ou qualquer mato que venha prejudicá-lo (DG). 4. Retirar de terreno, plantações, capim, erva daninha, etc. (DH).

Caranguejo (s.m.): 1. Dança antiga no Rio Grande do Sul, talvez de origem açoriana. Dançavam-se fazendo-se uma roda e os pares batiam palmas e depois com o pé direito, colocando-se os cavalheiros em frente às suas damas (VSR). 2. Dança antiga no Rio Grande do Sul. Cantam versos, quadrilhas, variados, tendo ou não relação com o assunto (DGB). 3. Modalidade de fandango (DG). 4. Somente crustáceo (DH).

Carnear (v.): 1. Matar, esfolar e esquarterar um boi (VSR). 2. Abater, esfolar e esquarterar a rês para utilizar sua carne, no consumo imediato ou no preparo do charque (DGB). 3. Abater o gado e preparar as carnes para secar, charquear. 4. Esfolar, matar, esquarterar bois (DG). 5. Abater e esquarterar o gado (DH).

Carreta (s.f.): 1. Veículo de tração a boi, constituído de duas rodas, com ou sem tolda. Nos demais Estados é conhecida como carro de bois (VSR). 2. Veículo grande, pesado e tosco, de duas rodas, com ou sem tolda, puxado por juntas de bois; carro de bois (DGB). 3. Veículo rústico, todo feito de madeira, de duas rodas, puxado por uma, duas ou mais juntas de boi, podendo ter uma cobertura de palha ou de madeira, abaulada ou em forma de telhado, para abrigar a carga e os passageiros (DG). 4. Pequeno carro de duas rodas (DH).

Carreteiro de charque (s.m.): 1. Prato campeiro, constituído de arroz com charque picado (DGB). 2. Arroz-de-carreteiro, prato feito de arroz cozido ao qual se junta um refogado preparado com charque ou carne de sol picada ou desfiada, eventualmente paio e lingüça em pedaços, e tempero (DH).

Carroça (s.f.): 1. Carro geralmente de madeira puxado por animais (DH).

Castelhanos (s.m.): 1. Oriental, o filho da República Oriental e também da Argentina (VSR). 2. O natural ou habitante da Argentina ou Uruguai (DGB). 3. O natural ou habitante do Uruguai e da Argentina. Relativo ou pertencente ao Uruguai e Argentina (DG). 4. O idioma espanhol (DH).

Caudilhos (s.m.): 1. Chefe (e patrão de estância) que exerce muita influência e domínio sobre um bando armado, ou partido que defende uma ideia (DGB). 2. Chefe de um partido ou de uma facção (DG). 3. Político com força militar própria (DH).

Cavalariano (s.m.): 1. Soldado de cavalaria (VSR).

Cavalhada (s.f.): 1. Porção de cavalos (VSR). 2. Um grande número de cavalos reunidos (DG). 3. Grande quantidade de cavalos; cavalaria, manada (DH).

Centauro (s.m.): 1. Nome dado, no Rio Grande do Sul, ao revolucionário que peleava a cavalo. 2. Cavaleiro de grande habilidade (DGB). 3. Nome dado aos gaúchos que, nas guerras e nas revoluções, peleavam a cavalo (DG). 4. Ser mitológico, metade homem, metade cavalo (DH).

Cerração (s.f.): 1. Forte nevoeiro (DG). 2. Escuridão causada por nevoeiro ou acumulação de nuvens (DH).

Chamusquear (v.): 1. Ligeiramente queimar (DG).

Chão (s.m.): 1. Querência, os pagos, natureza do solo (VSR). 2. Lugar a que se está acostumado; querência ou onde se nasceu; pagos (DGB). 3. Lugar onde se nasceu ou reside; querência (DG). 4. Pequena propriedade de terra (DH).

Chapéu (barbicacho) (s.m.): 1. Cobertura, geralmente de feltro, com copa e abas, para a cabeça de homem, de uso na campanha. Originalmente, o chapéu era de abas curtas, copa alta e barbicacho. O mais usado atualmente é o chapéu de copa baixa e abas largas, conservando o barbicacho (DGB). 2. Peça do vestuário para a cabeça (DH).

Charque (s.m.): 1. Carne de gado vacum, salgada e que constitui uma das principais indústrias e riquezas do Rio Grande do Sul. Charque-de-vento é o que se prepara nas estâncias para o consumo e consta de pedaços delgados, com pouco sal e secados à sombra e na ação dos ventos (VSR). 2. Carne de gado bovino, aberta em mantas, salgada e seca. O mesmo que carne-de-sol, carne-do-ceará, carne-do-sertão, carne-velha, jabá, sambamba, sumaca, carne-seca, carne-do-sul, etc. (DGB). 3. Carne de vaca, salgada e em mantas e que se coloca ao sol para secar. O mesmo que carne seca (DG). 4. Carne bovina cortada em mantas, salgada e seca geralmente ao sol (DH).

Charqueada (s.f.): 1. Grande estabelecimento em que se carneia e se prepara o charque salgado (VSR). 2. Grande estabelecimento em que se carneia o gado para a fabricação do charque; saladeiro (DGB). 3. Estabelecimento onde se charqueia a carne; o mesmo que saladeiro (DG). 4. Lugar ou estabelecimento onde se charqueia a carne (DH).

Charqueador (s.m.): 1. Dono ou proprietário de uma charqueada ou o que charqueia ou corta a carne em mantas para ser salgada (VSR). 2. Proprietário de charqueada; saladeirista. 2. Pessoa que prepara o charque. 3. Fabricante de charque (DGB). 3. Proprietário de charqueada. 2. Fabricante de charque. 3. Aquele que prepara o charque (DG). 4. Que ou aquele que fabrica charque para o consumo local ou para o comércio. 2. Preparador de carne para o charque (DH).

Charruas (s.m.): 1. Um das tribos indígenas que habitavam o Rio Grande do Sul. Eram índios nômades, bravos e altivos. Dominavam o extremo sul do Estado (VSR). 2. Tribo indígena nômade, que habitavam o sul do Rio Grande do Sul na época do seu povoamento. Era hostil; de índios guerreiros, bravos e altivos, que nunca se submeteram aos conquistadores. 2. Indígena de cor escura, quase negro, pertencente a essa tribo (DGB). 3. Indivíduo dos Charruas, uma das três grandes tribos indígenas que habitavam parte do território do Rio Grande do Sul. Eram bravos guerreiros e nunca se submeteram à civilização e muito menos aos conquistadores (DG). 4. Grande arado de ferro (DH).

Chimarrita (s.f.): 1. Nome de uma dança, canção e música popular que se executa à viola ou violão. Acreditamos que a verdadeira palavra era composta de china (cabocla) e Rita, que por corrupção, se transformou em chamarrita ou chinarrita, e não chamarrita (VSR). 2. Dança popular antiga de fandango que veio com os colonos açorianos. É dança de pares de fileiras opostas. As fileiras se cruzam, se afastam em direções opostas e tronam-se a se aproximar, lembrando a evolução de danças portuguesas. 2. A cantiga acompanhada de viola ou violão que acompanha essa dança (DGB). 3. Modalidade do fandango, de origem açoriana, dançada aos pares, em duas fileiras, que se cruzam e se afastam e tornam a aproximar-se. 2. A cantiga que acompanha essa dança.

Variação de chamarrita (DG). 4. Variedade de fandango brasileiro trazido pelos colonos açorianos, em que os pares, em fileiras opostas, evoluem ao som da música e canto, aproximando-se e afastando-se; limpa-banco (DH).

Chimarrão (s.m.): 1. Mate-chimarrão ou simplesmente chimarrão é o que se prepara sem açúcar. A essa bebida assim preparada dá-se também o nome de mate-amargo, verde ou amargo (VSR). 2. Mate sevado sem açúcar, em seu sabor natural. É preparado em cuia de porongo e servido através de um tubo metálico, chamado bomba. O chimarrão, símbolo de hospitalidade, é a bebida indispensável do gaúcho, em qualquer ocasião. O mesmo que chima, mate, mate-amargo, mate-chimarrão, amargo, verde, etc. (DGB). 3. Diz-se do mate sevado, sem açúcar (DG). 4. Bebida típica da América Latina, muito popular no Rio Grande do Sul. Trata-se de um mate amargo, servido quente dentro de uma cuia chamada porongo, e bebido através de uma bomba (DH).

Chinas (s.f.): 1. Descendente ou mulher de índio; cabocla. 2. Mulher morena de aspecto semelhante ao das chinas. 3. Mulher de vida fácil (VSR). 4. A mulher campeira. 5. Mulher que apresenta certos caracteres étnicos das mulheres indígenas; mulher indígena. 6. Mulher de cor morena carregada; cabocla. 7. Esposa ou a companheira. 8. Em alguns lugares, ainda se usa mulher de vida fácil; prostituta (DGB). 9. Diz-se de ou mulher indígena, ou descendente de índio. 10. Diz-se de ou mulher cabocla, ou de pele muito morena. 11. Diz-se de ou mulher; ou moça do campo. 12. Comcubina, meretriz (DG). 13. Indígena ou descendente de índio (DH).

Chiripá (s.m.): 1. Vestimenta usada pelos peões de estância ou camponeses, que consta de uma peça quadrilonga de fazenda (VSR). 2. Peça do vestuário masculino, rústica e sem costura, outrora usada pelos gaúchos do campo. Constava de um metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura, nas extremidades, por uma cinta de couro ou pelo tirador. O chiripá servia de calças ou bombachas. Com o aparecimento da bombacha, o chiripá deixou rapidamente de ser usado. Hoje é usado apenas nos CTGs, por conjuntos folclóricos, constituindo-se numa peça de luxo, com bordados e franjas. Antes desse, existia um chiripá primitivo ou indígena, uma espécie da saia, que se estendia da cintura até os joelhos. O gaúcho usou muito esse tipo de chiripá por costume que lhe foi passado pelos índios minuanos. Também se escreve xiripá (DGB). 3. Vestimenta sem costura, outrora usada pelos gaúchos habitantes do campo, e que consistia num metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura por uma cinta de couro ou pelo tirador (DG). 4. Peça do vestuário usada no passado pelos homens do campo, sul-rio-grandenses, argentinos, uruguaios e paraguaios, que constituía num retângulo de pano, geralmente de lã vermelha, passado entre as coxas e preso à cintura (DH).

Chupar (v.): 1. Beber, embriagar-se (VSR). 2. Embriagar-se (DG). 3. Sugar (DH).

Churrasco (s.m.): 1. Peça de carne sangrenta e mal passada sobre as brasas ou labaredas e que constitui o mais poderoso alimento dos camponeses rio-grandenses (VSR). 2. Carne assada sobre brasas, com uso de espetos. É o alimento preferido dos gaúchos. A carne principal para o churrasco é a do bovino, embora muitos assem também a carne de ovelha, de cabrito, de porco, o galetto etc. Usa-se somente o sal grosso e como acompanhamento, o pão e a farinha de mandioca. 3. O pedaço de carne a ser assado (DGB). 4. Carne sangrenta assada no espeto. O mais tradicional alimento dos gaúchos (DG). 5. Carne assada na grelha ou no espeto (DH).

Cigarro de palha (s.m.): 1. Cigarro de fumo crioulo enrolado em palha de milho, palheiro (DGB). 2. Cigarro feito com palha de milho (DG). 3. Porção pequena de tabaco que, picado e enrolado em papel fino ou em palha de milho, é utilizado para fumar: cigarro de papel (DH).

Companheira (s.f.): 1. Mulher amancebada que mora com o homem como casada (VSR). 2. Mulher, em relação ao homem com quem convive (DH).

Continente (s.m.): 1. Denominação que era dada ao Rio Grande do Sul, desde os tempos coloniais até a Revolução Farroupilha de 1835, pelos açorianos, os primeiros povoadores do território (VSR). 2. Nome popular dado ao Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais até a revolução de 1835 (DGB). 3. Antiga denominação do Estado do Rio Grande do Sul, que também já foi chamado de “Continente de S. Pedro, Continente de Viamão, Continente Del Rei, Continente de São Pedro do Sul (DG). 4. Geografia. Vasta extensão de terra cercada pelas águas oceânicas, e que constitui cada uma das cinco divisões tradicionais da Terra (a que modernamente se junta mais uma: o Continente Austral, ou Antártida, no Pólo Sul) (DH).

Continentinos (s.m.): 1. Nome que se dava aos naturais do Rio Grande do Sul. 2. Relativo ao Rio Grande do Sul (DGB). 3. Designação antiga do rio-grandense-do-sul. 4. Revolucionário republicano de 1835; farrapo (DG). 5. Relativo ao Rio Grande do Sul, ou seu natural ou habitante. 6. Insurreto da revolução de 1835 no Rio Grande do Sul; farroupilha, farrapo (DH).

Corcovear (v.): 1. Dar pinotes, o cavalo, de um modo característico (VSR). 2. Dar corcovos, isto é, saltar o cavalo, curvando o lombo para lançar fora o cavaleiro; pinotear (DGB). 3. Dar, o cavalo, saltos ou corcovos, arqueando o lombo e tentando se livrar do cavaleiro que o monta (DG). 4. Arquear o corpo; curvar-se (DH).

Coxilha (s.f.): 1. Extensa e prolongada lomba ou lombada, cuja vegetação consiste em ervas de pastagem, e onde se desenvolve a indústria pastoril (VSR). 2. Campina ondulada coberta de pastagens, que formam a maior parte do território gaúcho e onde se desenvolve a pecuária (DGB). 3. Campina com pequenas e contínuas elevações, arredondadas, típica da planície sul-rio-grandense, em geral coberta de pastagem, e onde se desenvolve a pecuária (DG). 4. Campo irregular, com contínuas e pequenas elevações, utilizado para atividade pastoril. (Paisagem típica dos pampas) (DH).

Cuia (s.f.): 1. Porongo onde se prepara o mate para ser tomado com a bomba (VSR). 2. Recipiente onde se toma chimarrão, sorvendo-o por meio de um canudo de metal chamado bomba. A cuia de chimarrão geralmente é feita de porongo, utilizando sempre a parte menor (a flor do porongo) e muitas vezes adornada de prata, artisticamente lavrada; cabeça; porongo (DGB). 3. A cabeça quase sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e se bebe o mate por meio de uma bomba (DG). 4. Vasilha feita da cabaça, usada em vários misteres, e utilizada no Rio Grande do Sul, ricamente adornada, para preparar e beber o chimarrão (DH).

Cusco (s.m.): 1. Cão de raça pequena, cão fraldeiro (VSR). 2. Cão pequeno de raça comum, guaipeca, guapé, guaipeva (DGB). 3. Cão pequeno de raça ordinária (DG). 4. Cão pequeno e sem raça (DH).

D

Derrear (v.): 1. Perder o ânimo; desanimar; esmorecer (DGB). 2. Perder o ânimo, esmorecer (DG). 3. Tomar posição inclinada, dobrada, curvar-se (DH).

Domar (v.): 1. Ato de amansar e encilhar o potro bravio que ainda não recebeu freio (VSR). 2. Amansar potros xucros. 2. Vencer, fazer ceder; dar um jeito (DGB). 3. Encilhar o potro xucro (DG). 4. Fazer obedecer o animal selvagem; domesticar (DH).

E

Encilhar (v.): 1. Arreiar o cavalo; colocar e apertar os arreios ou sela do cavalo. 2. Colocar os arreios no animal (DGB). 3. Colocar os arreios na cavalgadura (DG). 4. Pôr cilha ou arreio no cavalo (DH).

Entrevero (s.m.): 1. Mistura, desordem, confusão de pessoas, animais ou objetos (VSR). 2. Peleja pela qual os beligerantes, desobedecendo a ação de comando, se empenham em luta corpo a corpo (DGB). 3. Ação ou efeito de entreverar. Choque de dois corpos de cavalaria. Variação de entreveiro (DG). 4. Desordem entre pessoas, animais e objetos. Discordância violenta, desentendimento (DH).

Enveredar (v.): 1. Tomar uma vereda ou dirigir-se direta e precipitadamente para um rumo (VSR). 2. Dirigir-se com destino exclusivo a certo e determinado lugar; tomar uma determinada direção; seguir direta e precipitadamente para um rumo. 3. Encaminhar, guiar alguém (DGB). 4. Seguir um destino exclusivo a certo e determinado lugar (DG). 5. Tomar um caminho, dirigir-se (DH).

Erva-mate (s.f.): 1. Somente “Erva” que significa erva-mate (VSR). 2. Árvore da família das aquifoliáceas, de cujas folhas se faz o chimarrão. É encontrada em grande quantidade nas zonas temperadas quentes, principalmente na região centro-sul da América do Sul (Brasil, Argentina e Paraguai). A árvore que é consagrada símbolo do Rio Grande do Sul pode atingir até dez metros de altura e tem o caule da cor acinzentada, com vinte a quarenta centímetros de diâmetro. As folhas, que constituem a parte mais importante da planta, são alternadas,

oblongas e denticuladas. No Brasil, existem mais de sessenta espécies da planta e seu aproveitamento industrial é feito em sua maior parte pelos estados do sul. No Rio Grande do Sul, comemora-se, anualmente, na segunda semana do mês de setembro a “Semana Estadual da Erva-Mate” (DGB). 3. Planta da família das aquifoliáceas, também conhecida como mate, de cujas folhas se prepara o chimarrão ou o mate doce (DG). 4. Mate (*Ilex paraguariensis*) (DH).

Escaramuça (s.f.): 1. O mesmo que mudança de marcha a que obriga o cavaleiro ao animal. 2. Evolução ou exercício de equitação feito por um grupo de cavaleiros (VSR). 3. Movimento repentino de rédea, que obriga o cavalo a efetuar diversas evoluções, como arrancar, voltar para trás, volver para os lados, parar e partir repentinamente, etc.; serve para verificar as reais condições do animal; se é ágil, forte, se foi bem domado, etc. 4. Movimentos rápidos a cavalo, com constantes mudanças de direção, na frente do inimigo, para provocá-lo ou desnor-teá-lo; gauchada (DGB). 5. Movimento súbito de rédea que obriga o cavalo a mudar de marcha. 6. Combate simulado em jogos. 7. Gestos de quem se dispõe a praticar um ato; menção; tentativa (DG). 8. Luta de pequenas proporções. 9. Qualquer briga, combate ou conflito (DH).

Escravos (s.m.): 1. Quem é privado da liberdade e pertence a um dono. 2. Quem está submisso a algo ou alguém (DH).

Esporas (s.f.): 1. Picar o cavalo com as esporas (VSR). 2. Instrumento de metal que se coloca na parte posterior do cavalo próprio para andar a cavalo (botas) e serve para incitar o animal que se monta (DGB). 3. Instrumento de metal em forma de U que se põe na parte traseira do calçado, que tem uma roseta dentada e é usada para instigar o animal que se monta (DG). 4. Peça de metal com pontas que se prende ao calcanhar do calçado, usada para incitar o cavalo (DH).

Estância (s.f.): 1. Fazenda destinada à criação de gado vacum e cavalari; certa extensão de campo, onde há a casa, a residência do proprietário, currais, mangueiras, animais (VSR). 2. Propriedade rural que se dedica especialmente à criação de gado, constituída de grande extensão de campo dividido, por cercas, em diversas invernadas e contendo casa de residência do proprietário, casas de peões, galpões, mangueiras, currais, lavouras e outras benfeitorias; estabelecimento pastoril; fazenda de criação de gado; fazenda (DGB). 3. Fazenda destinada a criação de gado vacum ou cavalari; grande extensão de terra onde há a casa do proprietário, rodeada de galpões, currais, mangueiras, animais etc. (DG). 4. Fazenda para criação de gados (DH).

Estancieiro (s.m.): 1. Proprietário de uma estância ou fazenda de criação, fazendeiro (VSR). 2. Proprietário de estância; fazendeiro dedicado à criação de gado. O estancieiro, no passado, como chefe militar, e tendo seus peões como soldados, formava um exército eficiente e de grande mobilidade para as guerras nos pampas (DGB). 3. Proprietário de estância. Fazendeiro (DG). 4. Proprietário de fazendas (DH).

Estropiado (s.m.): 1. Diz-se do animal exausto em consequência de viagem (VSR). 2. Diz-se do animal que, em consequência de longa marcha ou trabalho exaustivo, fica com os cascos abalados, caminhando com dificuldade. 3. Muito cansado, estafado, exausto; machucado (DGB). 4. Que se estropiou; aleijado, mutilado. 5. Diz-se do cavalo muito cansado por haver sido submetido a trabalhos pesadíssimos ou a longa viagem (DG). 6. Que sofreu amputação; mutilado. 7. Inabilitado ou afastado por invalidez (DH).

F

Fandango (s.m.): 1. Baile campestre, ou antes usado da gente do campo, em que há arrastado de viola, e também toque rasgado: ao som da viola se cantam várias cantilenas alternadas com danças sapateadas (VSR). 2. Qualquer tipo de festa, baile ou divertimento; farra (DGB). 3. Baile popular, especialmente rural, ao som da viola ou da sanfona, e no qual se executam várias danças de rodas e sapateadas, alternadas com estrofes cantadas, durante as quais a dança pára (DG). 4. Música, sapateado e canto da Espanha e também do sul do Brasil (DH).

Farrapos (s.m.): 1. Adjetivo qualitativo deprimente que os imperialistas davam aos revolucionários rio-grandenses de 1835-1845. O apelido que depois se perpetuou através das coxilhas gaúchas, entre as numerosas lutas que se deflagraram no pampa, tornou-se uma verdadeira lenda de glória e de heroísmo (VSR). 2. Alcinha deprimente dada pelos imperiais aos revolucionários liberais gaúchos 1835-45. Essa denominação depreciativa, alusiva à miséria e má aparência (falta de fardamento) em que se encontravam os farrapos, tornou-se, em vista da

bravura demonstrada, em movimento de glória e heroísmo; farroupilha, continentista (DGB). 3. Alcunha deprimente (que veio, com o tempo, a tornar-se honrosa) dada pelos legalistas aos insurretos da revolução que irrompeu no Rio Grande do Sul em 1835 (DG). 4. Nome que os governistas davam aos rebeldes republicanos do Rio Grande do Sul durante a Guerra dos Farrapos 1835-1845 (DH).

Farroupilhas (s.m.): 1. O mesmo que farrapo; o que pertence à República de Piratini ou Rio-Grandense, de 1835 (VSR). 2. Diminutivo de farrapo. 3. O revolucionário gaúcho da Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos de 1835-45. 4. O que pertenceu à República de Piratini ou Rio-Grandense. 5. Os nativistas que, antes da revolução de 1835-45, já se batiam pela brasilidade na administração da então província (DGB). 6. Diminutivo de farrapo; pertencentes ao partido dos nativistas, que se batiam contra os imperialistas, muito antes do movimento revolucionário republicano que foi deflagrado em 1835, para a implantação da República de Piratini (DG). 7. Indivíduo maltrapilho, roto. 8. Rebelde da Guerra dos Farrapos (DH).

Figueira (s.f.): 1. Árvore gigante que dá pequenos frutos comestíveis, há várias espécies, e se presta para a sombra (VSR). 2. Árvore colossal, abundante no Rio Grande do Sul, de tronco não muito elevado mas dotada de grande copa esparramada, cobrindo vasta área e fornecendo excelente sombra (DGB). 3. Designação comum a várias árvores brasileiras da família das moráceas, pertencentes ao gênero *Ficus*, que dão pequenos frutos e se prestam para dar sombra, porque tem a copla muito ampla (DG). 4. Designação comum às árvores do gênero *Ficus*, da família das moráceas (DH).

Fogão (lenha) (s.m.): 1. Espécie de caixa de ferro ou de tijolos, com fomalha e chaminé, para cozinhar; fogão econômico (DGB). 2. Aparelho com uma ou mais bocas, com ou sem forno, com ou sem chaminé, onde se acende o fogo para cozinhar os alimentos. 3. Lugar nos galpões das estâncias onde se faz fogo para o chimarrão e o churrasco (DH).

G

Gado (s.m.): 1. Gado vacum (VSR). 2. O gado vacum (somente este, o gaúcho não se refere aos demais animais como sendo gado, usando o termo isolado (DGB). 3. Esta palavra serve para designar especialmente o animal bovino ou vacum (DG). 4. Conjunto de animais quadrúpedes domesticados (carneiros, cavalos, bois, cabritos, etc) que se tem como propriedade ou que se criam para uso; rebanho (DH).

Gaita (s.f.): 1. Sanfona, cordeona. É o mais popular instrumento de música do gaúcho. Se noutros tempos foi a viola, hoje é a gaita (VSR). 2. Instrumento musical campestre, pequeno e portátil, pesando de oito a quinze quilos, composto de duas caixas acústicas com dois teclados e um fole de vaivém no meio. No Brasil é conhecida como acordeom, sanfona, acordeão e harmônica, no Rio Grande do Sul o mais popular é gaita mas também é conhecida como acordeona, cordeona, cordiona, gaita-piano, gaita apianada, etc. (DGB) 3. O mesmo que sanfona. Também chamada de cordeona ou concertina (DG). 4. Pequeno instrumento de sopro que se toca fazendo-o correr por entre os lábios; harmônica (DH).

Gaiteiro (s.m.): 1. O que toca gaita (VSR). 2. Tocador de gaita, sanfona; sanfoneiro, tocador (DGB).

Galpão (s.m.): 1. Alpendre, casa aberta por um de seus lados e onde dormem os peões ou camponeses das estâncias e onde fazem seu fogão para tomar mate e churrasquear. Serve também para nele se agasalhar os animais encilhados (VSR). 2. Grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e uma outra assoalhada com madeira bruta para guardar ração, arreios, ferramentas e outros utensílios. No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes, e outros (menos as mulheres, pois trata-se de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos. 3. Estábulo que serve de abrigo para animais. 4. Alpendre, varanda, edificação junto à casa de habitação (DGB). 5. Edificação rústica e aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc. É nele que dormem os peões ou qualquer tropeiro, viajante ou carreteiro que necessite um pouso para seguir viagem no dia seguinte. E é um derredor de fogo de chão, onde o churrasco está sendo preparado, que se reúnem patrões e empregados, para matearem, contarem causos de guerras, peleias, tropeadas, de chinias mal domadas, amores, pescarias e muito mais. Não há de faltar uma cordeona ou um pinho chorando num canto enquanto o copo de canha passa de mão

em mão (DG). 6. Construção rústica, coberta, mas, em geral, sem paredes, destinada a recolher carros, máquinas, materiais etc.; alpendre, telheiro (DH).

Gaúchos (s.m.): 1. Habitante do campo, oriundo pela maior parte de indígenas, portugueses e espanhóis. São naturais não só das Repúblicas Platinas como do Rio Grande do Sul. Dão-se à criação do gado vacum e cavalariço, e são notáveis por seu valor e agilidade (VSR). 2. O habitante ou natural do Rio Grande do Sul; rio-grandense-do-sul. 3. Pessoa do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras; o homem do campo (DGB). 4. Habitante do campo, de vida aventureira, peão de estância, grande cavaleiro e ginete. 5. Habitante ou natural do Rio Grande do Sul (DG). 6. Do Rio Grande do Sul; rio-grandense-do-sul (DH).

Geadas (s.m.): 1. Orvalho congelado que forma fina camada branca sobre as folhas, o solo, os telhados. A umidade se condensa e se acumula como geada sobre objetos sólidos (DH).

Grampo (s.f.): 1. Grampo de metal que se usa para prender o cabelo (DG). 2. Prendedor de cabelo feito de arame dobrado (DH).

Guaiaca (s.m.): 1. Bolsa de couro presa a uma cinta, e na qual o viajante guarda dinheiro e outros objetos de pequenas dimensões (VSR). 2. Cinto largo de couro macio, com uma ou duas fivelas, bolso para relógio à esquerda, uma bolsinha para moedas, um bolso maior às costas e meio coldre do lado de laçar. Às vezes é feito de couro de lontra ou de camurça. 3. Costuma-se também chamar de guaiaca somente para a bolsa, integrante do cinto, destinada principalmente a guardar dinheiro. É uma invenção gauchesca (DGB). 4. Cinto largo de couro ou de camurça, provido de bolsinhos, usado para se guardar dinheiro e objetos miúdos, e também para o porte de armas (DG). 5. Cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiros, objetos miúdos, e que também é usado para o porte de armas (DH).

Guaiecas (s.m.): 1. Cachorrinho de pernas pequenas e tortas (VSR). 2. Cão pequeno, sem raça definida; cão ordinário; vira-lata, cusco (DGB). 3. O mesmo que cusco. Cão pequeno de raça ordinária (DH).

Guasca (s.m.): 1. O gaúcho rio-grandense em suma (VSR). 2. Denominação dada ao rio-grandense-do-sul, pelos demais brasileiros, devido ao emprego generalizado do couro cru, para as mais diversas finalidades, durante a chamada idade do couro. No princípio, teve significado depreciativo, mais tarde, uma significação elogiosa e aceita pelos gaúchos (DGB). 3. Nome que se dá ao gaúcho do campo, criado no interior, longe dos grandes centros. Sinônimo de valente, corajoso, bravo, forte e sobretudo rústico e de pouca cultura (DG). 4. Rio-grandense-do-sul, gaúcho (DH).

Guri (s.m.): 1. Criança, menino, piazinho, serviçal nas estâncias (VSR). 2. Piá, menino, criança (DGB). 3. Criança do sexo masculino, menino, piaquito, garoto (DG). 4. Menino, criança (DH).

L

Laçador (s.m.): 1. O campeiro que, durante os serviços de uma marcação, castração, etc, é encarregado de laçar os animais (VSR). 2. Homem destro no manejo do laço, que laça com habilidade. 3. Diz-se da pessoa que gosta de laçar bem ou mal. 4. Campeiro que nas lidas do campo é encarregado de laçar o gado (DGB). 5. Homem hábil no serviço de laçar e no manejo do laço (DG). 6. Quem é hábil para laçar bois, cavalos, etc, em movimento (DH).

Lenço colorado (s.m.): 1. Lenço de seda usado pelo tradicionalista gaúcho, nas cores mais populares, o branco e o vermelho. Além de enfeite, o lenço, por ser de seda, pode ser usado como defesa contra golpes de arma branca, cujo fio é neutralizado pela seda. No passado, foi símbolo de filiação política, conforme a cor e até o modo de atá-lo ao pescoço. O vermelho foi usado pelos farrapos e pelos maragatos; o branco, pelos guerreiros republicanos (patriotas, provisórios e pica-paus). Usam-se outras cores também, verde, azul, amarelo, bege, mas o preto sempre foi usado para o luto fechado, durante seis meses (DGB).

M

Mandioca (s.f.): 1. Planta leitosa cujas grossas raízes são ricas em amido, com largo emprego na alimentação do gaúcho, sendo algumas espécies venenosas. Muito empregada na fabricação da farinha de mesa. No Norte e Nordeste tem o nome de macaxeira e no resto do Brasil é conhecida como aipim (DG). 2. Gênero de plantas euforbiáceas, que compreende arbustos da América, cuja raiz fornece uma fécula nutritiva, de que se faz a tapioca (DH).

Manear (v.): 1. Prender com a manea as patas do cavalo ou com uma corda qualquer o boi bravio que é seguro pelas quatro patas (VSR). 2. Prender com a manea ou corda impedindo que o animal caminhe (DGB). 3. Ato de prender com uma corda ou manea, as patas do cavalo (DG). 4. Atar, amarrar co manea ou corda (DH).

Mate (s.m.): 1. A bebida resultante da infusão das folhas da *Ilex paraguayensis*, conhecida como erva-mate devidamente preparada, que se toma em cuia com o auxílio de uma bomba ou em taças (VSR). 2. O mate sem açúcar; mate-amargo, chimarrão. Amargo, verde (DGB). 3. Erva-mate. 4. As folhas dessa árvore, secas e pisadas. 5. A bebida é feita com a colocação da erva numa cuia, onde, misturada com água quente, é sorvida com a utilização de uma bomba de metal. É a bebida mais tradicional do Rio Grande do Sul (DG). 6. Bebida feita com infusão das folhas da erva-mate, depois de secas e pulverizadas; chá-mate (DH).

Matear (v.): 1. Tomar mate (VSR). 2. Tomar mate; apertar um mate; chimarrear, verdear, congonghar, amarguear (DGB). 3. Tomar mate, matejar (DG).

Meia-cancha (s.f.): 1. Variedade de dança dos fandangos, hoje pouco ou nada usada (VSR). 2. Antiga dança de roda, executada ao som de uma polca, outrora muito popular entre os gaúchos. É uma dança graciosa e romântica, sendo seu objetivo principal a troca de versos entre os dançarinos (DGB). 3. Baile rural do grupo do fandango, ao som de uma polca (DG).

Milonga (s.f.): 1. Espécie de música crioula platina, cantada ao som da guitarra (violão) e que está também com a meia-canha e o pericon adaptada entre a gauchada rio-grandense da fronteira (VSR). 2. Toada dolente, crioula, de procedência argentina, cantada ao som do violão ou da guitarra (DGB). 3. Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão (DG). 4. Canto e dança populares da Argentina e do Uruguai do final do séc. XIX (DH).

N

Novilho (s.m.): 1. Vacum novo (VSR). 2. Vacum novo. Os machos devem ser castrados, para receberem essa denominação (DGB). 3. Boi ou touro ainda novo (DG). 4. Boi novo; bezerro (DH).

P

Palheiro (s.m.): 1. Cigarro feito de fumo crioulo, enrolado em palha de milho; cigarro de palha; cigarro crioulo (DGB). 2. Cigarro de fumo crioulo enrolado com palha de milho (DG). 3. Cigarro de palha (DH).

Pampa (s.m.): 1. Dá-se o nome de pampa às extensas planícies do Rio Grande, Uruguai e Argentina, cobertas de pastagens verdes, onde vive o gado vacum e cavalari (VSR). 2. Denominação dada às extensas planícies situadas em boa parte da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul, coberta de excelentes pastagens naturais, que são intensamente aproveitadas para atividades pecuárias, destacando-se a criação de bovinos, cavalares e ovinos. No pampa, desenvolveu-se um estilo de vida peculiar simples, independente e viril. Gaúcho é o nome de seu habitante. É também usado no feminino na Argentina, no Uruguai e por alguns gaúchos brasileiros, embora seja considerado termo masculino (DGB). 3. Planície muito extensa com pouquíssimo mato mas muito rica em pastagens, típica de certas regiões do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (DG). 4. Grande planície típica da região meridional da América do Sul, rica de pastagens (DH).

Pampeano (s.m.): 1. Pertencente ou relativo ao pampa (VSR). 2. Relativo ou pertencente ao pampa, à região dos

pampas. 2. O natural ou habitante dessa região. aboletar. (DGB) 3. Relativo ao pampa. Variação de pampiano (DG). 4. Relativo à região dos pampas, ou o que é seu natural ou habitante; pampeiro (DH).

Parelha (s.f.): 1. Par de animais, especialmente bois e cavalos, geralmente com a mesma pelagem (DG). 2. Par de animais, especialmente de carga (DH).

Pelego (s.m.): 1. Pele de carneiro quadrada com lã. O uso mais ordinário é colocá-lo sobre o lombo do cavalo, quando se monta em pelo, isto é, sem arreios (VSR). 2. Pele de ovelha ou de carneiro ainda com a lã, que serve de forro, em grupo de dois ou três, ao acento dos arreios (DGB). 3. Pele de carneiro ou ovelha usada para forrar os arreios (DG). 4. Pele de carneiro com a lã usada sobre a sela (DH).

Picanha (s.f.): 1. Parte posterior da região lombar do animal, parte externa da paleta (VSR). 2. A parte posterior e lateral da região lombar da rês. 3. A carne dessa região, ótima para o churrasco: assado da picanha. 3. Anca do vacum ou cavalari (DGB). 4. Parte posterior da região lombar da rês, excelente para fazer churrasco (DG). 5. Parte de trás da região lombar da rês (DH).

Piquete (s.m.): 1. Grupo de homens a cavalo que se reúne para um determinado fim. 2. Grupo de pessoas especializado em práticas campeiras (DGB). 3. Nas estâncias, cavalo que está sempre preparado para qualquer necessidade; piqueteiro (DH).

Ponche (s.m.): 1. O mesmo que poncho (VSR). 2. Poncho (DGB). 3. Mistura de uma bebida forte com diversos ingredientes (limão, chá, açúcar) (DH).

Poncho (s.m.): 1. Vestimenta de lã mais ou menos quadrada com uma abertura no meio para enfiar a cabeça, substitui o capote a quem anda a cavalo (VSR). 2. Capa grossa inteiriça, feita geralmente de pano de lã na cor azul, com forro de baeta encarnada, no formato retangular, ovalado ou arredondado, sempre com uma abertura no meio, por onde se passa a cabeça, de modo que descansa sobre os ombros e caia até abaixo dos joelhos. O poncho é o agasalho característico do homem do sul do Brasil, especialmente do gaúcho do campo. A cavalo, protege o cavaleiro da chuva, do frio e do vento. É usado como proteção, enrolado no braço para aparar golpes dos inimigos em peleia de ferro branco. Serve também de cobertura na cama de pelegos. O poncho quando não está em uso é conduzido à garupa, enrolado e preso por tentos, na parte posterior do lombinho ou acondicionado na mala-de-poncho; ponche (DGB). 3. Capa retangular, de lã impermeável, com uma abertura no meio, usada para enfrentar frio e chuva (DG). 4. Capa de lã, quadrada, com uma abertura no centro (DH).

Q

Quero-quero (s.m.): 1. Ave de ordem dos pernaltas que vive no campo, na costa das restingas ou à beira das lagoas, sendo muito comum em todo o Rio Grande do Sul (VSR).

2. Ave da ordem dos pernaltas, da família dos caradriídeos do tamanho de uma perdiz, habita as costas das restingas, os espraiados dos rios e lagoas, os banhados e pastagens. Pousa quase que exclusivamente no chão, onde também faz o ninho e, às vezes, em telhados. Está sempre alerta, mesmo à noite, e ao menor ruído emite o estridente grito de “quero, quero!” Afasta os intrusos que se aproximam do seu ninho, indo gritar longe desse local. É uma ave agressiva que defende seu ninho com muita bravura, se for necessário. Possui, sob as asas, dois esporões que exibe aos inimigos ao mesmo tempo que solta gritos ameaçadores, fazendo sobre eles, voos rasantes. É consagrada por lei como ave símbolo do Rio Grande do Sul (DGB). 3. Ave caradriiforme, da família dos caradriídeos. Chamada pelos gaúchos de “sentinela dos pampas”. Sua coloração geral é cinzento-clara, com ornatos pretos na cabeça, peito, asa e cauda, as coberteiras maiores e abdome brancos, bicos, pernas encarnados. Vive nas várzeas, praias marítimas, margens de rios, lagoas, brejos, pastagens do interior. Não pousam em árvores ou em qualquer outro lugar que não seja o chão, onde faz seu ninho (DG). 4. Grande ave de áreas alagadas e campestre de todo o Brasil, dotada de plumagem cinzenta, cuja voz forte e característica originou o seu nome popular (DH).

Quitute (s.m.): 1. Comida especial, comida fora do trivial (VSR). 2. Comida refinada, fora do comum (DGB). 3. Comida especial, geralmente preparada quando se tem visitas importantes (DG). 4. Comida refinada; acepipe, petisco (DH).

R

Rebenque (s.m.): 1. Pequeno chicote de que usa o cavaleiro para tocar o cavalo (VSR). 2. Pequeno chicote, de cabo retovado, com uma palma de couro na extremidade; relho pequeno (DGB). 3. Espécie de chicote cuja ponta é uma tala de couro, sendo o cabo recoberto ou retovado (DG).

Republicanos (s.m.): 1. Partidário da república (DH).

Rincão (s.m.): 1. Parte de campo cercada de acidentes naturais, matos, rios, penhascos, onde se deitam a pastar os animais (VSR). 2. Porção de campo bem protegido rodeado de matos, rios, arroios ou quaisquer acidentes naturais, onde os animais podem pastar em segurança. 3. Lugar abrigado na campanha. 4. Recanto formado por acidentes naturais. 5. Toda e qualquer porção da campanha gaúcha onde haja arroio, capões ou manchas de mato. 6. Pagos, querência (DGB). 7. Na campanha gaúcha qualquer porção de campo onde haja arroio, capões ou qualquer mata (DG). 8. Trecho de campanha onde há arroios e capões ou manchas de mato (DH).

S

Sanga (s.f.): 1. Escavação funda produzida pelas chuvas ou correntes subterrâneas de água (VSR). 2. Pequeno curso d'água menos que um arroio ou regato. 3. Escavação profunda feita no terreno pelas chuvas ou correntes subterrâneas de água. 4. Lugar profundo e pantanoso, desbarrancado pelas chuvas, com grandes poças d'água (DGB). 5. Pequeno riacho, que pode secar facilmente quando é formado pelas chuvas (DG). 6. Córrego que seca com facilidade (DH).

Senhora (s.f.): 1. Dona de casa; patroa. 2. Mulher adulta ou casada (DH).

Sinhá (s.f.): 1. Forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou a patroa (DH).

T

Tablado (s.m.): 1. É empregado como sinônimo de assoalho de pontes (VSR). 2. O assoalho de madeira de uma ponte (DGB). 3. Nome que se dá ao assoalho das pontes de madeira (DG). 4. O piso de madeira de uma ponte (DH).

Tipóia (s.f.): 1. Aparelho arranjado com um lenço ou um pano qualquer que serve para deixar imobilizado o braço doente, preso ao pescoço (VSR). 2. Coisa sem valor (DGB). 3. Tira de pano ou lenço presa ao pescoço para sustentar um braço doente (DH).

Tropeiros (s.m.): 1. Pessoa que se ocupa em comprar e vender tropas de gado gordo, de mulas ou éguas. Também indica o peão que ajuda a conduzir a tropa ou que tem por profissão ser condutor de tropas (VSR). 2. Condutor de tropas (de gado, de mulas, de éguas ou de cargueiros). 3. Peão que ajuda a conduzir a tropa (DGB). 4. Condutor de tropas. 5. O que compra ou vende tropas de gado, de mulas de cargueiros (DG). 6. Condutor de tropas. 7. Condutor de bestas de carga ou de gado (DH).

Tropilha (s.f.): 1. Porção de cavalos do mesmo pêlo ou cor e que acompanham uma égua-madrinha (VSR). 2. Porção de cavalos (dez a vinte) do mesmo pêlo, e que seguem uma égua-madrinha: tropilha de baios. 3. Bando, grupo (DGB). 4. Tropa de cavalos com o mesmo pelame e que seguem a égua-madrinha (DG). 5. Agrupamento de equinos com pelame igual (DH).

V

Vaqueano (s.m.): 1. O que serve de guia em alguma viagem, por ser conhecedor dos caminhos (VSR). 2. Indivíduo conhecedor dos caminhos e atalhos de uma região, servindo de guia aos que precisam percorrê-la. 3. Indivíduo que realiza algo com prática, agilidade e destreza (DGB). 4. Diz-se do que serve de guia a outrem

como profundo conhecedor do caminho ou da região (DG). 5. Variação de baqueano; conhecedor de caminhos ou de uma região; tapejara (DH).

Varanda (s.f.): 1. Sala de jantar; varanda aberta é um alpendre feito em continuação à casa e nos fundos desta (quase sempre), onde costuma estar a família nas horas de maior calor (VSR). 2. Sala de jantar; comedor (DGB). 3. Sala de jantar (DG). 4. Balcão corrido, coberto, que circunda total ou parcialmente certas casas (DH).

Vento minuano (s.m.): 1. Vento fio e seco que vem da região do sudeste e que sopra violentamente no inverno. Esse vento é quase sempre sinal de bom tempo, pois só costuma soprar depois de muitas chuvas e temporais nos meses de julho e agosto. O gaúcho recebe-o, porém, com satisfação, adivinhando nele duros dias de inverno, mas de tempo firme e seco (VSR). 2. Vento muito frio e seco que sopra do quadrante sudoeste, no inverno e, eventualmente, no fim do outono e começo da primavera, após um período de mau tempo. Chega dos Andes, passando pela região onde habitavam os índios minuanos, dos quais herdou o nome. Dura apenas três dias, mas promove uma limpeza na atmosfera, dissipa as nuvens, enxuga as estradas e prenuncia tempo firme e seco. É acompanhado de queda de temperatura e da umidade relativa do ar (DGB). 3. Vento frio e seco que sopra do sudoeste no inverno, em geral por três dias; minuano-limpo (DG). 4. Vento que sopra da Argentina (onde é chamado de pampero) durante três dias, no inverno (DH).

Violeiro (s.m.): 1. Quem toca viola (DH).

X

Xucro (adj.): 1. Bravio, esquivo, o que não é manso (VSR). 2. Diz-se do animal ainda não domado, selvagem, bravio. 3. Diz-se do gado chimarrão, arisco, esquivo (DGB). 4. Diz-se do gado não domesticado, bravio, selvagem e do animal de cela ainda não domado. Variação de xucro (DG). 5. Não domado; bravo (DH).

Z

Zaino (s.m.): 1. Pelo ou cor de castanho carregada, porém menos que o escuro e mais que o vermelho (VSR). 2. Diz-se do animal cavalari ou muar de pelo castanho carregado, mais escuro que o tostado e o vermelho. Existem as seguintes variedades: zaino-negro, zaino-pangaré, zaino-pinhão, zaino-requeimado (DGB). 3. Diz-se do cavalo castanho-escuro, sem manchas (DG). 4. Diz-se do cavalo de pelo castanho-escuro e uniforme, sem manchas ou malhas (DH).

ANEXO D – ÍNDICE REMISSIVO DAS LEXIAS

Lexias	Pág.	Lexias	Pág.	Lexias	Pág.	Lexias	Pág.
aboletar	78	campeiro	76	derrear	80	parelha	93
achegar	78	campo	95	domar	80	pelego	102
adaga	87	candeeiro	107	encilhar	80	picanha	101
aferventar	104	canha	105	entreviro	87	piquete	87
aipim	103	capão	95	enveredar	81	ponche	105
alazão	91	capim	90	erva mate	106	poncho	100
alma penada	73	capinar	79	escaramuça	86	quero-quero	92
ambrosia	104	caranguejo	74	escravos	84	quitute	102
amolar	78	carnear	79	esporas	101	rebenque	108
animal de rapina	91	carreta	90	estância	96	republicanos	86
aparicção	73	carreteiro de charque	102	estancieiro	88	rincão	97
apear	78	carroca	90	estropiado	77	sanga	98
apessoado	76	castelhanos	83	fandango	75	senhora	83
arrebanhar	78	caudilhos	83	farrapos	85	sinhá	83
arreglar	79	cavalariano	88	farroupilhas	83	tablado	108
arreios	107	cavalhada	93	figueira	90	tipóia	108
arreliação	81	centauro	76	fogão (lenha)	106	tropeiros	89
arrematar	79	cerração	98	gado	91	tropilha	93
assado	102	chamusquear	104	gaita	75	vaqueano	89
assador	87	chão	95	gaiteiro	88	varanda	98
bailanta	74	chapéu de barbicacho	99	galpão	97	vento minuano	99
baio	91	charque	103	gaúchos	85	violeiro	89
bandear	79	charqueada	96	geada	98	xucro	77
banhado	94	charqueador	88	grampo	101	zaino	93
barbaridade	82	charruas	84	guaiaca	101		
barranca	94	chimarrão	105	guaipecas	92		
barulheira	86	chimarrita	75	guasca	77		
boiada	93	chinas	84	guri	82		
boiguacu	74	chiripá	100	laçador	89		
boitató	74	chupar	80	lenço (colorado)	101		
boleadeira	87	churrasco	103	mandioca	104		
bolicho	94	cigarro de palha	106	manear	81		
bomba	107	companheira	82	mate	105		
bombacha	99	continente	96	matear	81		
boqueirão	94	continentinos	84	milonga	76		
bota (couro negro)	100	corcovear	80	novilho	92		
buenacho	82	coxilha	96	palheiro	106		
bueno	82	cuia	108	pampa	97		
Campanha	95	cusco	91	pampeano	77		